UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

NADINI DE ALMEIDA LOPES

Radiorreportagem: referências para a prática, o ensino e a pesquisa

Versão corrigida

São Paulo
2013

NADINI DE ALMEIDA LOPES

Radiorreportagem: referências para a prática, o ensino e a pesquisa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP) para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Área de Concentração: Estudo dos Meios e da Produção Mediática

Orientador: Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly

São Paulo
2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Lopes, Nadini Almeida
Radiorreportagem: referências para a prática, o ensino e a pesquisa / Nadini Almeida Lopes. -- São Paulo: N. A. Lopes, 2013.
106 p.: il. + DVD .

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Orientador: Luciano Victor Barros Maluly
Bibliografia

1. radiorreportagem 2. radiojornalismo 3. recursos sonoros 4. tecnologia 5. repórter I. Maluly, Luciano Victor Barros II. Título.

CDD 21.ed. - 070

Nome: LOPES, Nadini de Almeida

Título: Radiorreportagem: referências para a prática, o ensino e a pesquisa

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP) para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedico esta pesquisa à minha mãe, Aparecida de Almeida, por ser o porto seguro, a nutridora, o colo, a bronca e o acalanto. Por todas as páginas do livro de sua vida pessoal que ela não escreveu para dar, a mim e ao meu irmão, a tinta e o papel para que escrevêssemos as nossas.

AGRADECIMENTOS

À Deusa em todas as suas faces por me abençoar, proteger, disciplinar e ensinar. Ela que, sob a face de Atena, me deu energia e iluminou minhas palavras e pensamentos.

Ao meu orientador Luciano Victor Barros Maluly pela paciência, compreensão e sabedoria compartilhadas.

Aos meus avós Genny Magosso de Almeida e Joel Batista de Almeida, por terem sido os pilares de construção dos meus valores compostos com o seu amor e cuidado.

À minha mãe Aparecida de Almeida por toda a minha formação intelectual e por sempre acreditar em mim e me estimular a crescer e ir além.

Ao meu pai Roberto Maekawa, por desempenhar brilhantemente este papel, me apoiar, ajudar e acompanhar em todos os momentos da minha vida.

Ao meu irmão Danilo Romão Lopes pela segurança, proteção, companheirismo, amor, amizade, por me ouvir e mostrar que sempre estará presente na minha vida.

À Analu Bruetto por me incentivar, ouvir, amar, acreditar, apoiar em todos os momentos e ser o principal motivo de inspiração das minhas buscas e sonhos.

À minha irmã Patrícia Muccino por ser a melhor amiga e a metade que me completa, preenche e transforma a aventura da vida em uma jornada plena e feliz.

Ao meu Sacerdote Claudiney Prietto por ser meu pai, amigo, irmão, conselheiro e mestre. Por me ensinar a crescer e a forjar o meu caráter com amor e sabedoria.

Às minhas Iniciadas Rose Hirasike e Júlia Gouveia pela compreensão nas minhas ausências, pelo carinho, pela paciência e por representarem os meus maiores motivos de orgulho.

A todos os membros da Tradição Diânica Nemorensis, por serem meus irmãos e irmãs e por serem a personificação das grandes mudanças que queremos no mundo, as vozes sagradas da Grande Mãe e a minha família mágica e espiritual.

À Gabriela Trevisan, minha amiga e irmã de caminho espiritual e de vida, pela revisão feita com tanto carinho, amor e atenção.

A Isadora Amaranta Escorza, Camila Maiotto e Juliana Marchioretto, William Paolieri e Bruno Marinho por serem a minha base de amor, amizade e apoio incondicional.

Ao professor Rodrigo Manzano, que infelizmente não está mais entre nós, mas que é meu exemplo de competência, sabedoria e amor e que me ensinou não somente sobre a profissão que escolhi, mas também que este caminho é uma arte.

À professora e amiga Marcia Furtado Avanza pelo apoio, direcionamento, conselhos e inúmeras palavras de carinho durante toda esta jornada.

À professora Gisely Hime por ter desperto este desejo acadêmico quando, na graduação, disse que meu perfil se encaixava perfeitamente nas inquietações do mundo científico.

Ao professor Enio Moraes Júnior pelo apoio, carinho, amizade e pelas sempre presentes doces palavras.

Ao professor Renato Levi Pahim pelas considerações, apontamentos e direcionamento que me auxiliaram a embasar esta pesquisa.

Ao Paulo César Bontempi pelo carinho, risadas, conselhos e ajuda em todos os momentos de desespero e dificuldade. O CJE não seria o mesmo sem a sua alegria.

A toda a equipe da Secretaria de Pós-Graduação de Comunicação (PPGCOM), funcionários do CJE e aos colegas da ECA/USP pelas boas trocas e ajuda.

Aos professores e profissionais entrevistados e que possibilitaram a realização dessa pesquisa doando seu tempo e sua sabedoria, meu respeito e carinho.

Aos colegas Rúbia Guimarães Piancastelli, Maria Cristina Rosa de Almeida, Beatriz Trezzi Vieira, Carlos Tavares Júnior e Vivian Neves Fernandes, a minha admiração, carinho e respeito.

À Débora Raposo da Rádio Bandeirantes e ao grande mestre Milton Parron, a minha gratidão e amor por terem me ensinado a prática do radiojornalismo e por serem grandes responsáveis pela minha paixão por este tema.

RESUMO

LOPES, N. A. **Radiorreportagem: referências para a prática, o ensino e a pesquisa**. 2013. 106 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Com a crescente transformação no campo tecnológico, o jornalista é imerso diariamente em novos desafios que mudam não somente a forma de pensamento, mas também o fazer da profissão. No radiojornalismo, esse percurso deve ser avaliado com cuidado. Primeiramente é importante desconstruir a ideia de ascensão e queda desse meio de comunicação a cada novidade que surge.

A radiorreportagem pode ser vista como a mais importante das atividades do repórter de rádio. Esse deve ser o momento em que ele prepara para o ouvinte um material rico em sons ambientes para que ele seja facilmente transportado para a cena relatada.

Porém, muitas mudanças ocorrem na sociedade contemporânea e transformam essa relação, sendo uma das principais o conceito de convergência das mídias que resignifica a compreensão da radiorreportagem e o papel do repórter de rádio.

Doze entrevistados acadêmicos e profissionais foram ouvidos e teceram uma análise sobre os principais pontos de discussão ao redor desse tema: o conceito de radiorreportagem, a evolução dos aparatos técnicos, convergência das mídias e internet, a importância da linguagem radiofônica e o ensino de radiojornalismo nos bancos das universidades buscando auxiliar os profissionais da área de rádio quanto à prática, ao ensino e à pesquisa.

Palavras-chave: radiorreportagem, recursos sonoros, tecnologia, repórter, radiojornalismo.

ABSTRACT

LOPES, N. A. **Broadcast journalism: references to practice, teaching and research**. 2013. 106 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Following the never-ending changes in technological field, journalists are undergoing new challenges day after day, reshaping not only the ways of thinking, but the very nature of doing things in this profession as well. In broadcast journalism, this path must be considered with special care. At first, is paramount to unfold the idea of rise and fall of this media every time a new media appears.

Broadcast journalism might be seen as the most important activity for radio journalists. Is just the time when he or she prepares for his or her audience a material carved with environmental sounds to place them into the described scene with ease.

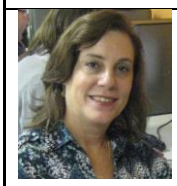
Nevertheless, a myriad of changes occur in modern day society and transform this relation, being the media convergence concept one of those major changes, unveiling a new meaning on the understanding of broadcast journalism and the role of radio journalists.

Twelve scholars and professionals were interviewed, having the opportunity to analyze the main discussion topics on this subject: broadcast journalism concept, technical gear evolution, media and internet convergence, importance of radio-specific language and teaching of broadcast journalism in College chairs aiming to support radio professionals in regard to teaching and research.

Keywords: broadcast journalism, sound resources, technology, journalism, broadcast journalism.

LISTA DE ENTREVISTAS

NOME		INSTITUIÇÃO	MINICURRÍCULO	DATA
	Milton Parron	Rádio Bandeirantes/ Rádio USP	Apresentador e coordenador do Centro de Documentação e Memória da Rádio Bandeirantes. Foi repórter durante muitos anos e cobriu diversas situações históricas na capital paulistana. Também é apresentador da Rádio USP.	24/08/12
	Fábio Rubira	Rádio USP	Jornalista formado pela Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho e repórter da Rádio USP. Vencedor de vários prêmios, entre eles com a radiorreportagem sobre os cinquenta anos da União Europeia, entre outros.	30/08/12
	Marcelo Cardoso	Unisa	Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero. Professor de Jornalismo e Rádio e TV na Universidade de Santo Amaro e no Centro Universitário Fiam-Faam.	03/09/12
	Suely Maciel	Unesp	Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás, mestre em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo e doutora em Ciências da Comunicação pela mesma instituição. É docente da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho.	22/02/13
	Lenize Villaça	Mackenzie	Graduada pela Universidade Estadual de Londrina, *latu sensu* pela Faculdade Cásper Líbero e mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Atualmente é professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie.	30/10/12
	Nivaldo Ferraz	Anhembi Morumbi	Doutorando em Ciências da Comunicação e mestre na mesma área pela na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Graduado em jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo. Atualmente é coordenador do curso de Jornalismo da Anhembi Morumbi.	31/10/12

	Álvaro Bufarah	Faap / Rádio Globo	Graduado em Jornalismo pela Universidade São Judas Tadeu, possui especialização em Política Internacional pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e mestre em Comunicação e Mercado pela Faculdade Cásper Líbero. Atualmente é professor da Fundação Alvares Penteado.	28/02/13
	José Eugênio de Menezes	Cásper Líbero	Doutor em Ciências da Comunicação pela USP, mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP; graduado em Jornalismo pela Universidade Metodista de Piracicaba e em Filosofia pelo Centro Universitário Salesiano. Atualmente é professor da Faculdade Cásper Líbero.	02/10/12
	Luiz Santoro	USP	Graduado em Rádio e TV pela Escola de Comunicação e Artes da USP, mestre em Artes Contemporâneas pela Université de Provence, França, e doutor em Ciência da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP.	31/10/12
	Mariza Tavares	CBN	Jornalista formada pela Universidade Federal Fluminense e mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é diretora nacional de jornalismo da CBN.	14/02/12
	Marcia Detoni	Mackenzie / BBC	Bacharel, mestre e doutora pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Foi repórter e correspondente internacional da BBC. Atualmente é professora de jornalismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie.	03/04/13
	Julio de Paula	Rádio Cultura	Radialista e professor de montagem de som na Faculdade Cásper Líbero. Também atua como diretor de programas da Rádio Cultura, tendo trabalhado em produções de sucesso como o projeto “Veredas – música e tradição popular no Brasil” e do “Supertônica”.	05/05/13

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 13

2. RADIORREPORTAGEM: A RELAÇÃO ENTRE A LINGUAGEM E O OUVIR 22

2.1 A produção 23

2.2 As novas mídias 25

2.3 O ouvinte 27

3. PUBLICAÇÕES E AUTORES 32

3.1 O repórter e a radiorreportagem 33

4. RADIORREPORTAGEM: O PENSAMENTO DE ACADÊMICOS E PROFISSIONAIS 43

4.1 Conceitos 43

4.2 Aparatos técnicos 53

4.3 Convergência das mídias e internet 62

4.4 Linguagem radiofônica 77

4.5 Ensino do radiojornalismo 90

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 100

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 104

APÊNDICE (DVD) – ENTREVISTAS

1. INTRODUÇÃO

O que é radiorreportagem? Como é a prática? Como a radiorreportagem é ensinada nos bancos das universidades? Quais são os novos desafios dos profissionais, professores e pesquisadores em relação à radiorreportagem e ao mundo digital?

Estas perguntas foram algumas das que estavam presentes no início desta pesquisa. Quando ainda era um projeto de trabalho, a ideia sobre gênero, sobre o motivo que impulsiona os ouvintes a esta busca por qualidade da informação, a questão da credibilidade, os reflexos da convergência das mídias na produção e a concepção da radiorreportagem instigaram o início desta pesquisa. Esses questionamentos tinham o objetivo de compreender as transformações sofridas pela radiorreportagem assim como seu percurso conceitual e prático ao longo dos tempos.

Cada vez mais se observa o crescimento do mundo digital e, com isso, a necessidade de adaptação, até mesmo do mercado. Existe uma cobrança para que os profissionais de jornalismo dominem todas as ferramentas necessárias para produção de conteúdo nas diferentes mídias. Entre estas transformações estão o crescimento das redes sociais, a diferenciação entre os conceitos de informação e conhecimento e o fluxo de notícias.

Outro questionamento diz respeito à jornada pela compreensão das necessidades da sociedade que consome as informações e a tentativa de diferenciação dos veículos que ou seguem o ritmo estimulado pela internet e continuam seu interesse por informar rasamente sobre tudo, ou compreendem que as diferentes plataformas possibilitam que cada pessoa busque informações em um canal diferente de acordo com o seu interesse e sua afinidade com cada plataforma.

No campo acadêmico surgem dúvidas quanto ao jovem recém-chegado à universidade e sua relação com o radiojornalismo, além do ensino que deve começar com a descoberta do meio e a iniciação às suas potencialidades.

Desse modo, esta pesquisa observa os conceitos de radiorreportagem presentes nos livros e manuais, teses e dissertações e, por meio de entrevistas, considera a opinião de acadêmicos, pesquisadores e profissionais do radiojornalismo. Ao mesmo tempo por meio da análise de três radiorreportagens, a pesquisa busca a confrontação dos dados teóricos com a prática da radiorreportagem.

Nesse contexto, os conceitos sobre as questões digitais, de evolução tecnológica e da convergência das mídias consideram apontamentos atuais quanto à atuação do repórter de rádio e a definição do produto: a radiorreportagem.

Antes de buscarmos conceituar a radiorreportagem para compreender os caminhos deste trabalho, é importante reforçar que alguns autores utilizam o termo reportagem genericamente, sendo que outros utilizam o termo radiorreportagem, diferenciando-a como sendo do meio radiofônico.

A radiorreportagem é um elemento essencial para os noticiários porque, com a presença do repórter, o programa ganha credibilidade, de um lado, pela aproximação do ouvinte com o fato e, de outro, pelas informações a serem disponibilizadas na matéria. Esse gênero possibilita um relato ampliado da notícia que, para o jornalista e pesquisador José Marques de Melo, é o "relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística" (MELO, 1994, p. 64).

A radiorreportagem proporciona uma relação diferenciada com o ouvinte, tendo em vista que, ao contrário de outros gêneros, ela precisa de informações mais aprofundadas e utiliza recursos sonoros nos quais até mesmo o ruído tem sentido. O autor André Barbosa apresenta uma visão convergente com a do professor Marques de Melo no sentido em que ele observa a reportagem, neste caso a radiorreportagem, como um mecanismo de ampliação da visão superficial do jornalismo que auxilia os ouvintes a uma noção mais ampla e profunda a respeito do fato narrado (BARBOSA, 2003, p. 89).

O pesquisador Marcelo Cardoso reforça a importância de fundamentar o estudo sobre os aparatos técnicos e seus efeitos acústicos sobre os ouvintes, "observando o campo da cognição humana, as reações que os ruídos, a palavra, a voz e outros elementos da linguagem radiofônica provocam" (CARDOSO, 2010, p. 68).

Ao estudar a rádio portuguesa TSF, o jornalista e professor português João Paulo Meneses revela a importância da produção (da reportagem) no local onde os fatos acontecem. O autor apresenta três exemplos diferentes para traduzir a condução do gênero: uma conferência de imprensa no parlamento, uma investigação sobre um imigrante clandestino ou um enviado especial à guerra. Meneses traduz o conceito de radiorreportagem como:

> A ideia de exterior, de deslocação, fazendo justiça à etimologia da palavra em latim que significa transportar, levar [...] aos ouvintes as informações

> apuradas pelo repórter [...] Reportagem é, neste sentido, tudo aquilo que não pode ser feito em estúdio. (MENESES, 2003, p. 189)

Um exemplo desse tipo de relato foi a cobertura do jornalista Milton Parron no incêndio do edifício Joelma. O jornalista descreve o acontecimento no texto *O radiorrepórter* reforçando a importância dos detalhes e sua dificuldade para controlar a emoção no momento da transmissão.

> Vinte e uma dessas mortes foram por mim relatadas, e acredito que, até hoje, não se registrou semelhante desafio. Uma multidão, contida por cordas de isolamento, se dava as mãos, orava em voz alta; outros soluçavam, enquanto muitos gritavam histericamente e até desmaiavam. A mim não era dado o direito de manifestar qualquer reação emocional, até por que tinha sido doutrinado para manter a frieza e a racionalidade em situações como aquela. Não era uma missão fácil, razão pela qual, como conta-gotas, vozes da redação, alternando-se, continuavam me alertando para o nosso manual de conduta: "Calma! Não exagere!". (PARRON, 2002, p. 39)

A pesquisadora Flávia Bespalhok, em sua dissertação de mestrado *A prática da reportagem radiofônica na Emissora Continental do Rio de Janeiro*, cita outro exemplo, as radiorreportagens produzidas pela Rádio Continental do Rio de Janeiro, como a matéria sobre a explosão dos paióis cuja cobertura foi realizada pelo jornalista Saulo Gomes:

> Muito mais intensidade agora. Proibiram a entrada da reportagem. Entretanto, estamos caminhando por um caminho paralelo ao local das explosões, a mais ou menos 800 metros, onde, temos a impressão, estamos conseguindo na nossa máquina portátil, gravar a série de explosões, muita atenção ouvintes. (BESPALHOK, 2006, p. 151)

Ao analisar a cobertura da rádio sobre a explosão dos paióis do Exército e suas considerações sobre a radiorreportagem de cobertura do assassinato de Rudolf Karousos, a autora utilizou o arquivo sonoro, que não estava na íntegra, e considerou a transcrição dos materiais em áudio para dar sequência às análises.

Ambas as formas relatadas reforçam o conceito descrito quanto à importância dos detalhes e da profundidade da radiorreportagem para o ouvinte. O estudo de Bespalhok se

aprofundou nas características do meio radiofônico, na linguagem, na voz, na música, nos efeitos sonoros, no silêncio, nos diferentes formatos, na reportagem simultânea (*ao vivo*) e na reportagem diferida.

A primeira radiorreportagem analisada pela pesquisadora não se enquadra na categorização de reportagem simultânea e diferida. E, ao mesmo tempo, "não se ajusta cabalmente na definição dos níveis de vivo" (BESPALHOK, 2006, p. 157).

> A reportagem, entretanto, possui o aspecto de ser feita concomitantemente ao desenrolar dos fatos, o que a encaminharia para a classificação do vivo em quarto grau. Contudo, há isocronia somente de três tempos: o do acontecimento, o do relato improvisado e o da enunciação. O quarto pilar que sustenta o mais alto nível de vivo não se configura: a recepção. (BESPALHOK, 2006, p. 157)

Nesse exemplo, a pesquisadora analisou o roteiro, a utilização do som ambiente, a forma da narração, a possibilidade de transmitir veracidade e reforçar a credibilidade dos fatos, a importância do timbre da voz e do ritmo da locução, o texto e a utilização das palavras e expressões.

A análise da autora considera a importância de a realidade ser predominante no rádio como fatores fundamentais para a análise da cobertura da Rádio Continental do Rio de Janeiro sobre a explosão dos paióis. Ela explica que o primeiro nível de ao vivo é o momento em que há simultaneidade entre a enunciação e a recepção; o ao vivo em segundo grau considera as condições de produção da mensagem radiofônica, tendo sido previamente redigida ou até mesmo memorizada, "mas que ganha um aspecto vivo no momento de sua interpretação ao microfone" (BESPALHOK, 2006, p. 133). O terceiro grau de ao vivo considera a mensagem que não foi escrita previamente e possibilita a improvisação, sem nenhum tipo de planejamento anterior à narração. Já o quarto grau é quando "essa transmissão sem texto previamente escrito acontece simultaneamente ao desenrolar dos fatos" (BESPALHOK, 2006, p. 133).

Para a pesquisadora, a reportagem elaborada pela Rádio Continental do Rio de Janeiro pode ser categorizada como sendo uma simultânea ou o "ao vivo em quarto grau, quando o acontecimento, a produção do texto, a narração e a recepção ocorrem ao mesmo tempo" (BESPALHOK, 2006, p. 134).

A reportagem diferida, que é transmitida depois da ação, por meio da montagem do áudio, permite ao jornalista a apreciação do material coletado para que ele possa ressaltar os principais aspectos que serão noticiados.

> A estrutura da reportagem diferida é também bastante flexível e abre um leque de possibilidades para que o repórter explore o material que tem às mãos de maneira criativa e sem a pressão de ter que contar a história em poucos segundos, como ocorre na notícia. (BESPALHOK, 2006, p. 138)

Dessa forma, percebe-se que a radiorreportagem possui diversos formatos e, consequentemente, modos distintos de se aproximar do ouvinte. Em cada situação, o repórter de rádio utiliza os recursos disponíveis àquela reportagem, seja ela ao vivo, gravada, simultânea, com textos escritos previamente, com o uso do improviso e efeitos sonoros ou, simplesmente, com o mais puro áudio da cena descrita, facilitando assim o despertar da *sensorialidade* do ouvinte para a cena reportada.

Sendo assim, a radiorreportagem permite a amplitude da notícia, principalmente diante da citada *sensorialidade*. Esse é um conceito que faz parte das características do rádio descritas por Gisela Ortriwano em suas pesquisas. A ideia reforça que a imaginação é um importante recurso que convida o ouvinte a mergulhar no que está sendo noticiado, como se ele mesmo participasse das ações narradas.

> O rádio envolve o ouvinte, fazendo-o participar por meio da criação de um "diálogo mental" com o emissor. Ao mesmo tempo, desperta a imaginação através da emocionalidade das palavras e dos recursos de sonoplastia, permitindo que as mensagens tenham nuances individuais, de acordo com as expectativas de cada um. (ORTRIWANO, 1985, p. 80)

Essa ideia de mergulho é traduzida por Edgar Morin (Langie[1], 2005, p. 36) ao estudar cinema e as questões que envolvem a identificação do telespectador com os atores apresentados em cena; a identificação é a busca daquilo que está fora para relacionar com o que está dentro. "A mais banal 'projeção' sobre outrem – o 'eu ponho-me no seu lugar'" – é uma identificação de mim com o outro, identificação essa que facilita e convida a uma identificação do outro: esse outro se tornou assimilável. Adaptada à radiorreportagem, essa

[1] Cíntia Langie Araújo é mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), com a pesquisa intitulada: "A sedução nas telas do cinema: uma análise dos trailers de Cazuza e Olga".

identificação e esse mergulho são diferenciados. Os recursos sonoros possibilitam que o ouvinte utilize a imaginação para desenhar a identificação com aquilo que está sendo relatado. Sem a utilização da visão, que possibilita a seleção da imagem, esse processo de identificação pode se tornar mais puro com a percepção sensorial do ouvinte.

Outro importante elemento é o *imediatismo* proporcionado pelo rádio. A matéria é transmitida em tempo real, com a utilização de uma série de recursos captados e transmitidos *in loco*. O trabalho do repórter pela transmissão a partir do local onde as ações estão acontecendo aproxima o ouvinte da cena relatada e reforça a credibilidade.

> Os fatos podem ser transmitidos no instante em que ocorrem. O aparato técnico para a transmissão é menos complexo do que o da televisão e não exige a elaboração necessária dos impressos para que a mensagem possa ser divulgada. O rádio permite "trazer" o mundo do ouvinte enquanto os acontecimentos estão se desenrolando. (ORTRIWANO, 1985, p. 80)

A *interatividade*, por meio da participação do ouvinte, é outro recurso que pode ser explorado durante uma cobertura. A possibilidade da participação ao vivo, seja por aparatos tecnológicos como o telefone ou internet, seja no local (estúdio ou externas), coloca o ouvinte como integrante do processo da radiorreportagem, como explica a pesquisadora Suely Maciel:

> [...] entende-se que a interatividade no rádio não depende exclusivamente dos aparatos tecnológicos para se efetivar. Eles servem para facilitá-la e torná-la mais explícita, trazê-la para o plano concreto, do "audível". As trocas e a mútua influência discursiva entre os interlocutores nesse tipo de comunicação sempre ocorrem e isso é intrínseco ao discurso radiofônico. Pode-se afirmar, assim, que a interatividade também é uma característica do rádio a se somar às pertinentemente discutidas por Gisela Ortriwano. Afinal, a interatividade, pensada como relação mútua ativa entre os sujeitos do processo comunicacional, é característica de toda comunicação discursiva. Ela não figura apenas na conversação, pois o destinatário, ainda que não "fale", sempre se mantém numa posição responsiva ativa e, dessa forma, atua diretamente na configuração do enunciado. Interatividade é diálogo, restrito ou ampliado. (MACIEL, 2010, p. 210)

A radiorreportagem apresenta o factual com profundidade, pelos recursos utilizados pelo repórter. A captação dos sons ambientes e a necessidade de transmitir ao ouvinte a riqueza dos detalhes fazem que esse gênero seja diferenciado, pois contempla esses elementos da linguagem radiojornalística. “Opino, pois, que vocês deveriam aproximar-se mais dos acontecimentos reais com os aparelhos e não se limitar à reprodução ou à informação” (MEDITCH, 2005, p. 37). Dessa forma, as principais características apresentadas (interatividade, imediatismo e sensorialidade) podem ser justificadas por meio da linguagem, ou mais, dos recursos a serem utilizados na radiorreportagem.

Mesmo com a internet e as novas tecnologias preenchendo diversos espaços noticiosos com rapidez e alcances diferenciados, mais uma vez, a credibilidade do radiojornalismo reforça as circunstâncias que levam os ouvintes a sintonizar suas emissoras de rádio. A narração aproxima o ouvinte da notícia e a necessidade de imaginar o que está sendo descrito pode reforçar essa aproximação. Além disso, outra propriedade do rádio é o fato de ser um veículo companheiro, não sendo necessária a interrupção de suas atividades para ouvi-lo e cuja descrição possa ser tão rica a ponto de transportar o ouvinte, que passa a ser coadjuvante da cena noticiada. Ao citar os quatro tipos clássicos de recepção das mensagens radiofônicas explicados por Abraham Moles, Ortriwano (1985, p. 82) cita a característica da companhia como: “o ouvinte presta uma atenção marginal interrompida pelo desenvolvimento de alguma atividade paralela”.

A discussão sobre a prática da radiorreportagem elaborada externamente, com a utilização dos sons ambientes, entrevistas ao vivo e com a participação do repórter *in loco* (passagem) é a principal hipótese desta pesquisa. Como contraponto, com a redução das equipes e a dificuldade de deslocamento do repórter para a cobertura no local, essa questão poderá contribuir para a compreensão da produção das radiorreportagens e, principalmente, na compreensão conceitual a partir desse painel.

A **hipótese** quanto ao processo jornalístico e conceitual da radiorreportagem é de que o ouvinte, ao buscar se aprofundar em uma notícia, o faz por meio da radiorreportagem por necessitar uma “notícia de qualidade”, por meio da diversidade de informações trazidas pelos repórteres por meio de pesquisa, entrevistas e passagem *in loco*. E tanto o gênero (reportagem) quanto o meio (rádio) alimentam essa busca. Desse modo, os depoimentos dos profissionais da área giram em torno de uma única pergunta: o que é a radiorreportagem e como ela se desenvolve?

A **justificativa** deste estudo se encontra na importância da compreensão do fazer jornalístico, especificamente a radiorreportagem, seus conceitos e prática. A relevância dessa

análise apresenta uma visão conceitual sobre o processo que compõe a radiorreportagem e a busca dos ouvintes por informações aprofundadas e que, com a construção da paisagem sonora, possam auxiliar na sua transposição para a cena relatada. Dessa forma, este trabalho também é uma contribuição tanto para a prática quanto para o ensino do radiojornalismo.

Como **objetivo geral**, esta dissertação busca encontrar e analisar os conceitos de radiorreportagem encontrados em publicações (livros, teses e dissertações) e depoimentos dos profissionais que atuam como repórteres nas emissoras de rádio. Por meio dessa análise, o trabalho possibilita uma leitura para a compreensão do tema, com a intenção de promover uma visão moderna e diferenciada da radiorreportagem na teoria e na prática, levando em consideração diversos aspectos, entre eles os desafios digitais e o ensino em comunicação.Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa conduz à identificação dos conceitos de radiorreportagem que são utilizados no mercado e na academia.

Já os principais **objetivos específicos** levam a um debate sobre as características do gênero, bem como sua utilização com o advento das tecnologias, principalmente as mídias digitais, e a transformação no ensino da comunicação, em especial do radiojornalismo. Eles respondem aos seguintes questionamentos: por qual motivo a radiorreportagem se diferencia dos outros gêneros; quais os traços em comum entre os conceitos e a prática da radiorreportagem; qual a importância da captação dos sons ambientes no processo de reportar a notícia; quais as mudanças na prática da radiorreportagem e na interação com o ouvinte por conta dos adventos tecnológicos; qual a importância da interatividade na construção da radiorreportagem; e como o rádio é um veículo que promove e reforça a democracia e os conceitos de cidadania.

A **metodologia** utilizada se define, no primeiro momento, por meio de um levantamento sobre o(s) conceito(s) de radiorreportagem existente(s) em bibliografias (livros, teses, dissertações, monografias, ensaios e artigos, entre outros), sendo complementado pelo pensamento de especialistas em jornalismo, entre profissionais e acadêmicos.

Neste contexto, foram selecionados doze entrevistados, sendo seis acadêmicos e seis profissionais da área do radiojornalismo que, de uma forma geral, responderam às seguintes perguntas:

- O que é a radiorreportagem e como é elaborada?
- Como a radiorreportagem é produzida considerando os aparatos técnicos e tecnológicos?

- Como se definiriam as transformações sofridas pela radiorreportagem neste breve século?
- Como se definiriam as transformações sofridas pela radiorreportagem quanto à convergência das mídias e internet?
- Qual a opinião sobre a linguagem radiojornalística?
- Qual a visão sobre o ensino do radiojornalismo nos bancos das universidades?

Tanto as perguntas quanto as respostas foram feitas de forma aberta, respeitando o curso natural da entrevista, considerando questionamentos que surgiam no momento da entrevista. As entrevistas foram cedidas com exclusividade para a elaboração dessa pesquisa.

As respostas foram agrupadas em cinco temas-eixo que permearam as entrevistas: a) conceito; b) aparatos técnicos; c) convergência das mídias e internet; d) linguagem radiofônica; e e) ensino de radiojornalismo. Estes conceitos buscaram construir um panorama que possa auxiliar profissionais e acadêmicos da área quanto a prática e o ensino do radiojornalismo nas universidades.

Nas considerações finais, os conceitos encontrados no decorrer da pesquisa (bibliografias e entrevistas) foram traduzidos como base para a construção de um conceito contemporâneo de radiojornalismo que possa servir de referencial para os estudos na universidade, para a prática e também para a pesquisa.

É importante observar que muitos autores, pesquisadores, professores e profissionais da área de radiojornalismo utilizam o termo reportagem genericamente, porém muitos utilizam o termo radiorreportagem, diferenciando-a como sendo do meio rádio.

2. RADIORREPORTAGEM: A RELAÇÃO ENTRE A LINGUAGEM E O OUVIR

Ele tem a cor da imaginação, que é a cor, pra mim, mais linda que existe, porque o ouvinte recria, cria suas próprias imagens conforme o que está ouvindo.

Roque Viana

Pode-se dizer que o período de profissionalização do radiojornalismo está relacionado à radiorreportagem desde o período da Segunda Guerra Mundial, quando o rádio era o principal meio de comunicação de massa.

> O embrião, por exemplo, da reportagem ao vivo que se tem hoje com tanta facilidade, vem do final da década de 1930, quando na 2ª Guerra Mundial as patrulhas passam a serem equipadas com rádios-transmissores. Desde o início, portanto, o rádio foi utilizado como meio de entretenimento e também como um veículo que poderia transportar, a grandes distâncias e de forma instantânea, qualquer tipo de informação. (WITIUK[2], 2007, p. 70-71)

A pesquisadora e professora Flávia Bespalhok[3], da Universidade Estadual de Londrina, revela na pesquisa "A prática da reportagem radiofônica na emissora Continental do Rio de Janeiro" que a Rádio Continental do Rio de Janeiro, surgida em 1948, foi uma das pioneiras a utilizar a radiorreportagem em suas transmissões (BESPALHOK, 2006, p. 12), assim como a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, a Rádio Record de São Paulo e a Rádio Sociedade.

Ao falar das grandes coberturas, a pesquisadora cita a explosão dos paióis do Exército em Deodoro e o comprometimento do rádio em estar em todos os lugares. "Em pleno século XXI, o rádio ainda é o campeão de audiência entre os meios de comunicação de massa eletrônicos, das sete da manhã às sete da noite" (BESPALHOK, 2006, p. 11). Ao ler essa frase, é possível pensar nas razões pelas quais o rádio, desde o seu surgimento, se mantém

---

[2] Luis Witiuk é mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP) e desenvolveu sua pesquisa sobre o radiojornalismo em Curitiba sob o título de "Um olhar sobre o radiojornalismo em Curitiba", em 2007.

[3] Flávia Lúcia Barzan Bespalhok é doutoranda em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), em 2010, e Mestre pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) com a pesquisa intitulada: "A prática da reportagem radiofônica na Emissora Continental do Rio de Janeiro.

como veículo fundamental na rotina da maioria das pessoas. A busca por informações de qualidade, a credibilidade e a capacidade sensorial fazem com que ele permaneça favorito nos lares, nos trajetos de carro ou durante a execução de outras atividades.

E a importância da reconstituição dos espaços sonoros na radiorreportagem é descrita pela pesquisadora ao citar a análise do documentário de retrospectiva de 1968, produzido pela Rádio Jornal do Brasil, sob o título de "Sonoridade e resistência". A autora comenta que a utilização dos sons ambientes funcionou como um contrabando de informação ou, pode-se dizer, informações veladas, em um momento em que esse tipo de notícia estava proibido. "O som da rua fez um contraponto ao som do estúdio, que reproduzia, na voz dos locutores do documentário, a versão dos fatos de acordo com o interesse da ditadura militar" (BAUMWORCEL, 1999, p. 8).

O autor português João Paulo Meneses [4] (2003, p. 189-190) afirma que a radiorreportagem está intrinsecamente relacionada "à ideia de exterior, de deslocação, fazendo justiça à etimologia da palavra em latim que significa transportar, levar aos ouvintes as informações apuradas pelo repórter". Para o autor, "reportagem é tudo aquilo que não pode ser feito em estúdio". Em sua análise sobre o estilo da Rádio TSF, em Portugal, objeto do estudo, leva em consideração a máxima: "Vamos ao fim da rua, vamos ao fim do mundo. É isso a reportagem" (MENESES, 2003, p. 189-190).

Com essa afirmação, é possível observar uma das principais características da radiorreportagem, que diz respeito à saída do jornalista às ruas. A importância de o repórter de rádio captar os sons e as informações para transmitir o relato com riqueza de detalhes possibilitará ao ouvinte um mergulho nessas ações relatadas e a profunda compreensão daquilo que está acompanhando.

Este é o contexto de base para o capítulo inicial sobre a produção da radiorreportagem, o papel do ouvinte e a mudança do meio na Era Digital, que formam uma amostra dos capítulos posteriores.

2.1 A produção

A radiorreportagem é o produto que nasce da prática jornalística, sendo o conjunto de informações que utiliza recursos sonoros para a transmissão de mensagens aos ouvintes, como relata Milton Jung:

[4] João Paulo Meneses é jornalista português e docente universitário no ISLA e Doutor em comunicação pela Universidade de Vigo. Trabalha na Rádio TSF e é autor do livro "Tudo o que se passa na TSF - ... Para um 'Livro de Estilo'.

> É preciso ficar claro que todo jornalista faz reportagem. Na produção, ao levantar dados para uma entrevista. Na pauta, ao buscar informações para montar um roteiro. Na escuta, ao fazer o rastreamento do que acontece no dia. A qualquer momento, em edição extraordinária. Esteja em serviço ou não, o jornalista tem de estar atento para os fatos que, potencialmente, são notícia e podem interessar ao público. (JUNG, 2007, p. 115)

Quanto mais elementos forem capturados da cena reportada, mais sons e símbolos audíveis permitirão a conexão do ouvinte com o conteúdo descrito. Desse modo, melhor será a sua compreensão e, da mesma forma, a sensação de estar informado com um conteúdo de qualidade.

A radiorreportagem não é composta somente por informações; a utilização dos recursos sonoros e demais elementos transformam o gênero na composição da narrativa. Dessa forma, o som, o ruído e o silêncio também são informações. Deixar de lado a preocupação puramente estética e se valer do ambiente em que o fato está acontecendo também ajuda o ouvinte. Para Emilio Prado, a inclusão de sons ambientes favorece a "compreensibilidade, provoca a intervenção da imaginação no ouvinte e, sobretudo, dá credibilidade à informação. Por outro lado, esses elementos dão dinamismo e ritmo à reportagem" (PRADO, 1989, p. 89).

A pesquisadora Ana Baumworcel[5] passa por conceitos de Armand Balsebre, Rudolf Arnheim e Mariano Cebrian Herreros. Ela entende que a composição do conteúdo radiofônico, como a radiorreportagem, por exemplo, pode ser vista como um meio que trabalha com o objetivo de transportar o ouvinte ao mundo que está sendo descrito.

> E a possibilidade de transmitir emoção é uma das características que potencializa o rádio como meio de expressão. É a melodia ou entonação, o volume, a intensidade, o intervalo que dão colorido à voz, trazem plasticidade, emoção e vida para o discurso. É o subtexto implícito na voz do locutor que reflete a dramatização dos fatos relatados. Não podemos subestimar a força sugestiva da voz humana e seu poder estético. O ritmo mais acelerado, por exemplo, na fala dos locutores dos noticiários, acarreta certa tensão e contribui para criar um clima dramático, que chama a atenção

[5] Ana Baumworcel é doutoranda em Educação e Mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) com a pesquisa intitulada como "Sonoridade e resistência: a Rádio Jornal do Brasil AM na década de 60.

> do ouvinte para a importância do que está sendo dito. (BAUMWORCEL, 1999, p. 7)

O ideal do repórter ao estudar a pauta, fazer as entrevistas e produzir a radiorreportagem não é somente informar, mas reforçar o vínculo do ouvinte com a história narrada. Dessa forma, a reconstrução do espaço sonoro, a busca por elementos e recursos tecnológicos que contribuam para este mergulho e o cuidado para fazer o ouvinte se sentir parte do acontecimento transformam o gênero radiorreportagem em uma forma de obtenção de informação de qualidade.

O pesquisador Luiz Witiuk afirma que um dos problemas na produção da radiorreportagem é o fato de a entrevista ser realizada por telefone por conta do pequeno número de profissionais que, para conter os custos, não saem às ruas. "[...] e não deixa de ser uma forma também de se fazer reportagem a distância, ou seja, artifício quando não se tem a reportagem presente no local do fato" (WITIUK, 2007, p. 150).

Além disso, o improviso, ao ser utilizado na radiorreportagem ao vivo, "é o aspecto mais autêntico de todo o processo de produção e de reprodução na fase em que o radiojornalista é obrigado, de acordo com a dinâmica do próprio veículo, a improvisar [...]" (FRANCISCO, 2006, p. 186).

Todavia, a radiorreportagem pode ter mais facilidade para fugir à regra da busca dos textos com o auxílio da mídia eletrônica. Para José Carlos Francisco, essa "textualização" (2006, p. 49-50), que faz que o repórter não leve em consideração o dito original, por conhecer o fato por meio dos textos, é recorrente "do movimento escrito para o falado", mas tanto a produção quanto a apresentação da radiorreportagem, por serem coletadas *in loco*, são, na maioria das vezes, produzidas de acordo com os depoimentos das fontes.

2.2 As novas mídias

Para Gisela Ortriwano, o rádio seria o mais fabuloso meio de comunicação imaginável na vida pública, constituiria um fantástico sistema de canalização, se fosse capaz não apenas de emitir, mas também de receber. "A radiodifusão deveria afastar-se das fontes oficiais de abastecimento e transformar ouvintes nos grandes abastecedores" (ORTRIWANO, 1998, p. 13).

Murray Schafer afirma que a limitação de quilohertz e megahertz seria abolida e possibilitaria o nascimento de milhares de novos canais de rádio, fragmentando a audiência.

“Quando esse desenvolvimento se der a conhecer, o rádio precisará se tornar um meio de comunicação de respostas rápidas e cibernético, fazendo com que os ouvintes fiquem mais ativamente envolvidos” (SCHAFER, 1997, p. 35).

Haussen afirma que a partir das décadas de 1980 e 1990 o desenvolvimento tecnológico levou à possibilidade da digitalização do rádio. Para ela, a consequência foi a alteração de emissoras internacionais em ondas curtas que divulgavam sua programação dessa forma e tiveram que optar por outras modalidades. “Por outro lado, a concorrência da TV a cabo e da internet levam o rádio a especializar-se na prestação de serviços” (HAUSSEN, 2004, p. 55).

A ascensão da internet e das novas tecnologias certamente transformam o rádio na medida em que se desenvolvem novas relações entre os ouvintes e os profissionais. Tendo em vista que o rádio “é essencialmente som e sentido” (KLIPPERT apud PORTELA, 2011, p. 49), a absorção de signos diversos, visuais e imagéticos da internet com as características radiofônicas reconfigura o espaço.

> [...] ao incorporar um conjunto de signos não auditivos, (o rádio) perde o “manto de invisibilidade” a que aludia Marshall MacLuhan, não é menos verdade que pode encontrar online um terreno talhado para o reforço de eficácia de algumas de suas características, ainda que isso possa causar a reconfiguração da sua atual função social. (DEL BIANCO apud PORTELA, 2011, p. 40)

Pierre Levy (1993, p. 4), ao falar da ascensão dessas novas plataformas, explica que “novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática”. Para ele, as relações entre os homens, o trabalho e a própria inteligência dependem, na verdade, da “metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada” (LEVY, 1993, p. 4).

Entretanto, para Eduardo Meditsch (apud PORTELA, 2011, p. 49), “se não for feito de som não é rádio, se tiver imagem junto não é mais rádio, se não emitir em tempo real é fonografia, também não é rádio”. Com relação à postura do jornalista, o rádio multimídia “demanda do jornalista uma nova postura perante a notícia, e a adoção de ferramentas e técnicas de apuração variadas” (LOPEZ, 2011, p. 126).

Nair Prata acredita que está surgindo uma nova forma de radiofonia, que pode ser considerada um novo modelo de rádio.

> A web hibridiza o rádio, que passa a apresentar tantos novos gêneros e formas de interação, quanto os antigos, no formato original e também reconfigurados que mesclam os formatos analógicos e digitais. (PRATA, 2009, p. 213)

Para a pesquisadora, a internet "é um espaço onde as práticas comunicativas se reconfiguram" e os tradicionais gêneros, apontados por Barbosa Filho (2003) para o rádio hertziano, "ganham novos elementos textuais e imagéticos na internet" (PRATA, 2009, p. 224-225). A autora defende que a internet permite o trânsito de todos os gêneros possíveis porque são "infinitamente amplas as possibilidades, as combinações e as reconfigurações geradas pelo ambiente digital" (PRATA, 2009, p. 225).

> A reportagem, um dos mais relevantes gêneros radiofônicos, na web pode vir ancorada com vídeos, fotografias dos participantes e do cenário do evento comunicativo, textos e hipertextos com dados sobre o assunto em questão e infografia colorida e esclarecedora. Por meio de um serviço de busca o usuário pode encontrar ainda mais informações acerca do tema. (PRATA, 2009, p. 225).

A autora completa explicando que a reportagem, ou o ato de reportar, é uma das mais importantes funções do jornalista e que ela pode ser entendida como um aprofundamento da notícia que soma textos à entrevistas (PRATA, 2009, p. 99).

Todavia, para Del Bianco, a internet permite a interação sobre o que já foi escrito, por meio dos mecanismos de busca e pesquisa, "além de aumentar o potencial da reportagem à distância e do trabalho fora das redações em locais remotos" (DEL BIANCO, 2001, p. 160).

2.3 O ouvinte

A radiorreportagem não tem como objetivo somente a transmissão da notícia ou do fato narrado, ela busca a onipresença do ouvinte, visa despertar nesse ouvinte a sensação de

que ele faz parte do que está sendo narrado, se valendo da criação e da imaginação como recursos que reconstroem o espaço descrito.

A prática da radiorreportagem reforça a busca do ouvinte por informações que sejam acessíveis, menos normativas e mais próximas a todos aqueles que sintonizam suas rádios à procura de qualidade. Para Barbosa Filho (apud WITIUK, 2007, p. 88), a "reportagem consegue ampliar o caráter minimalista do jornalismo".

Um dos fatores que permitem o mergulho do ouvinte na notícia que está sendo relatada é, certamente, o que se pode chamar de paisagem sonora. Para Schafer, o conceito de *soundscape* refere-se a:

> Qualquer ambiente sonoro ou qualquer porção do ambiente sônico visto como um campo de estudos, podendo ser esse um ambiente real ou uma construção abstrata qualquer, como composições musicais, programas de rádio etc.. (SCHAFER apud JOSÉ; SERGL, p. 253)

A radiorreportagem permite ao ouvinte a compreensão do tema relatado e proporciona a sensação de possuir conhecimento sobre uma notícia por completo com início, meio e fim. Do mesmo modo, a constante utilização do departamento de memória do rádio e o compromisso dos profissionais de acompanharem os desdobramentos dos assuntos facilitam para que as notícias não caiam no esquecimento do público, principalmente em um período em que a tecnologia permite um bombardeio de informações que, pelas características da internet, podem fazer com que aquele que busca se perca em meio aos hiperlinks e janelas.

Conforme a definição de Gisela Ortriwano, o rádio envolve o ouvinte e o leva a participar da radiorreportagem. A essa ideia de imersão do ouvinte na narrativa radiofônica soma-se o potencial do rádio de estimular o imaginário de quem o escuta – capacidade essa que pode se tornar evidente quando há, por meio da radiorreportagem, a reconstituição de espaços sonoros (ORTRIWANO, 1985, p. 71).

A inclusão de sons ambientes é citada pelo pesquisador Luiz Witiuk como sendo uma "dupla riqueza" do radiojornalismo. Desde colocar o "ouvinte diante do fato, pela agilidade da reportagem, no momento em que está acontecendo" até valorizar os recursos sonoros, "reconstruir os fatos para aprofundá-los, contextualizá-los e provocar uma reflexão no ouvinte por meio do documentário" (WITIUK, 2007, p. 153).

Além do tempo de duração de uma radiorreportagem ser fundamental para possibilitar a integração com o ouvinte, a reportagem ao vivo "tem um papel preponderante na busca da

notícia no momento em que ela está ocorrendo". Assim, o imediatismo e a mobilidade do rádio garantem ao ouvinte o acompanhamento dos fatos em tempo real, reforçando, dessa forma, outra característica do rádio que é a credibilidade, fidelizando a audiência e comprovando empiricamente que a busca pela qualidade é a mola propulsora que leva o ouvinte à radiorreportagem (WITIUK, 2007, p. 108). Witiuk entende a ligação da radiorreportagem com o factual e o momento atual como sendo o motivo pelo qual representam a busca do ouvinte por este gênero.

> A reportagem tem uma conotação ligada ao acontecimento atual, com uma narrativa que contempla as diversas variáveis de determinado acontecimento. Com isso, o ouvinte de rádio tem uma noção mais completa sobre o fato noticiado. (WITIUK, 2007, p. 88)

Para o autor, é importante que se considere o uso do som como um elemento de informação. O pesquisador reforça que os sons são fundamentais para ajudar o ouvinte a compor a narrativa que, portanto, "também pode ser considerada informação" (WITIUK, 2007, p. 152). Desse modo, sair da redação e buscar construir esse cenário onde os fatos realmente aconteceram é fundamental.

O pesquisador e professor da Faculdade Cásper Líbero, José Eugênio de Oliveira Menezes, destaca que as emissoras de rádio contemplam diversos fios de tempos e vozes que se misturam na vida de um lugar e ainda possibilitam a sincronização da vida em sociedade, promovendo, em termos de sensações, a criação de cenários mentais e imagens endógenas, ou seja, próprias para o cidadão receptor (MENEZES, 2007, p. 22-24).

Ouvir uma radiorreportagem é entender o assunto do início ao fim, com uma linguagem simples, acessível e direta. Para o pesquisador José Carlos Francisco[6], a busca pela perfeição na leitura de uma reportagem "engessa a transmissão da informação e elimina o processo normal de interação com o ouvinte" (FRANCISCO, 2006, p. 186).

Para Janine Lucht (2009, p. 64), a importância da descrição detalhada também é fundamental para "recriar o ambiente que o ouvinte deve compreender". As ilustrações do palco da ação, conforme cita a pesquisadora como sendo os "sons do local onde ocorreu o fato", ajudam a jornada do ouvinte em direção à notícia.

---

[6] José Carlos Francisco é Mestre em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) com a pesquisa: "O gênero entrevista no radiojornalismo – cbn x eldorado: da escrita para a fala".

Para a pesquisadora, a radiorreportagem é o “material elaborado pelo repórter, com duração de 3 a 5 minutos geralmente, composta pela cabeça, o lide da matéria lida pelo autor, seguido de sonora do entrevistado” (LUCHT, 2009, p. 64). Porém, Janine Lucht cita também a importância do que ela chama de “ilustrações do palco da ação”, que é a composição da matéria com a inserção dos sons locais de onde ocorre a notícia.

A naturalidade com que o texto deve ser dito em união com a construção da paisagem sonora também auxilia o ouvinte a compreender o que está sendo reportado. Para Marcelo Cardoso, a perda de recursos para manter a qualidade do rádio e os elementos sensoriais também têm um papel importante na transformação da radiorreportagem.

> Para a nova geração de empresários e jornalistas-gestores, era necessário cada vez mais adequar o tempo da reportagem exibida e, para isso, exigia-se um trabalho de edição, o que significou cortar tudo o que supostamente não era necessário – inclusive, muito do que poderia servir como paisagem sonora. (CARDOSO, 2010, p. 27)

Pode-se dizer que as informações transmitidas por meio da radiorreportagem, por não contarem com o sentido da visão, seja para a visualização das cenas prontas, seja por sua descrição impressa, reforçam o vínculo entre o ouvinte e o conteúdo. A criação imagética por meio da sensorialidade e a utilização de sentidos e percepções subjetivas fazem que esse mergulho seja, possivelmente, igual à participação ao vivo do ouvinte no contexto transmitido, como relata Marcelo Cardoso:

> No rádio, este efeito é ainda mais forte do que na literatura, porque na narrativa escrita participamos da cena apenas de forma indireta, através da intermediação do escritor. Não somos testemunhas diretas como nos tornamos ao sentarmos em frente do alto-falante e ouvirmos uma pessoa falando sobre alguém de quem não sabemos nada ainda. O rádio torna a pessoa viva e presente diante de nós através de sua voz, ou de alguma outra maneira, sem termos que saber nada a respeito dela. Isto torna a situação excitante. (ARNHEIM apud CARDOSO, 2010, p. 70)

Outro elemento que transforma a radiorreportagem em um gênero diferenciado diz respeito ao tempo. Em um ritmo acelerado, que faz o ouvinte ter contato com diversos fragmentos noticiosos, a radiorreportagem surge como uma opção de maior duração e com o

que pode ser chamado de “história completa”. Marcelo Cardoso discorre sobre o relato radiojornalístico:

> No jornalismo radiofônico produzido em São Paulo, não são muitos os momentos nos quais surgem narrativas cujo tempo de duração ultrapassa o de uma reportagem especial: no máximo, cinco, talvez seis minutos. Entende-se que, ao se contar uma boa história, criam-se condições para o estabelecimento de uma ponte cognitiva com o ouvinte. Ao levar ao ar um relato de maior fôlego e cuja duração extrapola os padrões, crescem as chances de se estabelecer vínculos, de se retornar ao que é ancestral, ao universo mítico. (CARDOSO, 2010, p. 102)

Cardoso embasa esse pensamento citando Cremilda Medina, que comenta a importância de o jornalista vivenciar os acontecimentos cotidianos para reportá-los com mais verdade e emoção estabelecendo uma “ponte cognitiva com o seu público” (MEDINA apud CARDOSO, 2010, p. 40). E cita André Barbosa Filho ao observar a radiorreportagem como sendo “instrumento de que dispõe o rádio para atualizar seu público por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos” (BARBOSA apud CARDOSO, 2010, p. 34-35).

3. PUBLICAÇÕES E AUTORES

O surgimento do rádio e sua formatação como um veículo de massa estiveram presentes durante todo o século XX. Nesse período, diversas transformações conceituais e tecnológicas mudaram a história do radiojornalismo, entre eles os enviados especiais às guerras, a prestação de serviços e as radiorreportagens que traziam à tona os assuntos do cotidiano.

A ideia do imediatismo começava a existir. Tendo surgido tímido, com pequenas inserções em uma programação que não era de 24 horas, o radiojornalismo aos poucos ganhou seu espaço, anteriormente ocupado somente pelos jornais impressos.

O início do século XXI também é marcado pelas transformações da radiorreportagem. A preocupação pela informação define a composição da radiorreportagem: a reconstituição dos espaços sonoros, a linguagem, a importância da saída às ruas, a interatividade e a onipresença do ouvinte. Nesse contexto está o profissional de radiojornalismo, para conduzir essa viagem sensorial por meio das informações descritivas e dos fatos narrados.

Com a ascensão das novas tecnologias, crescem os questionamentos quanto ao rumo do radiojornalismo e da radiorreportagem. A ideia de web rádio ou rádio multiplataforma ganha espaço para a compreensão das transformações vividas pelo veículo.

Do outro lado está o ouvinte em busca de informação de qualidade, ou seja, fugindo à regra subjetiva de obtenção de informações incompletas e do exagero de notícias veiculado pela grande mídia. Através da radiorreportagem, o ouvinte possui as informações necessárias para a interpretação do fato, seja pela descrição dos fatos narrados ou pela amplitude na produção da notícia.

Logo, este capítulo tem como objetivo principal fazer uma busca entre alguns dos principais autores sobre o tema, apresentando similaridades e divergências entre os pensadores. Tanto os conceitos inseridos em alguns livros e pesquisas quanto os que pertencem aos manuais de redação ajudam a construir o pensamento teórico do que é a radiorreportagem e como a teoria se aproxima e/ou se distancia da prática. Para isso, foram selecionados e analisados os principais pontos abordados por autores de referência diante do tema. Como meio de aprofundar a questão, foram entrevistados 12 personagens do universo da radiorreportagem, entre professores e profissionais da área de rádio.

3.1 O repórter e a radiorreportagem

Com o objetivo de traçar um panorama dos principais pensamentos sobre a radiorreportagem e também sobre a função do repórter neste desafio, foram selecionados alguns dos conceitos sobre o tema que pudessem ajudar na construção da compreensão da prática da radiorreportagem no Brasil. Por meio de manuais, livros e definições conceituais em geral, publicados ao longo dos anos, foi possível compreender a extensão do pensamento sobre a radiorreportagem e como ela é vista por alguns autores.

Na obra *Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio*, André Barbosa Filho, bacharel em Direito pela Universidade de São Paulo, mestre e doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, define que a reportagem é um gênero informativo que consiste no "relato ampliado de um acontecimento que teve repercussão na sociedade e produziu alterações que podem ser percebidas pelo jornalismo enquanto instituição social" (BARBOSA, 2003, p. 89-109).

Assim, destaca-se a importância desse tipo de relato jornalístico produzido e transmitido pelo repórter, que reconstrói os fatos por meio da narração, utilizando os recursos da linguagem radiofônica e a descrição para facilitar a compreensão do ouvinte quanto aos fatos narrados.

Buscando o conceito do papel do repórter nas redações, Eduardo Meditsch, pós-doutor pela University of Texas, doutor pela Universidade Nova de Lisboa e mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, na obra *Teorias do rádio: textos e contextos*, problematiza as divergências entre o profissional de rádio e as questões comerciais que envolvem o veículo. "A autonomia de um repórter de rádio geralmente é bastante limitada por esta ligação umbilical ao centro, tanto mais quanto for a importância ou o interesse do assunto que cobre para as chefias" (MEDITSCH, 2001, p. 106).

Resgatando a subjetividade do conceito de radiorreportagem, Emílio Prado, radialista, jornalista e professor da Universidade Autônoma de Barcelona na Espanha, mergulha nas possibilidades que a flexibilidade do meio apresenta. No livro *Estrutura da informação radiofônica*, o autor relata que a reportagem é o gênero mais rico entre os utilizados no rádio desde a perspectiva informativa.

> Sua riqueza provém, em primeiro lugar, da ausência de uma estrutura rígida neste gênero, o que permite a intervenção da criatividade em uma grande medida, sem esquecer que se trata de uma narração de caráter informativo. Toda reportagem é, em definitivo, uma agrupação de representações

> fragmentadas da realidade que em conjunto dão uma ideia global de um tema. (PRADO, 1989, p. 85-90)

O autor divide os tipos de reportagens radiofônicas estabelecendo uma primeira divisão composta pela reportagem simultânea e a reportagem diferida:

> A reportagem simultânea se realiza ao vivo e a criação é executada paralelamente ao desenrolar da ação reportada. O eixo criativo é dado pela própria ação que faz de fio condutor da narração. Neste tipo, trabalha-se sobre a marcha dos acontecimentos, e o jornalista deve selecionar constantemente aquelas representações fragmentárias mais significativas. Isto obriga a um exercício de valoração constante. Em função dessa valoração jornalística desprezarão algumas amostras e se incluirão outras do grande caudal de fatos que desencadeiam a ação. (PRADO, 1989, p. 85-90)

A vantagem desse tipo de radiorreportagem, de acordo com o autor, é o sentido de participação nos fatos que são despertos no ouvinte. Esse sentido vem em primeiro lugar pelo ambiente acústico ou cenário sonoro da ação, que transmite com grande riqueza de matizes o ambiente e outras amostras sonoras definidoras e insubstituíveis pela narração verbal.

> O ambiente acústico provoca uma cascata de imagens sonoras que solicitam a intervenção da criatividade e da imaginação do ouvinte para traduzi-las em imagens visuais particulares. Contribui, além disso, para provocar essa sensação de participação, aquela narração criativa na qual, mais que expor sentimentos próprios, deve provocar estes no ouvinte. (PRADO, 1989, p. 86)

O improviso é muito presente nessa modalidade de radiorreportagem radiofônica, o que a transforma em uma difícil missão. Por conta disso, é fundamental que o repórter de rádio tenha profundo conhecimento do tema a tratar evitando, assim, uma narração pífia e com desinformação.

Na radiorreportagem simultânea, a seleção dos aspectos importantes do fato e a descrição (por meio da voz e dos aspectos sonoros) da realidade que está sendo vivenciada pelo radiorrepórter são transmitidas no mesmo momento em que esse fato está acontecendo. Na reportagem diferida essa transmissão acontece depois, tendo em vista que as entrevistas são gravadas e os aspectos sonoros são captados para posterior montagem da reportagem.

Prado explica também que o cenário acústico em que a ação foi desenvolvida não pode ser ignorado. O som ambiente "provoca a intervenção da imaginação do ouvinte e, sobretudo, dá credibilidade à informação" (PRADO, 1989, p. 89).

> A reportagem diferida permite reproduzir os acontecimentos com a menor intervenção explicita do jornalista. Este selecionará as amostras e as ordenará de forma que transmita ao público, em poucos minutos, a ideia de uma ação desenvolvida em frações de tempo muito superiores, e sem esconder informação. (PRADO, 1989, p. 89)

Gisela Swetlana Ortriwano, pesquisadora e professora da Universidade de São Paulo, afirma no livro *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos* que o papel do repórter de rádio faz com que seja primordial que ele saiba verbalizar bem, falar de improviso e ter boa dicção para que o ouvinte possa entender as mensagens. Para ela, o repórter é o responsável pela cobertura dos principais assuntos do cotidiano, deslocando-se até onde está a notícia. O jornalista realiza a coleta de informações e as entrevistas, tendo como finalidade a elaboração da mensagem informativa. Seu trabalho pode ser gravado para posterior apresentação ou pode ir ao ar em transmissão direta, ao vivo. Normalmente, recebe uma pauta para cumprir. Mas, às vezes, pode "sair à rua" buscando a informação (ORTRIWANO, 1985, p. 101-102).

Além destes fatores, a pesquisadora apresenta a importância do deslocamento do repórter de rádio ao local do ocorrido em uma busca pela exímia descrição dos detalhes pela observação se transformando nos olhos dos ouvintes que, por meio da capacidade imaginativa, será "transportado" ao local dos acontecimentos. Entretanto, a mudança do papel do repórter, que vem sendo transformado através dos tempos, modifica a situação da radiorreportagem ao passo que o investimento em uma equipe que permaneça fora da emissora é cada vez menor. "É como se o rádio revivesse, com o advento da internet, por exemplo, a ideia de recortes de notícias sendo narrados ao vivo, como era no início do rádio no Brasil, como no caso do *Jornal da Manhã*, de Edgar Roquette Pinto" (ORTRIWANO, 2002, p. 69).

O jornalista, historiador, advogado e professor Heródoto Barbeiro e o jornalista Paulo Rodolfo de Lima, no livro *Manual de radiojornalismo – produção, ética e internet*, com, reforçam o pensamento da importância do repórter narrando os fatos a partir do local de seu

acontecimento. Para eles, o repórter capta a notícia e, com base no que observou e em depoimentos de entrevistados, conta para o ouvinte o episódio da melhor maneira possível.

> A reportagem é a principal fonte de matérias exclusivas da rádio jornalística. A constante busca da isenção jornalística é a melhor forma de passar as informações para que o ouvinte possa tirar suas próprias conclusões do fato relatado. Pesquisas ajudam no aprofundamento da reportagem. O jornalista não domina todos os assuntos que reporta, mas sabe quem pode dar as informações. Por isso, não deve vacilar em ligar para um especialista e pedir que o ajude a compreender o assunto buscado. Por uma característica própria do radiojornalismo, as reportagens ao vivo reproduzem sempre o som ambiente. Isso dá o clima do acontecimento. É impossível e nem é desejável impedir que o som ambiente passe para a reportagem. Sons de carros no trânsito, chuva, buzinas, execução de uma música, refrão de torcedores e manifestantes dão colorido especial à reportagem. (BARBEIRO; LIMA, 2001, p. 40-41)

E essa relação entre o repórter, a cena descrita e narrada e a compreensão do ouvinte é denominada “imagens endógenas” por José Eugênio de Menezes – professor, jornalista, mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC de São Paulo e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo –, no livro *Rádio e cidade: vínculos sonoros*. Essa definição mostra que o ouvinte experimenta sob a forma radiofônica cenários inacabados e imagens não definidas. A partir daí os sons provocam a criação de imagens mentais que culminam com a criação de imagens endógenas. Estas, por sua vez, traduzem o acúmulo de experiências acumuladas a partir das vivências de cada um. É importante que a criação do espaço de sensações, estimulado pelo repórter, seja próximo da realidade, porém esta “realidade” é individual e cada ouvinte absorverá de uma forma diferente (MENEZES, 2007, p. 98). Para o autor, deve-se compreender que somente em um ambiente como a cidade, onde há a interação de diversas culturas, é possível imaginar a concepção de tempo real, tendo em vista a convergência com a vida urbana e a possível aceleração desse tempo.

> Essa concepção surge quando os media tentam fazer coincidir, no instante presente, os acontecimentos com seu registro perceptivo. Uma perspectiva que consideramos limitada no contexto da radiodifusão, pois o ato

> jornalístico de reportar supõe um mínimo de tempo entre a observação do acontecimento e sua "reportagem" para o ouvinte. (MENEZES, 2007, p.74)

O radialista José Ignacio López Vigil, no livro *Manual urgente para radialistas apaixonados*, afirma que a reportagem trata um único tema mais profundamente, constituindo o que ele chama de "monografia radiofônica" (VIGIL, 2004, p. 289). A necessidade de investigação e o objetivo dos repórteres de "transportar" o ouvinte para a cena descrita também são destacados e o autor ressalta a evolução da radiorreportagem como sendo o que ele chama de "síntese do gênero jornalístico". E afirma que "nela cabem todos os outros formatos radiofônicos, dos informativos aos de opinião, até mesmo os dramatizados e musicais" (VIGIL, 2004, p. 288).

Em meio a notas, boletins, notícias, informações e comerciais, as radiorreportagens formam, para a jornalista Maria Elisa Porchat, autora do *Manual de radiojornalismo Jovem Pan*, o momento de aprofundamento do ouvinte em determinados assuntos. Ela conceitua a radiorreportagem como uma atividade característica do radiojornalismo. "A mobilidade do rádio permite que o fato seja transmitido no momento de sua ocorrência. O rádio chega ao fato, falando" (PORCHAT, 1986, p. 43).

A autora reforça que o rádio é o meio que mais possibilita a emissora a direcionar os seus repórteres para a produção de radiorreportagens que enriquecerão o conhecimento do ouvinte. Além da percepção para trabalhar com a informação em diversos cenários, é importante, segundo Maria Elisa Porchat, que o repórter saiba lidar com as fontes da informação. Para ela, o relacionamento do profissional com a equipe e com jornalistas de outros veículos é fundamental, sem falar na capacidade e na comunicação com o público (PORCHAT, 1986, p. 42-43).

Para Mauro de Felice, autor do livro *Jornalismo de Rádio*, a radiorreportagem traz a possibilidade do aprofundamento e, por conta disso, se mantém em uma posição no topo da pirâmide da preferência dos ouvintes. Com o advento da internet e a necessidade de informar sobre tudo em tempo real, a reportagem, que é a informação pormenorizada e a exposição dos fatos com minúcias, se distancia cada vez mais das buscas desses ouvintes (FELICE, 1981, p. 46). Segundo ele, as agências de notícias também contribuem, há algum tempo, para esse afastamento.

> Essa "massificação" da reportagem fez com que desaparecessem as grandes coberturas jornalísticas, a primazia que algumas emissoras chegaram a ter de

> transmitir aos seus ouvintes informações exclusivas, resultado de um grande esforço de reportagem. (FELICE, 1981, p. 46)

Para Mauro de Felice, repórter é o funcionário encarregado de levantar assuntos e apurar acontecimentos, atuando internamente, por meio de telefone, telex, escuta de rádio ou televisão, e mesmo externamente, visitando setores rotineiros previamente estabelecidos ou indicados pelo superior imediato. Ele esclarece as transformações do papel do repórter:

> Hoje, são poucas as emissoras de rádio que possuem repórteres e as que os mantêm o fazem em escala reduzida, destacando-os para coberturas especiais. Vai longe o tempo em que o repórter de rádio fazia inclusive coberturas internacionais, sendo incluído em delegações de jornalistas que acompanhavam comitivas de autoridades no exterior. (FELICE, 1981, p. 45)

O jornalista Milton Jung, no livro *Jornalismo de Rádio*, expõe e reforça a necessidade da boa formação intelectual do repórter de rádio. Para relatar os acontecimentos, o jornalista deve buscar o máximo de informações antes de sair para as entrevistas que comporão a reportagem. O maior número de dados históricos e conceitos devem ser estudados. Nas reportagens ao vivo, em que esse preparo prévio torna-se mais difícil, é o talento e o preparo do profissional que serão analisados. Jung reforça que é fundamental que a dicção e a articulação estejam impecáveis, pois a voz do repórter de rádio é a ponte que liga o ouvinte aos fatos que estão sendo relatados.

> Emoção e empatia são dois conceitos que integram qualquer receita de boa reportagem em rádio. Por isso, não se deve abrir mão de apurar os fatos no local dos acontecimentos, e nem do contato com o público. Nessa relação temos a pulsação das pessoas, entendemos o que elas pensam. Assim, o repórter é capaz de encontrar bons personagens dando vida ao trabalho jornalístico. O cidadão costuma entender melhor os temas quando se reconhece neles. (JUNG, 2007, p. 115-117)

Para o autor, a maior parte dos pesquisadores acredita na importância da presença do repórter nas ruas à caça de histórias interessantes. Segundo ele, o repórter é a síntese do jornalismo; nele se personifica o profissional que vive em busca de informação. Jung afirma

que o repórter é aquele que capta as informações com riqueza de detalhes e busca reconstruir o cenário, sensações e todas as percepções possíveis para transmitir ao ouvinte. O começo de uma reportagem está na escolha do tema que surpreende e prende a atenção do ouvinte pela originalidade (JUNG, 2004, p. 115-117).

Com relação ao tempo, Pierre Ganz, autor do livro *A reportagem em rádio e televisão*, afirma que a reportagem é um condensado da realidade, sendo preciso ter em conta o fator tempo, para assim manter a coerência com o acontecimento que se desenvolveu em um período superior à duração da reportagem. O repórter deve ser o intermediário entre o público e os fatos. Como um mediador, ele deve ser compreendido, sendo fiel aos acontecimentos. Ele é o olho e o ouvido do público e como "testemunha privilegiada deve transportar através da imagem e do som os ouvintes e os telespectadores para o local da ação. É, portanto, necessário dar a ver e a ouvir" (GANZ, 1999, p. 81).

No livro *Princípios e técnica de radiojornalismo*, a pesquisadora Zita de Andrade Lima, observa a radiorreportagem como o

> gênero mais característico do rádio, pois nenhum outro meio de comunicação, nem a imprensa, nem o cinema e nem mesmo a TV, pode suplantá-lo na instantaneidade da transmissão da ação, posta pela palavra ao ouvido do receptor sob múltiplos detalhes e aspectos, na mesma medida e sequência em que se processa. (LIMA, 1970, p. 105-106)

Para a autora, a radiorreportagem é a visão de conjunto e do momento em que o agente radiofônico recolhe do acontecimento na sua pureza original. Quando emitida ao vivo, exige de qualquer emissor uma agilidade verbal para fazer que o ouvinte receba as mesmas impressões do comunicador. Zita de Lima explica que essa função múltipla do repórter – a de ser receptor privilegiado e extremamente sensível e, ao mesmo tempo, um comunicador exímio – não se encontra em qualquer agente jornalístico.

> A audiência não o perdoa se deixa escapar qualquer detalhe significativo da ocorrência ou se não lhe dá a ideia precisa do dinamismo da ação narrada. Uma hesitação, um silêncio mais prolongado, uma expressão indevidamente empregada, a falta de calor – qualquer dessas falhas pode provocar o desinteresse do ouvinte e, consequentemente, a perda da mensagem, o desprestígio da emissora, o fim de uma carreira... (LIMA, 1970, p. 105-106)

Para a autora, a radiorreportagem é a "visão de conjunto e de momento que o agente radiofônico recolhe do acontecimento na sua pureza original" (LIMA, 1970, p. 105). Ela explica que a radiorreportagem, quando emitida ao vivo do local em que os fatos ocorreram, exige "agilidade mental" e "agilidade verbal", tendo em vista que o ver e o dizer acontecem simultaneamente. Zita de Andrade continua explicando que o relato breve e adequado permitem que o ouvinte receba a mesma impressão e o mesmo impacto que o "comunicador está submetido como testemunha".

Além disso, a autora ressalta que essa característica do repórter de rádio não se encontra em outros agentes jornalísticos.

> Uma hesitação, um silêncio mais prolongado, uma expressão indevidamente empregada, a falta de calor – qualquer dessas falhas pode provocar o desinteresse do ouvinte e, consequentemente, a perda da mensagem, o desprestígio da emissora, o fim de uma carreira. (LIMA, 1970, p. 106-107)

Desse modo, a autora conclui que, na radiorreportagem, a improvisação e o domínio da oratória devem estar presentes na vida do repórter de rádio e reforça a importância da formação pessoal do profissional e seus conhecimentos dos recursos sonoros além dos "elementos culturais e técnicos à sua disposição para improvisar e produzir uma autêntica radiorreportagem, dinâmica e viva, que contenha menos as verdadeiras descrições das formas e das cores do que a sugestão do movimento". (LIMA, 1970, p. 107)

A autora explica a forma de produção das radiorreportagens: esportivas, políticas, policial e de fatos diversos (o que inclui: temporais, inundações, incêndios, desastres, agitações de rua, investigações públicas e julgamentos criminais), reportagem avulsa e reportagem montada.

Seguindo os ensinamentos de Lopez Vigil, Maria Cristina Almeida, em sua pesquisa *As armadilhas dos TCCs: práticas reprodutoras ou práxis transformadoras no ensino de jornalismo?,* explica que a reportagem não pode ser definida como a simples cobertura de um acontecimento, complementada por uma entrevista de campo. Muito além disso, a reportagem é a "narração direta e ao vivo" que converte o radialista "nos olhos do ouvinte", incorporando harmoniosamente "entrevistas, testemunhos, pesquisas, estatísticas, comentários, ruídos reais gravados no local, pequenas cenas que reconstroem os fatos, recursos literários, estrofes musicais..." (ALMEIDA, 2012, p. 77).

A jornalista Janine Lucht, mestre pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e doutora pela Universidade Metodista de São Paulo, em sua pesquisa *Gêneros radiojornalísticos: análise da Rádio Eldorado de São Paulo*, contempla a pesquisa do brasileiro Walter Alves, que integra a coleção "Manuales didácticos CIESPAL". Sob o nome de *Estrategia de los pequeños formatos: una programación buena, bonita y barata*, em que ele conclui que a reportagem contempla entrevista, *vox populi* (declarações de pessoas nas ruas, para nós conhecido como "o povo fala"), sons locais, narração e descrição. Nesse sentido, a linguagem expressa um papel fundamental e o repórter precisa ter todos os sentidos aguçados. Existem três modalidades: direta, ao vivo/editada, sem narrador e a narrada. Para a pesquisadora, a radiorreportagem se definiria como o produto da pesquisa do repórter de rádio (LUCHT, 2009, p. 47).

> Material elaborado pelo repórter, com duração geralmente de três a cinco minutos, composto pela cabeça ou lide da matéria lida pelo autor, seguida de sonora do entrevistado (ou várias inserções intercaladas com a fala do repórter) mais as ilustrações do palco da ação, ou seja, de sons do local onde ocorreu o fato. (LUCHT, 2009, p. 64)

Luiz Witiuk, mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná, em sua pesquisa *Um olhar sobre o radiojornalismo em Curitiba*, utiliza o termo discurso radiofônico em sua pesquisa, não separando os gêneros e, portanto, não falando somente sobre a radiorreportagem. Deste modo, explica a importância dos signos orais, verbais, musicais, sonoros e os silêncios como "responsáveis pela construção das imagens acústicas no meio radiofônico, definindo uma interação comunicacional entre o emissor e o receptor da mensagem radiofônica". Para o autor, o discurso radiofônico enfatiza a simultaneidade do enunciado e enunciação, ou seja, da emissão e recepção da notícia.

"Sendo assim, o "ao vivo" revela a força comunicativa do rádio e está relacionado à sensorialidade que enriquece o discurso do rádio utilizando as potencialidades da expressão que se manifesta pelos diversos sons que o compõem, sejam eles verbais, sejam não verbais" (WITIUK, 2007, p. 62-64).

> A reportagem tem uma conotação ligada ao acontecimento atual, com uma narrativa que contempla as diversas variáveis de determinado

acontecimento. Com isso, o ouvinte de rádio tem uma noção mais completa sobre o fato noticiado. (WITIUK, 2007, p. 88)

4. RADIORREPORTAGEM: O PENSAMENTO DE ACADÊMICOS E PROFISSIONAIS

Com o objetivo de promover uma intersecção dos conceitos dos principais autores sobre radiorreportagem com os pensamentos dos profissionais e acadêmicos, este capítulo reúne a opinião de jornalistas e professores sobre o tema. Foi solicitado aos entrevistados que respondessem basicamente a algumas perguntas:

- O que é a radiorreportagem e como ela é elaborada?
- Como ela é feita considerando os aparatos técnicos e tecnológicos?
- Como se definiriam as transformações sofridas pelo tema neste breve século?
- E quanto à convergência das mídias e internet?
- Qual a opinião sobre sons ambientes, ruídos e a questão estética?
- E o ensino do radiojornalismo nos bancos das universidades?

A partir de suas respostas foi possível tecer um breve panorama das características dessas radiorreportagens, suas similaridades e diferenças e, também, proximidade ou distanciamento com os conceitos citados no capítulo anterior. A prática da radiorreportagem pode se diferenciar da teoria e dos conceitos aprendidos nos bancos das universidades. O cotidiano do repórter de rádio e os novos desafios os coloca em situações diversas e que, com o passar dos anos, sofreram transformações.

4.1 Conceitos

Para o jornalista Milton Parron, a radiorreportagem deveria ser calçada na criatividade do veículo, tendo em vista que sua condição básica é a instantaneidade e rapidez.

> Infelizmente o rádio está desvirtuado. Ele deveria ser pauteiro dos jornais, mas esse papel está invertido, fazendo que o rádio passasse a ser uma caixa de repercussão dos jornais. O jornal tem mais espaço, o rádio quase não tem mais espaço [...]. Os que são disponibilizados hoje são quase todos voltados para os comerciais. E a notícia em si? Ela não tem grandes espaços [...].

Ele conta que, antigamente, o horário nobre de todas as emissoras era à noite. Porém, já quando trabalhava na Jovem Pan, o período matutino se transformou no principal horário, e quando fazia reportagem, tinha à sua disposição entre 10 e 20 minutos, se fosse necessário. “Cansei de fazer matérias que ficavam 20 minutos no ar e na meia hora seguinte, tornava a repetir.”

O jornalista critica as edições feitas nas matérias dos repórteres e se contrapõe também à ideia de o locutor confrontar o entrevistado. “Se é uma matéria investigativa, você está brigando com o sujeito, eles tiram o repórter e botam um ‘mameluco’ do estúdio fazendo a pergunta. O locutor do estúdio é um papagaio, que lê o que está escrito ali e só.” E se contrapõe à postura dos editores e chefes de redação que, atualmente, não perguntam mais qual o trecho que você destacou, mas sim quanto tempo tem a matéria. “Isto é um insulto, isto é uma afronta.”

Quanto à radiorreportagem, Parron afirma que o jornalista tem de estar focado no factual. O jornalista deve estar atento e ter várias fontes de informação, desde polícia, bombeiro, aeroportos, mas, principalmente, um bom contato com o ouvinte. Sendo assim, Parron defende que as redações possuam um serviço adequado de atendimento ao ouvinte e que esta função não fique somente nas mãos de estagiários.

> O grande pauteiro do rádio é o ouvinte. O repórter está quase eliminado [do processo da notícia]. E quando tem que preencher determinados horários de jornalismo, o que eles fazem? Ficam cozinhando notícias em jornal e, não é incomum, o jornalista repercutir notícias que foram originadas pela sua própria emissora.

Para ele, é importante que o rádio volte a olhar para o factual e mandar o repórter para o local do acontecimento. É importante “acabar com este negócio de telefone, precisa acabar com isto, o jornalista [...] não conhece mais os seus entrevistados”. Parron critica, principalmente, as matérias investigativas feitas pelo telefone, tendo em vista que é preciso ir, saber, descobrir, levantar informações e estar de frente com quem é acusado, tem que olhar no olho.

> É muito cômodo ficar no telefone. Com os processos de edição que temos hoje, você consegue fazer o camarada que prega Jesus, pregar satanás. Isto

> fez que o rádio perdesse a seriedade ao perder autenticidade em favor "de um gasto menor de economia".

Já Fábio Rubira, jornalista da Rádio USP, possui uma abordagem mais prática e afirma que a radiorreportagem não se diferencia da reportagem para outros meios. "Os recursos sonoros integram o trabalho de reportagem, que também é a apuração. Encontrar as fontes, entrevistados, denúncias e fatos para reportar compõem o nosso trabalho."

Além disso, a radiorreportagem é trabalhada dentro do formato sonoro, ele ilustra e narra. Deste modo, todo conteúdo que não é apresentado por meio de outros formatos é narrado, e é este ato de reportar que levará o ouvinte para a cena descrita.

Evocando os mesmos princípios, o professor Marcelo Cardoso reforça a importância do "testemunho" do jornalista com relação à cena presenciada. Ele diz que, *grosso modo*, a radiorreportagem é o relato de uma situação que está sendo contado a alguém, e isso se enquadra nos outros veículos também como o conceito de reportagem. "A origem da palavra reportagem vem de relatar, de narrar, de contar. Na verdade, a reportagem, principalmente em rádio, possui aquela dimensão da oralidade. Você narra para alguém e conta para o seu ouvinte uma história."

Da mesma forma, é importante que os jornalistas não se esqueçam dos preceitos da profissão. O fator "tempo" também é trazido à tona pelo pesquisador. Ele analisa que as reportagens "ao vivo" fazem que o jornalista fique contido por conta do tempo. "Isso é uma coisa que o jornalista sempre teve que lidar, mas parece que hoje está cada vez pior. Eu acompanho todas as emissoras aqui de São Paulo que trabalham com jornalismo e as que não trabalham, também eu ouço. Sempre umas 10 ou 12 emissoras por semana."

"Quando os jornalistas entram ao vivo, os relatos são extremamente curtos, rápidos, e isso, ao meu ver, atrapalha a narração." Deve ser feita uma descrição a ponto de deixar o ouvinte entrar um pouco na cena descrita. Talvez deixar o ouvinte participar daquele acontecimento. Para ele, esta prática, atualmente, está um pouco prejudicado na reportagem simultânea, na reportagem "ao vivo".

> Reportar basicamente é isso. É o conceito é de você trazer alguma coisa, pegar o acontecimento, no sentido que de algo que não estava previsto. Fazer um recorte e transformar em fato e levar este fato para o ouvinte. É óbvio que passa uma séria de filtros, interpretações. É impossível você levar a realidade para dentro do rádio, ou de qualquer outro lugar. Você não

> consegue relatar a realidade. Você leva fragmentos desta realidade, fragmentos desta história e como fragmentos, também vem uma carga de subjetivismo. O repórter não consegue ser 100% objetivo.

Quanto a esta percepção, Cardoso explica que, do mesmo modo que foi aprendido nos bancos da escola, a carga cultural pessoal do ouvinte também influencia o modo que acontecerá sua compreensão dos fatos. A cultura, a religião, a criação, a ideologia e a linha editorial da empresa que o jornalista trabalha faz que a narração chegue ao ouvinte "salpicada por uma série de filtros". "Uma reportagem no rádio é contar uma história de forma oralizada que será fragmentada, [...] levando um fragmento sujeito a vários filtros, várias interpretações do ouvinte", explica.

Para o professor Nivaldo Ferraz, a radiorreportagem é a presença do jornalista testemunhando e narrando o fato, muitas vezes simultaneamente. Junto com as funções técnicas do repórter de rádio está a necessidade de ser veloz, pelas próprias características do veículo, e isso "passa para o orgânico do repórter". Ele precisa, sempre de forma muito rápida, notificar o público dele, notificar o ouvinte sobre um fato.

> Desta forma, o comportamento que ele possui é o de observar rapidamente as circunstâncias, conversar com pessoas, testemunhas, médicos, paramédicos, bombeiros e colegas que possam ter chegado ao local pouco antes que ele [...]. E ele tem que ter uma narrativa oral dessa circunstância para passar para o ouvinte, via celular. Normalmente hoje, é o que fez que tudo ficasse mais exigente do ponto de vista da velocidade, rapidez de pensamento, agilidade para recolher informações e transmiti-las.

Ferraz explica a importância da radiorreportagem ser "ao vivo" e fala que ela é pouco, ou cada vez menos, explorada no rádio. Em contrapartida, a radiorreportagem gravada, ou diferida, que é esta possibilidade de você capturar o som de um fato que você aborda e desenvolver uma pauta dentro dos princípios do bom jornalismo com elementos da tradição impressa. Ou seja, você pesquisa, prepara uma pauta, sai a campo para fazer entrevistas e volta para casa.

> Ultimamente tem sido a casa mesmo. Quanto mais as empresas neoliberalizam sua economia, mais os repórteres conquistam essa autonomia

> de fazer as coisas a distância. Às vezes nem vão para a emissora, mas voltam para um local onde se possa construir essa narrativa com textos um pouco mais bem distribuídos. Quanto à questão da informação, mais bem escrito porque é mais pensado, não é narrado "ao vivo", que conta com aquela emoção da narração "ao vivo", mas também com vários erros porque não é tão racional. Ou seja, esses elementos constituem esse roteiro que é a soma da sonora e do que chamamos erroneamente de *off* no rádio a fala do repórter.

Para Ferraz, é importante que o jornalista fique atento nos momentos de gravação do *off* para que não se distancie do tema que será relatado na radiorreportagem. O repórter de rádio é testemunha do que está narrando a partir das informações captadas *in loco*. Ele critica que essas reportagens são objetos em extinção na prática do radiojornalismo.

"Os editores ficam resguardados às ideias das reportagens especiais que em geral são comemorativas de algum fato, evento histórico, lembrança de 25 anos de alguma coisa ou 50 anos de aniversário disso e daquilo em que se produz reportagens em datas agendadas."

Nivaldo completa esse pensamento reforçando a importância de alguns jornalistas que escreveram sobre a aventura da reportagem e que fazem a base bibliográfica da formação do jornalista no Brasil, como José Hamilton Ribeiro, Ricardo Kotscho, Gilberto Dimenstein, Clóvis Rossi e Jânio de Freitas, que retomam a reportagem como sendo uma grande escola. No ato reportagem que está escrevendo, o jornalista faz a literatura popular, que é uma literatura técnica para esclarecer ao público os detalhes daquele acontecimento que está reportando.

> Mas, ao mesmo tempo, você narra a história a história, traz para a contemporaneidade do jornalismo a tradição dos contadores de história, a tradição dos menestréis, a tradição dos rapsodos que são da própria existência humana de passar para frente a experiência. E você encontra em muitos estudiosos que observavam isso, e aí eu passo pelas pessoas da Escola de Frankfurt, ou pelos não tão aceitos por ela como Walter Benjamin, que recupera a questão do narrador e que insiste [...] sobre a necessidade da passagem da experiência para gerações vindouras.

A reportagem traz esta recuperação do contar, do narrar. No caso do rádio, a radiorreportagem é bastante técnica com a exigência da narrativa, mas o que torna ela

diferente dos outros gêneros do radiojornalismo é essa possibilidade de trazer o contador da história.

O professor José Eugênio de Menezes entende a radiorreportagem como um termo do campo da comunicação utilizado no jornalismo. Isto é, o cidadão que contempla, vê e percebe um determinado evento. O repórter transforma aquele momento em um acontecimento, interpretando e reportando essa observação à comunidade – no caso do rádio, os ouvintes.

Desse modo, a radiorreportagem é uma matéria jornalística na qual se destaca o elemento do áudio. Muitas vezes, é transmitida "ao vivo", supondo a presença do repórter no evento e, portanto, dando um caráter de imediatismo, de tempo presente, quase que proporcionando ao ouvinte a sensação de estar inserido em determinado cenário.

> É claro que, para que isso ocorra, são necessárias duas frentes importantes. Primeiro que aquilo seja jornalismo mesmo. Isto é, que não seja um trabalho de divulgação, mas que de fato inclua perguntas, dúvidas, diversidade de opiniões, tudo aquilo que deve pautar um jornalismo com características éticas. Por outro lado, deve conter as características de todo e qualquer jornalismo como função pública, caráter ético, função social, busca de se transmitir o mais próximo possível daquilo que seria a verdade e isso em termos jornalísticos. Em termos de rádio seria o uso das qualidades do jornalismo acrescentadas às perspectivas e possibilidades que o rádio oferece, que é justamente a possibilidade de captar o som ambiente, de criar um cenário sonoro, uma paisagem sonora, e, portanto, de utilizar estes recursos.

O jornalista e professor Álvaro Bufarah entende a radiorreportagem como um produto radiofônico diferenciado, que se baseia em uma apuração feita a partir de uma pauta, entrevistas e o confronto dos dados, dando origem a um projeto comum. Além disso, é a informação que, do ponto de vista jornalístico e filosófico, determina a busca pela verdade. Assim, o repórter reproduz a história e vai recontá-la aos ouvintes.

> É uma narrativa para você contar um determinado fato que aconteceu no espaço tempo e, do ponto de vista operacional para a minha geração, que já tem um tempo de estrada, a reportagem parte da pauta, que, por sua vez, se baseia em um conjunto de pesquisas, em uma série de informações. Aí você junta estes dados, filtra, compila, monta uma pauta com nomes das fontes,

> prováveis fontes, mais o conjunto de informações que vai dar base para que o repórter ou entrevistador (âncora ou produtor) consiga ter uma base referenciada de dados e absorva o máximo possível de informações daquela determinada fonte.

A professora Lenize Villaça traz à tona o princípio de que, na radiorreportagem, o jornalista produz uma matéria com aprofundamento. E está é composta pela fonte, a voz do repórter, a montagem, a equalização e a edição. Desta forma, a radiorreportagem é a manifestação em áudio que mantém os conceitos e as premissas do jornalismo como um todo.

> Eu sempre falo que, para fazer uma boa reportagem no rádio, o jornalista, o repórter, tem que ter ouvido. Ouvido por quê? Se é uma pessoa que não tem, que não presta atenção no que está à sua volta, no ar-condicionado, no barulho de um carro, nas pessoas falando, esta não consegue pegar os sons e não consegue ter uma boa noção de como entrevistar.

Ela comenta que é comum que os alunos façam o "fala povo" com áudio cheio de barulho ambiente sem perceber. "A captação é a alma do negócio, se você não captar um bom áudio você não consegue levar para frente uma reportagem. O rádio é feito de áudio, e se ele não é bom, não tem software que resolva aquele problema."

O repórter que irá fazer a radiorreportagem deve ter o mesmo cuidado de saber que está produzindo para uma mídia sonora. "Ele não pode ter ruído, ele não pode ter silêncio, o áudio tem que ser claro, a pessoa tem que falar muito bem."

Dessa forma, é importante que estes conceitos básicos sonoros e o conteúdo do jornalismo estejam absorvidos. Detalhes sonoros não podem passar despercebidos para quem trabalha com rádio, justamente para que o trabalho tenha suas características respeitadas. "O jornalista faz uma reportagem voltada para o impresso e não percebe que aquilo não vai cair bem no áudio. Deve-se respeitar a particularidade do áudio, da mídia que será trabalhada, no caso, da mídia sonora."

Para Luiz Fernando Santoro, professor da Universidade de São Paulo, a reportagem caracteriza-se primeiro pelo destino deste produto, ou seja, é importante que se considere o veículo, se vídeo, impresso ou áudio. Assim, as informações "como, quando, onde e por que" inerentes ao veículo jornalístico devem ser respondidas.

> [...] mas no rádio, com uma diferença, como se trabalha só com o som, quer dizer, só com a sonora e com o ambiente sonoro e o texto do repórter. Então na verdade, os elementos dessa radiorreportagem não podem ser apenas jornalísticos, ou seja, são os elementos jornalísticos e os de linguagem específicos.

Ele conta que os critérios jornalísticos são semelhante nas reportagens, independente do meio. Porém, a diferença no rádio é que o texto do repórter é acrescido pelos recursos sonoros, entre eles o ambientado durante a passagem *in loco*, somado aos outros elementos, como as sonoras dos entrevistados.

A finalização do material com sonorização, música, vinheta, pós-produção do áudio, masterização e equalização do som fazem que a radiorreportagem se complete. Porém, para Santoro, o conteúdo ainda é o fundamental durante a produção da matéria. "Eu acho fundamental como conceito a questão jornalística, mais do que a questão da linguagem dos elementos audiovisuais e o tratamento de tudo isso."

Já a jornalista Mariza Tavares enxerga a radiorreportagem e as reportagens em geral como sendo uma plataforma. Ela explica que, dentro do conceito da CBN, o ouvinte consumirá *off-line*, em um rádio de pilhas, no carro, ou o *streaming* em tempo real. Ele pode consultar *on-demand* o conteúdo que fica arquivado no diretório e também baixar o *podcast* e, desse modo, o modelo da radiorreportagem deve ser repensado.

> Cada vez mais é uma demanda dos profissionais também, pois você conta muito melhor a história. Hoje em dia estamos considerando abolir os gravadores, mas como em rádio você vai abolir os gravadores? Os *smartphones* chegaram a uma sofisticação com aplicativos e possibilitam adaptações técnicas. Já colocamos jornalistas fazendo a transmissão de CPI pelo celular, você pluga o repórter à central técnica e só troca quando a bateria estiver se esgotando. São tantas possibilidades oferecidas pela tecnologia que não tem como ficar fora disso.

Ela diz que a radiorreportagem é a alma do rádio, assim como é a alma de todo jornalista. "Nós jornalistas somos contadores de histórias. Muitas vezes estamos contando histórias relativamente simples que pode ser de um acidente, uma batida de carro. Porém, muitas vezes, são histórias muito complexas, como explicar uma descoberta científica e

traduzimos de um repertório científico, para iniciados, a um repertório onde o maior número de pessoas possa entender."

Ela comenta que o jornalista se assemelha a um professor que vai dar aula e facilita o conteúdo para que seja bem compreendido por seus alunos. "Aqui na CBN nós brincamos e chamamos os comentaristas de explicadores do mundo." E a reportagem é contar a história no campo de batalha, onde ela está acontecendo, e isso não pode ser substituído, não somente em rádio.

> Embora na radiorreportagem seja muito forte a presença do repórter no local do acontecimento, o que diferencia é que você vai estar ali com o elemento sonoro principalmente, mas enriquecerá sua matéria com outros recursos como, por exemplo, vídeo, foto contando a vida real, essa é a grande diferença.

Para Tavares, em casos clássicos de coberturas jornalísticas, ter o repórter no local é diferente de entrevista com especialista ou da leitura de nota. Tê-lo trabalhando na captação do som ambiente, da sensação do lugar, é insubstituível e é o que faz que as pessoas consigam materializar aquela situação. "Lugar de repórter é na rua, eu sempre digo [...] e para contar história você tem que ter gente, é o mundo real."

Suely Maciel, professora da Universidade Estadual Paulista, explica que a radiorreportagem é o espaço que apresenta informações que possibilitam o aprofundamento da notícia, isto se comparada ao *hard news*, que é a informação ligeira. Assim, essa forma de fazer radiorreportagem começa a ser delineada no momento do estabelecimento da pauta, pois é nesse instante que o jornalista começa a traçar qual será o percurso daquela coleta de informações e qual vai ser sua extensão. Além disso, esse é o momento em que ele considerará o tempo disponível para a formatação da radiorreportagem.

> O jornalista pode ficar uma semana coletando informações e transformar aquilo em um texto de um minuto. Então é importante que se pense em um parâmetro: O que é a radiorreportagem? Quais os diferenciais dela? Do ponto de vista da prática profissional, a reportagem seria isso: é o tipo de produção jornalística que visa trazer uma informação mais aprofundada sobre o objeto daquela coleta, daquela informação. Então visa ampliar contextualizar, aprofundar a discussão sobre um determinado tema,

> buscando antecedentes, consequências e contexto imediato de passado e futuro. Essa é a definição do cânone.

Porém, a professora Suely Maciel faz uma ressalva relacionada à questão do tempo. Ela afirma que, justamente por buscar aprofundamento, entende-se que a radiorreportagem não pode durar 30 segundos. “Mas então, qual o tempo da reportagem? O tempo seria o diferencial?”, comenta.

> Já se pensarmos na coleta de informações poderíamos compreender a radiorreportagem por esse viés. Mas é difícil, pois existem produções que duram de três a cinco minutos e não dizem nada. E aí nada? Aprofundou? Contextualizou? Problematizou? Acaba sendo a repetição das mesmas informações em vozes diferentes. Então volto a perguntar: o tempo é o diferencial?

Ela comenta que alguns autores trabalham a reportagem também como espaço mais ampliado para o uso diferenciado e articulado de todos os recursos da linguagem radiofônica, quais sejam, o som, a música e a palavra. Então em um boletim simples ou numa nota simples não há tempo para se fazer esta utilização.

> Este formato pode ser experimentado na reportagem, em uma entrevista especial, em um documentário, isto é o diferencial. Então o que é reportagem? Penso que, para mim, o principal elemento diferenciador da reportagem, em relação a outras produções, é a abordagem que se faz acerca dos assuntos, não é o tempo dela, não é utilização dos recursos, embora pense que os recursos da linguagem radiofônica são subaproveitados. É o tipo de produção que tem como objetivo primordial [...] dar mais sobre aquela informação. Agora, se isso será noticiado em três ou em dez minutos, depende da competência daquela produção, da edição e por aí vai.

Em concordância com a visão da professora Suely Maciel, Marcia Detoni – ex-correspondente da BBC World News, pesquisadora e professora do Mackenzie – destaca a importância do aprofundamento e da busca por detalhes da informação.

> Em contraposição à notícia, na qual você simplesmente informa de uma maneira bastante objetiva e breve o que está acontecendo, eu vejo a reportagem como um espaço que permite dar detalhes, aprofundar, trazer interpretação e outras vozes. Esse é o meu conceito, eu separo notícia e reportagem tanto no rádio quanto em qualquer prática jornalística.

Para Julio de Paula, professor da Faculdade Cásper Líbero, a radiorreportagem implica a cobertura de algum fato ou acontecimento, de uma maneira aprofundada preferencialmente *in loco*, e que o profissional tenha, além de depoimentos, a visualização da situação real vivida naquela situação, tudo isso costurado com os elementos da paisagem sonora. "É importante que o profissional capte um pouco da situação real vivida na cena que está sendo reportada. Cada vez menos os repórteres estão saindo a campo e isso é um absurdo para o ouvinte."

4.2 Aparatos técnicos

O jornalista Milton Parron, ao explicar a corrida para a cobertura do incêndio do edifício Joelma, revela que as viaturas tinham frequência de FM e utilizavam as conhecidas Motorolas para fazer as transmissões a partir do local do acontecimento.

> Você não tinha telefone, essa facilidade que você tem hoje de pegar o telefone não existia ali. Orelhão, muitas vezes tinha diversas pessoas na fila, utilizávamos muito este recurso, porém, e isso eu aprendi bem na década de 1960, quando você não tinha orelhão você ia a uma loja qualquer e pedia o telefone emprestado: "Escuta, me empresta o telefone? Eu sou da emissora tal e precisava fazer uma transmissão aqui... Aí eu falo da sua loja". E então dava uma compensação para o cara emprestar o telefone, muitas vezes por vaidade, porque sabia que não traria resultados para ele, em termos comerciais, mas pela vaidade de ver o nome da loja dele, então a gente usava esse recurso.

Outro item utilizado e citado pelo jornalista diz respeito à agilidade da equipe da Joven Pan no dia da cobertura do incêndio no edifício Joelma. Ele conta que o pessoal da área técnica esticou uns 200 metros de fio no meio da rua, de dentro da Câmara Municipal, atravessando toda a garagem, até ligar o amplificador onde estava a viatura.

> Eu fiz o primeiro boletim pouco antes das 9 horas, logo que o Baldini [Natal Baldini, na época operador de som da Rádio Jovem Pan] conseguiu montar aquela parafernália toda e, assim, eu tornei a entrar. Então, já na minha terceira entrada, eles disseram: "Olha, estamos tirando o jornal do ar, estamos tirando os comerciais, tirando tudo, você aguenta a transmissão daí, estão mandando mais gente".

O jornalista Fábio Rubira ressalta a importância dos equipamentos tecnológicos na produção da radiorreportagem.

> Eu acho que vai da experiência, vai do olhar que você vai treinando, o ouvido também, vai de perceber o que é que você vai encaixar ali, o que é que não pode, vai também de recursos de equipamentos tecnológicos, se você tem um gravador muito bom, isto ajuda muito.

Rubira comenta que essa técnica melhorou muito. Os gravadores digitais estéreis ajudam a ilustrar e enriquecer a radiorreportagem. Ele explica que a ideia é não deixar a radiorreportagem monótona, criando elementos que fisguem a atenção do seu "cliente" para que ele continue acompanhando e se interessando pela matéria. "Quanto mais riqueza você tiver dessas percepções, desses detalhes, isto ajuda muito no que você está transmitindo, nas informações."

Por outro lado, o professor e jornalista Marcelo Cardoso comenta que de sua época como jornalista de rádio até a passagem para a academia com a conclusão do seu mestrado em 2009, a questão tecnológica sofreu muitas transformações.

> Em 2009 eu visitei algumas emissoras e vi muitos repórteres editando o próprio trabalho, coisa que na minha época não acontecia. Na década de 1990, trabalhei em rádio durante vários anos. Naquele momento, primeiro que não tinha digital, era tudo fita de rolo e segundo que você falava com o técnico e ele executava a edição.

Em algumas emissoras, como na Jovem Pan, o repórter entregava a fita cassete para um editor de reportagem e ele fazia este trabalho, o repórter gravava uma matéria básica e o editor usava aquele material todo para produzir matérias diferentes. Marcelo conta que foi editor de reportagem na antiga Rádio Eldorado, hoje Rádio Estadão, e chegava a cobrir um

show inteiro, quando a rádio promovia. Havia vários entrevistados durante o show e o repórter tinha que transformar este material bruto em várias matérias. Em algumas, o locutor lia o texto e em seguida colocava a sonora e, em outras, os repórteres falavam mais. Para ele, esse processo não mudou, mas foi prejudicado com o fato de as emissoras terem poucos técnicos para auxiliar na produção da radiorreportagem. Cardoso relaciona à questão técnica o preparo do jornalista antes de sair às ruas e o apoio da rádio quanto à estrutura para auxiliar o repórter.

> Você tem um jornalista que não faz só pauta, faz outras coisas, às vezes não tem nem pauta, o cara vai para as ruas sem nada [...]. Tudo bem, o jornalista tem obrigação de ficar bem informado, [...] mas ao mesmo tempo é bom sair da redação com um suporte, uma ajuda, alguém te dando um retorno sobre o que se espera da linha editorial. Na TV Globo por exemplo, as pautas são bem elaboradas, eles colocam até o que o cara tem que falar, eu acho ruim, mas há até um trabalho no que se espera da linha editorial daquela matéria, o que ela vai abordar, para que lado ela vai, eu acho que é um exagero, mas o cara não pode reclamar que saiu sem suporte.
> Em contrapartida, quando tem matéria especial, que não são muitas, aí sim você tem que trabalhar bastante música e todos aqueles conceitos da linguagem radiofônica, acredito que esse processo ficou prejudicado, perdeu-se um pouco da magia do rádio, os elementos da linguagem do rádio poderiam ser mais utilizados.

O professor Nivaldo Ferraz contesta a “obrigação de o repórter ser paramentar de elementos de tecnologia”. Para ele, isso afasta o jornalista da cena a ser relatada retirando sua possibilidade de observar, de ouvir as histórias e fazendo que se distancie das relações humanas, ou seja, o contato pessoal com as fontes e pessoas que presenciaram as ações.

> Ao repórter, é exigido que vá para o fato com um bom celular. Quando está no ar, pelo celular, é a personificação da emissora naquele momento, comandando a comunicação daquele instante. Com o celular, poderá gravar, captar algumas coisas, mas é indicado que leve o gravador digital, um bom gravador, pois, deste modo, fará uma edição prévia deste material para fazer a reportagem.

Ferraz completa dizendo que a constituição da radiorreportagem é tida como "mesclada" por somar elementos de diferido e de "ao vivo". O repórter de rádio possui as sonoras gravadas que se referem a um tempo passado, sua entrada ao vivo pelo celular com essas gravações capturadas e separadas no gravador digital personificam a mistura dos dois tipos de radiorreportagem. A gravação pode ser produzida "ao vivo", praticamente improvisada, com algumas palavras que o repórter talvez tenha anotado – para não esquecer o *fio da meada* – e, com a narração, é possível conduzir as sonoras captadas.

> Então ele tem que manipular toda essa tecnologia e perde tempo com isso. Se for ainda mais autônomo por exigência do perfil do contrato dele, estará ali provavelmente com um bom *laptop* ou com outro minicomputador, qualquer que seja, que possua *software* de som razoável e que não seja muito pesado, mas que possua os elementos suficientes para editar ali, talvez digitar um pouco melhor e dali mesmo mandar para a emissora uma reportagem gravada. E o repórter acaba fazendo todo este trabalho *in loco*, correndo o risco do improviso, de fazer um texto pior do ponto de vista da narrativa, de fazer um contato humano certamente pior. Tendo em vista que vai conversar menos com as pessoas, vai observá-las menos, vai piorar as entrevistas por conta disto, porque não vai fazer perguntas tão legais como faria se tivesse tempo de relação humana com essas fontes.

O pesquisador Nivaldo Ferraz comenta que o uso excessivo de tecnologias acerca da atividade de "radiorreportar" piora o texto do jornalista. Sendo assim, o relato poderá ser colocado em segundo plano por conta da manipulação dos aparatos tecnológicos atuais.

> Essa tecnologia imposta ao repórter o faz forjar o perfil do jornalista técnico que resolve tudo, mas que se afasta de um elemento que, sem ele, a reportagem não existiria: o ser humano. O repórter se afasta do ser humano e, para mim, esse é um dos grandes problemas contemporâneos para o rádio.

O professor José Eugênio de Menezes acredita que essas duas questões, tanto dos aparatos técnicos e de equipamentos quanto a questão das atribuições do jornalista, se completam:

> A questão técnica fica por conta da emissora de rádio ter os equipamentos adequados, que antes eram equipamentos que ocupavam grande volume. Por exemplo, você pegava ume espécie de um prendedor em que a pessoa tinha que abrir um espaçozinho na linha telefônica e colocar aquele prendedor ali para fazer a ligação. Era uma coisa altamente complexa e, por outro lado, eram equipamentos que tinham que ser carregados como se fosse uma mala. Atualmente, esses equipamentos são muito ágeis, pois qualquer criança, em tese, pode manipulá-los. Portanto, a empresa precisa oferecer aos jornalistas cursos, reciclagens, no sentido de que ele tenha equipamentos adequados tanto para fazer trabalhos planejados com antecedência, quanto para fazer trabalhos de imediato, trabalhos "ao vivo". Essa é a característica do rádio.

Quanto aos equipamentos técnicos, ele comenta que parece não haver um grande problema, pois as emissoras estão utilizando cada vez mais os equipamentos dos próprios ouvintes que não possuem, necessariamente, qualidade de rádio. Esses recursos permitem que qualquer ouvinte potencialmente possa participar de uma radiorreportagem, possa fazer uma sugestão de pauta e possa, em alguns casos, até comentar ao vivo sua opinião sobre um acontecimento.

> Lembrando sempre que é importante distinguir tecnicamente o chamado ouvinte repórter, ou ouvinte internauta. Ele capta uma parte do evento, porém não está treinando para transmiti-lo. Cabe a uma equipe, de reportagem de fato, conferir se aquilo procede, verificar se tem esta característica de merecer que algo se transforme de um simples evento ou algo particular em algo que mereça uma distribuição para a cidade inteira.

Sendo assim, se há muitos jornalistas entrando "ao vivo" e muita informação chegando, é importante que haja mais pessoas para checar. O grande desafio do processo de participação do ouvinte vem desde os textos de Eugene Bertolt Brecht (1927-1932), nos quais afirmou que havia tanto espaço para se dizer e que esperava que as pessoas tivessem coisas relevantes.

> Há muito o risco de nós ficarmos animados demais com os aparatos técnicos, como crianças que ganham brinquedos. [...] Há um encantamento da máquina sem perceber que este é a venda de um produto feito por um

> fabricante que quer vender produtos e dizer que isso é muito relevante. Nós poderíamos estar fazendo tudo o que estamos fazendo sem este equipamento aqui à nossa frente e sem também o gravador? Claro que se nós pudermos usá-lo a nosso favor, ótimo, mas não é isto que torna a sua compreensão e a minha fala mais interessante pelo fato de ela ser gravada.

Já o jornalista e professor Álvaro Bufarah explica que, do ponto de vista prático, o processo de produção da radiorreportagem foi transformado substancialmente.

> Antes você apurava a notícia pelo telefone e conseguia a informação com o repórter na rua efetivamente, entrevistando as pessoas. O repórter, para passar uma sonora, por não ter uma plataforma multimídia nem o celular. Ele saía com um saco de ficha telefônica e com um equipamento de última geração para a época chamado "garrinha jacaré", em que nós abríamos o telefone. Depois tirávamos a cápsula, ele pendurava o gravador direto no fone do telefone e emendava direto na linha para passar a sonora.

O jornalista complementa explicando que um processo tão rudimentar e que era um empecilho à produção da época. Mas as dificuldades do analógico propiciavam uma série de possibilidades de criação. "Você tinha sacadas de texto, de áudio, de edição para poder resolver algum problema de uma sonora que não estava muito boa."

Atualmente, existem recursos tecnológicos que resolvem esses problemas em segundos. Para Bufarah, o processo foi inversamente proporcional em termos de criação e qualidade. Ao mesmo tempo em que a produção da radiorreportagem ganhou em termos de qualidade, caiu quanto à criação desse conteúdo.

Ele explica que se conseguisse manter o padrão de criação dos anos 1970 e 1980 em conjunto com o padrão de qualidade tecnológico atual seria possível a produção de radiorreportagens "absolutamente fantásticas". Mas hoje, pelo excesso de potencialidades, as emissoras acreditam que investimento em tecnologia é a grande saída para os veículos, mas, na realidade, os investimentos deveriam ser feitos em pessoas, já que o ser humano é quem a manipula.

> Os veículos de comunicação no Brasil não têm uma visão positiva sobre formar e reter talentos, de evolução e melhora. Pelo contrário, nos últimos

> 20 anos, o *turn over* das empresas de comunicação subiu absurdamente. Então, o que mudou?

Reforçando os questionamentos sobre as constantes atualizações vivenciadas pelos jornalistas de rádio ao longo dos tempos, principalmente por conta da constante evolução dos aparatos tecnológicos, Bufarah revela que a mudança na forma de produção foi uma das principais transformações sofridas pelo rádio.

> Antes você saia às ruas para produzir uma matéria e colocava no ar através de um rádio aberto, conhecido como Motorola, em que todos se ouviam. Era possível ouvir a frequência dos concorrentes, da polícia, todos se ouviam e todos viviam correndo atrás dos furos.

Porém, ele explica que este era um período "romântico" do jornalismo e que, atualmente, o jornalismo está passando por um processo absolutamente competitivo e necessário, visto sob uma ótica empreendedora.

> As relações humanas se perderam em relação a tudo isso. Do ponto de vista tecnológico, acho bárbaro, acho que a gente tem que melhorar, avançar, acho lindo. Eu sou entusiasta da tecnologia. Só acho que a gente perdeu o ser humano no meio do processo, mas isso é um processo longo, que vem de um processo de capitalismo maluco, de empresas mal posicionadas, entre outras coisas.

A professora Lenize Villaça realça a importância da atenção do jornalista no momento da captação do áudio para o ouvinte, mas também para que o repórter consiga compreender o universo que irá reportar. Ela ressalta a importância do equilíbrio dos elementos e recursos radiofônicos que, harmonicamente, auxiliam a criação imagética do ouvinte.

Para Villaça, se todos os repórteres tiverem em mente estes conceitos básicos sonoros, assim como os conceitos do jornalismo e a clara compreensão do conteúdo que será tratado na radiorreportagem, respeitando as particularidades do áudio, o trabalho será bem feito.

De outra forma, o professor Luiz Fernando Santoro esclarece que o tamanho da evolução dos equipamentos, mesmo que essa transformação não seja introduzida no trabalho do repórter e utilize somente um pequeno gravador, é suficiente para recolher os sons e falas

que o repórter necessita para a montagem da sua peça radiofônica, no caso, da sua radiorreportagem.

> Mas existem equipamentos muito legais, gravadores digitais hoje como o DR-40 da Tascam e de várias marcas com uma qualidade extraordinária. Eles permitem o trabalho de pós-produção na ilha de edição com todos os recursos possíveis. Existem microfones excelentes e então, na verdade, este pequeno microfone onidirecional que está embutido no pequeno gravador portátil. Ou seja, é apenas um passo inicial do trabalho de radiorreportagem que eu não acho que deva ser a referência. Como referência, ressalto que o melhor microfone possível é, preferencialmente, aquele adicional externo que permitem conectar esses aparelhos de mão para os lugares que você tem os ruídos ambientes. É fundamental que um bom microfone faça parte do trabalho.

Além disso, o professor da Universidade de São Paulo ressalta a importância do bom equipamento para gravação e do trabalho de pós-produção e tratamento. “Não é somente pegar e colocar no *cool-edit*, *protouser* e simplesmente fazer os cortes. Não é só isso. Tem que fazer os cortes, tem que equalizar, melhorar os metas.” Este conhecimento complementar é fundamental para conseguir o melhor resultado possível.

Para isso, é fundamental que, mesmo se a emissora tiver somente um operador de áudio, o jornalista conheça os *softwares* de edição e pós-produção, para saber o que pedir e, por exemplo, também fazer o corte inicial na sua própria matéria.

A professora Suely Maciel traz à tona a questão da variedade de recursos que permitem a coleta de informações e a importância dessa portabilidade do mundo atual. Ela conta que, antigamente, ao sair para fazer uma matéria o repórter levava o gravador ou teria que carregar o fio, seja por conta da unidade móvel, seja por causa da unidade fixa, e que, hoje em dia, com a facilidade do telefone celular, é possível transmitir uma radiorreportagem em tempo real.

Além disso, a pesquisadora defende que o relato da cena que será transmitida também pode facilitar o trabalho de radiorreportagem. Ou seja, mesmo que aquele momento seja transformado apenas em um elemento sonoro é possível que, na elaboração, o acesso à imagem influencie a produção da radiorreportagem.

> Então é claro que esses recursos tecnológicos, o celular, filmadoras, a possibilidade de transmissão em tempo real facilita. É muito mais fácil você conseguir ligar para a sua fonte e gravar instantaneamente sem ter que se deslocar para conseguir executar esta gravação, essa é a vantagem. Porém, por outro lado, as desvantagens são aquelas decorrentes da preguiça da utilização dos aparatos tecnológicos em prol de uma menor mobilidade e de uma menor exploração do espaço público e do espaço coletivo em detrimento da limitação do trabalho dentro do espaço privado que é o da redação ou da sala do escritório do jornalista. É uma vantagem desvantajosa tendo em vista que lugar de repórter é na rua, lugar de repórter não é lugar de colunista, de redator. O repórter é o cara que coleta informação, que vivencia o mundo estando em contato com as pessoas, observando o ar, os cheiros, as texturas.

Maciel comenta que os aparatos tecnológicos têm sido bem aproveitados na coleta de informações. Porém, isso não se reflete no texto, pois é difícil transformar a imagem em palavras, em sons, em efeitos sonoros. “Então para que o aparato tecnológico? Por qual motivo ter acesso aos recursos sem utilizá-los?”

Sendo assim, a alta fidelidade de captação sonora sem ser representada na radiorreportagem não traduz ao ouvinte a realidade que está sendo reportada.

> As matérias têm ficado cada vez mais chatas, mais pobres e com uma sequência infindável de “*take* sonora, *take* sonora, *take* sonora” de quem? Do especialista, das mesmas fontes de sempre, que conversa ao telefone com o repórter que não precisa sair da redação para isso. Já as reportagens mais revolucionárias possuem o efeitozinho sonoro, uma trilhazinha sonora no início, ou a pessoa pensa que começar a reportagem de forma mais poética ou falando de alguma personagem faz com que seja uma boa reportagem. Não! A boa reportagem é aquela que transforma a vida do ouvinte. A reportagem deve dar o *plus* de informação contextualizada que liga a vida real dos problemas reais da vida das pessoas. Não adianta encher a radiorreportagem de informação sem estabelecer uma conexão com a vida concreta do seu ouvinte.

Para Mariza Tavares, a tecnologia está a favor do repórter ao ponto de, na CBN, considerarem abolir os gravadores da produção das matérias. Conforme discutido no tópico

anterior, os *smartphones* chegaram a um grau de sofisticação que, somados a aplicativos e adaptações técnicas, os jornalistas são capazes de recriar o universo através da narração e dessa captação da realidade.

Evocando os princípios da "ergonomia", a professora Marcia Detoni traz à luz a facilidade dos equipamentos serem cada vez mais portáteis e leves. Além disso, o telefone permite entradas de qualquer lugar onde o repórter está. É possível também que a edição deste material seja feita em campo e que seja retransmitido (já editado) para os gravadores digitais.

> Então as novas tecnologias deram mobilidade e rapidez para a reportagem, não necessariamente tornando essas reportagens mais atraentes. A maior facilidade da tecnologia é a locomoção e a rapidez.

O professor Julio de Paula enxerga as revoluções tecnológicas vividas atualmente com a disponibilidade de muitos equipamentos de baixo custo e de alta qualidade.

> Pensar em um rádio com uma qualidade ruim de gravação é impossível. Neste sentido, o telefone está fora. Podemos utilizar o telefone se realmente for necessário, mas não como uma opção para o dia a dia. Já tive algumas experiências, por exemplo, de gravar direto de um computador utilizando o Skype e eu tento criar artifícios para manter a qualidade do áudio.

Julio de Paula explica que, independentemente da captação da voz, é fundamental não esquecer os elementos da paisagem sonora, que também deve ter qualidade. A música ajuda a pontuar, ressaltar, sublinhar algumas questões e dialoga com o que está sendo dito, e esse recurso também deve ser muito bem pensado para que ela reflita e converse com o assunto que está sendo retratado.

4.3 Convergência das mídias e internet

Milton Parron conta que a internet é um dos maiores aliados que o rádio já teve. Para ele, cuja carreira em rádio teve início na cidade de Avaré, a dificuldade de sintonização do sinal da rádio nos dias atuais foi amenizada com os acessos dos ouvintes pelo site das emissoras.

Ele conta que responde diversas vezes, pela internet, os ouvintes da Rádio Bandeirantes que participam do programa, interagindo por *e-mail* e utilizando as potencialidades da internet em outros países.

> A internet te leva para o mundo inteiro, em tempo real, então ela é uma grande aliada, uma grande ferramenta para aumentar o alcance da voz do rádio. Os grandes adversários do rádio somos nós mesmos.

Em consenso com o pensamento de Parron, Fábio Rubira, da Rádio USP, explica que, se for feita uma comparação de um pintor de tela de tempos anteriores a um atual, seria possível observar a sofisticação da tinta, a melhoria do seu pincel, mas a essência do seu trabalho continuaria a mesma. Para ele, o mesmo acontece com a radiorreportagem, ou seja, a ideia – o que move o ato de reportar – é a motivação.

> Mas a internet pode ser perigosa, algumas vezes, pois pode facilitar de tal forma que você não queira sair à rua. Ela pode trazer muitas coisas de bandeja e isso atrapalha o processo de apuração. Essencialmente, o trabalho do repórter se constitui com o pé na rua.

Após a transmissão da radiorreportagem, Rubira utiliza as redes sociais para a divulgação. Ele acredita que isso facilita a inserção do novo ouvinte, apresentando ao público jovem a linguagem radiofônica. O jornalista conta que, na Rádio USP, os repórteres não possuem as condições necessárias para executar essas ações, mas em outras rádios, como a CBN e a Joven Pan, essa prática é parte da realidade e da rotina dos jornalistas.

> A CBN, por exemplo, com a cobertura das Olimpíadas em Londres, fizeram matérias que não eram somente para o jornal, somente para a rádio ou noticiário radiofônico da emissora, mas também para a internet. Foi feita uma disputa entre os repórteres da CBN em que eles partiam de um ponto em comum, cada um utilizando um meio de transporte diferente. Eles analisavam quem chegava até determinado ponto utilizando táxi, ônibus e bicicletas, mas filmaram esta competição, filmaram tudo e subiram para o YouTube. Ou seja, um repórter de rádio fazendo uma reportagem em que testava o transporte e as vias públicas da metrópole inglesa, Londres, em

> uma época de Olimpíadas. Esta é uma forma de pensar o radiojornalismo, trabalhar em conjunto com essas mídias e extrair mais do seu trabalho.

Por outro lado, não é somente o repórter de rádio que possui essa prática: os repórteres de televisão e do impresso já integraram às matérias a divulgação através das redes sociais. Para Fábio Rubira, essa é uma tendência irreversível para os novos e para quem já está na profissão há mais tempo. A ideia é não focar sua reportagem somente no meio ao qual você está inserido.

> Não vou fazer uma reportagem de rádio somente para o noticiário sem levar câmera para, pelo menos, tirar uma foto, ou quem sabe para gravar o caminho até em casa e depois construir uma segunda reportagem em vídeo, agregar um texto, e utilizar depois da reportagem ir ao ar na rádio. É essa integração das mídias que faz o repórter ter de ser cada vez mais competente para usar estes equipamentos tecnológicos a seu favor e trabalhar dentro destes três perfis.

O professor Marcelo Cardoso acredita que o jornalista tem que tomar cuidado com a tecnologia. Ela deve ajudar a melhorar a qualidade, e torna-se um problema quando ressaltada em detrimento do conteúdo que deixa de lado a percepção, a cognição. “Como um som pode tocar o seu ouvinte? Como é que um som pode fazê-lo participar daquela ação, ainda que por um segundo, entrando pelos ouvidos e despertando reações químicas, neuroquímicas? Você ouve pelo corpo todo.”

Ele alerta sobre a importância da vinheta, que é a referencia do rádio, e afirma que a vinheta é mais importante, como um elemento que caracteriza e dá identidade à emissora, do que mil notícias entrando por minuto, ao passo que o excesso de informação prejudica a retenção. Além disso, alerta sobre a má utilização do mundo virtual na produção da radiorreportagem.

> O jornalista de rádio pega muitas notícias da internet. Então, o repórter entra “ao vivo” lá em Nova Iorque, mas ele nem está no local do acontecimento. Muitas vezes pegou aquela informação no jornal e da TV a cabo. Nada substitui, em termos de reportagem, a presença do jornalista no local. O Google é uma ótima ferramenta para conseguir dados, a internet possibilita

> uma videoconferência, por exemplo, mas estar frente a frente com o entrevistado, olho no olho, dá a chance de sentir, de perceber coisas.

E esse ideal reforça o pensamento de alguns entrevistados que evocaram a necessidade dos repórteres estarem nas ruas, sem perder os elementos da linguagem radiofônica. “Ele pode até montar uma matéria bonitinha no estúdio, com música, bota uns efeitinhos sonoros, o que também serve, mas o fato ele não viu, não esteve lá, não pode descrever.”

Ele conta que quando estava no mestrado entrevistou o jornalista Flávio Peres, que andou de ponta a ponta pelo rio Tietê e fez uma reportagem especial. “Tinha o som do vento batendo no microfone no rio sabe? Aquele barulho do vento deu uma sensação muito gostosa, você via que ele estava ao ar livre e falando.” Suprimir os elementos descritivos e da linguagem radiofônica atrapalha o transporte do ouvinte à cena reportada.

> A mentalidade de hoje é deixar tudo muito quadrado, formatado. Eu entendo que o jornalismo não sobreviva sem o capitalismo, mas se há muitos cortes, muita padronização, perde-se a naturalidade. Muitas coisas mudaram, neste sentido, do século XX para o XXI, a chance de se trabalhar mais com o perceptivo, os sentidos e a cognição estão se perdendo. Parece que os jornalistas, atualmente, querem induzir os ouvintes a ter os sentidos e os sentimentos corretos daquele áudio.

Quanto à convergência das mídias, Marcelo Cardoso esclarece que rádio é transmissão simultânea, ou seja, *podcast* não é rádio, o rádio é aquele que explora todos os elementos da linguagem na oralidade. E ele questiona a prática de algumas emissoras que adicionam às suas ações a imagem acrescentada ao site, o *streaming* e outras práticas na web que podem dispersar o ouvinte. Marcelo Cardoso afirma que o caminho do rádio é esse, tendo em vista que, a seu ver, o rádio é a mídia que mais se adaptou à adversidade.

> Na CBN, por exemplo, você entra no portal, tem a matéria com um título, um *briefing*, aí você clica na matéria. Até aí tudo bem, mas você está ouvindo a reportagem que já foi ao ar, é rádio, tudo bem que é um *podcast*, mas o áudio é áudio, acabou. Quanto a condensar outros elementos, eu não vejo problema nenhum, a não ser que comecem a fazer o rádio igual a TV, mas aí não vejo vantagem.

Para o professor Nivaldo Ferraz, muito está se modificando rapidamente no século XXI, e isso lhe dá a impressão de que, do ponto de vista dos meios de comunicação, viveu-se um século em uma década por conta da velocidade dos acontecimentos e sua exigência quanto à percepção. Para ele, a academia não consegue acompanhar essas transformações, e "nos prendemos ao passado", com dificuldades para ver o presente e quiçá prever o futuro.

> O que percebemos é que, lançando mão de várias novas tecnologias digitais, o repórter de rádio esta entrando em um certo limbo que é a captação da imagem e a colocação da imagem nos sites das emissoras de rádio, e que na internet já não estão fazendo o rádio hertziano. Eles estão fazendo outro tipo de comunicação que faz o repórter acumular outra experiência tecnológica. E a captura de imagem que pode se dividir em captura de imagem estática com foto, e posta no site ou no blog daquele programa que está no ar naquele momento. Também a captura de imagem em movimento em que o jornalista, às vezes, tem ido para as jornadas fazer videorreportagem. Ele passa a utilizar o som como o áudio do antigo rádio, podendo até fazer uma edição em áudio, mas o original foi captado em videorreportagem, foi captado por um equipamento que é audiovisual, não é só de áudio. Isto pra mim é bastante nebuloso, modifica muito o que a gente tem concebido e o que ainda não conseguimos ensinar.

Nivaldo Ferraz questiona os investimentos e modelo de negócios da web rádio, tendo em vista que é difícil viabilizá-la economicamente. Sua dúvida gira em torno do motivo que moveria um dono de uma loja de sapatos de uma cidade pequena, por exemplo, a investir em uma rádio pela internet que será acessada por pessoas distantes fisicamente daquele anunciante. "Exige-se muito e doa-se pouco. Não é tudo de graça, não é possível que seja tudo de graça sem sustentabilidade, nada será feito na comunicação e na internet sem que exista um modelo de negócios que banque isso."

Já o professor José Eugênio de Menezes explica que um meio de comunicação quando surge não mata o meio anterior, isto é, um meio inclui os anteriores de alguma maneira. Sendo assim, a internet potencialmente soma seus valores aos dos meios anteriores.

> O fato de você ter incluído o fax, o rádio, a pintura rupestre, a pintura cubista, renascentista, o som das estrelas, das plantas e do seu crescimento, das naves ao nosso redor, das gravações de meio século passado, entre

> outros sons, inclusive os quais não ouvimos, em uma plataforma misturada com todas as imagens e a história da humanidade é uma perspectiva interessantíssima. Porém, nós não sabemos como é que isso vai se desenvolver. Bertolt Brecht dizia que o rádio é uma caixa em que as pessoas podiam falar e ouvir. Será que isso aconteceu? Da forma como foi implementado e comercializado o rádio ficou sendo somente uma caixinha que fala, foi desenvolvida somente uma parte do aparato. Então há um espírito coletivo, um espírito ligado a *creative commons*, um espírito ligado à ideia de inteligência coletiva, ligado à ideia de construção coletiva do conhecimento, da vida etc., que está potencialmente presente dentro da rede. Como estava quando o radinho podia ter dos dois lados.

Para Menezes, assim como o rádio foi comercializado de um lado só, explorando a via emissor-ouvinte, e não o contrário, é difícil compreender as tendências do futuro, de como esse ambiente sociotécnico se desenvolverá. Ele afirma que é um ambiente sociotécnico e não somente técnico pois considera que o rádio atual está "misturado" com a sociedade, se caracterizando, então, como manifestação da cultura também. Seu questionamento, em consonância com o pensamento do professor Nivaldo Ferraz, gira em torno de como o rádio será comercializado e utilizado no futuro.

> Ele será de fato apropriado pela diversidade de conhecimentos onde eu possa ter a Rádio Heliópolis, reconhecida, falando ao lado com outro URL de uma rádio não reconhecida de outro lugar, e falando ao lado de uma produção sonora feita na Iugoslávia por um jovem que está na Síria vivendo os problemas de lá. Quer dizer, eu posso ter esta diversidade técnica, já que a forma que a *world wide web* foi criada para isso, ela tem essa potencialidade, e hoje, inclusive, trabalha com noções de web semântica no sentido de que tudo poderá ser traduzido para línguas diferentes, portanto sua potencialidade sumiu.

Para que o computador esteja na sala, o aparelho passa por um processo de venda e os equipamentos ficarão, segundo o professor Eugênio, cada vez mais atrelados a uma ou outra marca, como se tudo, daqui um tempo, tivesse que passar pela Apple Store para ser comercializado. Desse modo, forma-se uma grande disputa neste ambiente.

As produções sonoras tornam-se mais fáceis de fazer, mais acessíveis para a produção, mais fáceis quanto à criação, com estéticas e *softwares* adequados e com a possibilidade de distribuição por processos cocriativos vindos de várias partes do mundo.

> Portanto, emissoras ou grupo de jovens, grupos de artistas que fizerem isso usarão esse ambiente essa multiplataforma, abastecendo-a com características sonoras muito interessantes. Poderá ser usado para isso.

O jornalista e professor Álvaro Bufarah alerta que não há motivos para os jornalistas se manterem "ranhetas ou velhos" por conta das transformações tecnológicas e da convergência das mídias.

> Eu acho bárbaro, fantástico, é um caminho sem volta, não temos que dizer: "Não. No meu tempo era melhor". O meu tempo é agora, o melhor é agora. O problema é como fazer para que as novas gerações consigam entender que há um conceito por trás desse processo e que precisamos que o valor humano ali dentro seja mais evidente que o tecnológico. Saber mexer nos *softwares* de edição de áudio não significa saber fazer uma boa reportagem. Desse modo, a ideia de que eu precise de um profissional multimídia é boa, mas o Brasil a usa de forma equivocada.

Álvaro conta que, há alguns anos, participou de um congresso de professores de jornalismo e uma colega levou uma apresentação de um conteúdo de uma universidade da Carolina do Sul, nos Estados Unidos. Esse conceito de interação multiplataforma permite que as equipes visualizem, via GPS, qual equipe está mais perto do local onde ocorreu o fato. Supondo-se que seja a equipe de rádio que chega primeiro e produz a radiorreportagem para a mídia a qual trabalha. Posteriormente a equipe do site pega o conteúdo do rádio, desmonta e faz o texto. O jornalista envia uma imagem via celular, que será usada para a matéria, nesse primeiro momento. Em seguida, a equipe da TV pegará o áudio e colocará na tela enquanto faz uma entrada e, neste meio tempo, as demais equipes estão indo para o local.

> Então não significa que o jornalista multimídia é a pessoa que vai fazer todas as mídias simultaneamente, significa que ele vai quebrar a situação do "quem chegou primeiro faz". No caso brasileiro, a gente criou um processo, de que o multiplataforma é o jornalista, repórter, grafista, fotógrafo, editor,

> cantor, bailarino, enfim. E qual é o grande problema? É impossível formar alguém que seja bom em todas as plataformas.

O professor comenta que as pessoas têm suas habilidades e até é possível conseguir uma mídia através da utilização dessa técnica, mas que valorizar esse caminho é um equívoco; forçar uma pessoa a trabalhar em quatro mídias simultâneas pode ser um problema. Deve-se tomar cuidado para não deixar a qualidade cair em detrimento da quantidade.

"Eu acho que a radiorreportagem passou pelo mesmo problema que todo mundo está passando. A questão do tempo do homem moderno", argumenta a professora Lenize Villaça. Para ela, o ouvinte do Repórter Esso tinha um tempo diferente do que as pessoas têm atualmente. "Todo mundo está sempre com pressa e pensando no que irá fazer depois e isso, certamente, irá refletir em uma mídia sonora."

Segundo a professora, a dificuldade do ouvinte de focar sua atenção no áudio é um dos complicadores. Por conta disso, diversos autores falam da enorme diferença entre ouvir e escutar, e a radiorreportagem está acompanhando esse tempo mais curto que as pessoas têm.

> Então, se antes eu tinha condições e tinha ouvintes que conseguiam ficar de três a cinco minutos escutando aquela reportagem, hoje eu não vejo um ouvinte com atenção por mais que um minuto e meio. Mesmo usando troca de locução entre o repórter e o entrevistado, mesmo usando o efeito sonoro ou fazendo o que for para chamar a atenção do ouvinte, sinceramente não vejo a pessoa tendo mais do que um minuto e meio de atenção.

Villaça explica que a diferença que enxerga entre os séculos XX e XXI se encontra na questão do tempo disponível e, por esse motivo, os jornalistas estão cada vez mais objetivos e rápidos. Para ela é importante que se pense na relação que as pessoas estão fazendo entre velocidade e tempo e como, consequentemente, isso reflete no rádio. Pode-se pensar que ou a emissora está determinando a falta de tempo das pessoas ao impor essa questão na radiorreportagem, ou é a falta de tempo e a velocidade das coisas que estão influenciando a produção das rádios. Lenize Villaça observa que ambos os elementos são determinantes nessa discussão.

> Eu acho que podem ser válidos os dois lados. Eu posso estar fazendo, como ouvinte, que a rádio aja com mais velocidade porque eu também não tenho tempo. Mas também acho que o grupo de comunicação, ou a emissora, pode

> estar impondo esta realidade e não estamos percebendo. [...] eu tinha três minutos para produzir a minha radiorrepoertagem, mas agora, como é padrão todas as emissoras trabalharem com um minuto e meio, isso passa a ser verdade.

A convergência das mídias com o rádio presente na internet é um caminho que não volta. “Não adianta ser saudosista, [...] acho que tudo agrega.” Mas, em contrapartida, a partir do momento em que a pessoa está no computador e escuta rádio, é outra plataforma, então é outra forma de escutar rádio? “Eu acho que o rádio puro é o radinho de pilha ou o rádio no carro, e no carro nem tanto, pois a pessoa está dirigindo ao mesmo tempo.”

Ela se coloca a favor das convergências e acredita que, novamente citando a falta de tempo disponível do homem moderno, ou seja, o mundo atual é o local em que todos devem fazer tudo ao mesmo tempo, e agora o rádio passa por isso.

> Então, o ouvinte quer ficar ouvindo a Nova Brasil FM que toca bem na internet e ele deixa aberto, vai ver *e-mail*, vai entrar no site do UOL, tudo ao mesmo tempo. Então eu acho que o rádio vai ser isso no futuro. Acho que o rádio digital poderia trazer novas possibilidades, mas isso ainda está sendo muito discutido no Brasil. Faz 12 anos que se discute a implementação do rádio digital no Brasil e qual sistema escolher. Ninguém sabe ainda qual é o melhor, pois os dois têm os prós e contras e acho que o rádio não vai morrer, mas ele vai ser recebido de outra maneira. Acho que o rádio não morre. Ele já foi transformado e acho que essa transformação vai continuar. Então o rádio vai existir, mas para novos ouvintes, com novas necessidades e novos perfis. E aí eu não sei o quanto essas emissoras estão preparadas para isso. Acho que não estão.

De outro modo, o professor Luiz Fernando Santoro acredita que o rádio talvez tenha sido o veículo de comunicação que entrou mais tarde para o mundo digital e da informação. E comenta que, até hoje, a maioria dos repórteres ainda trabalha gravando de forma digital com equipamentos simples, não muito sofisticados, e não há o hábito de uma pós-produção elaborada.

Ou seja, o que há hoje é uma *playlist*. A rádio é colocada no ar, as músicas, através de computador. Isso é uma evolução natural. Na realização e na produção ainda se faz rádio de uma forma relativamente antiga. Os microfones são os mesmos há 50 anos, 60 anos.

> Com relação à transmissão digital, que não posso dizer que é uma incógnita, o governo ainda não se definiu a forma de tecnologia digital que irá utilizar nessas. Eu acho que deve acontecer muita coisa interessante na qualidade, mas o mais importante no rádio foi que ele acabou buscando seus nichos. Isso é uma coisa que todo mundo comenta e aceita, desde o rádio *All News*, até as rádios prestadoras de serviços, as rádio que só falam do trânsito, musicais, entre outras, buscaram os seus nichos. E eu vejo uma coisa mais preocupante para os próximos anos... Parece ser inevitável que você receba no rádio, no seu carro, por exemplo, qualquer emissora do mundo, através de internet *wireless*, uma cidade digital, enfim. Nos Estados Unidos alguns carros possuem rádio via satélite, por exemplo. Atualmente, isso é feito dos computadores de casa, ou em *softwares* de telefones e *tablets*, e assim, as rádios de todo o mundo podem ser acessadas.

Desta forma, é possível que se transforme este acesso em algo cotidiano, por exemplo, ouvindo a rádio de Elvis Presley, em Memphis. Isso é feito nos *tablets* e computadores de mesa, *laptop* e telefones. Porém, será possível obter este acesso no rádio do carro? E, sendo assim, as pessoas diminuirão o acesso às rádios brasileiras para acessar as rádios de todo o mundo gratuitamente?

Então, o professor Santoro traz à discussão um ponto, levantado em outros momentos nesta pesquisa: o que será feito para ganhar dinheiro (anunciando no rádio ou tendo uma emissora de rádio) se a quantidade de ouvintes diminuirá?

> Eu acho que o rádio vai passar por um fenômeno semelhante ao do jornal impresso, em que a internet passa a “morder” fortemente o público, diminuindo-o. E o rádio é mais fácil e mais barato de fazer do que um jornal. Então a chance de que “qualquer um faça rádio” ou que “você ouça rádio de qualquer lugar do mundo” pode prejudicar bastante o atual universo radiofônico de São Paulo, do Brasil.

Além disso, a seu ver, outra questão também deve ser considerada nessa discussão: quem paga a conta?

> A verdade é: se eu acessar o rádio no meu carro estiver ouvindo uma propaganda norte-americana, não estarei mais fazendo parte daquele universo de 20 mil ouvintes que você tem por hora. Talvez as agências de publicidade vão ter que pensar outras formas de usar o meio radiofônico. É uma tendência, como eu falei, que pode ser forte de diminuir o público do rádio brasileiro paulista. E tornar este ouvinte de rádio mais internacional.

Ele explica que a tendência das classes média para alta e do grupo social mais jovem é de aceitar muito bem isso. Mas e quanto ao jornalismo? Para ele, o jornalismo acaba sendo o diferencial brasileiro. É um jornalismo que acaba fazendo com que a rádio tenha a cara da cidade e sirva de fato para aquele ouvinte.

> Então, do ponto de vista musical, eu vejo um futuro complexo, uma tendência difícil. Por isso, é importante fazer um jornalismo melhor, mais presente, que converse mais com as pessoas como já conversa no rádio do carro, pois o trânsito de São Paulo não vai melhorar, fará com que as pessoas continuem ouvindo rádio.

Santoro cita também os ouvintes que, no metrô, escolhem as rádios que serão ouvidas pelo celular e diz que isso é uma questão de hábito, assim como as pessoas que colocam suas músicas no celular. “Sendo assim, na verdade, o desafio é o de se criar hábitos no ouvinte, daquele que fica com os fones de ouvido e que quase o tempo todo está conectado a emissoras de rádio, pois são elas que trazem a novidade.” De fato, o rádio, já há alguns anos, sofre a concorrência de outros meios, porém no transporte ele ainda não sofre.

> Ele redescobriu um caminho ao ponto de existirem emissoras que só falam de trânsito. Isso é uma coisa importante, mas também depende da rádio ter criatividade de propor coisas muito legais e diferentes para os ouvintes. Acredito que é normal, acho que o rádio não morreu, porque ele continua redescobrindo caminhos em todas as áreas, da música, da informação e do esporte.

Além disso, o rádio possibilita que o ouvinte o ouça por muito tempo. É possível que se fique uma hora, uma hora e meia ouvindo um programa sobre um assunto de seu interesse.

Embora a linguagem “ao vivo” na internet seja complexa, o rádio reforça esse sentido de ser um espaço em constante transformação e redescobertas, como revela Santoro.

> Pessoas que fazem rádio entendem bem essa questão, já estão fazendo isso e nós na universidade temos que também entender e fazer que esse estado da arte do rádio entre no imaginário dos alunos. Em termos de perspectiva, de querer trabalhar com o rádio, para que não seja visto (pelos alunos) como alguma coisa de segunda categoria. Este é um desafio eterno.

A jornalista Mariza Tavares explica que a internet é aliada do rádio, “são primos irmãos, nasceram assim”. Ela conta que considera este período de nascimento e fortalecimento da internet como sendo o período de primavera do rádio.

> Muita dessa primavera do rádio pode ser creditada à internet, que quebrou as barreiras geográficas. Na internet, você escuta a rádio que você quiser desde que tenha o *streaming*, e eu espero que a gente caminhe para frente nesse sentido. Assim, você ouve rádios do outro lado do mundo.

A seu ver, a internet ajudou a ampliar a plataforma do rádio, mas também do jornal e da televisão. A possibilidade de os conteúdos serem consumidos fora do seu aparato original é a maior das aberturas trazidas pela tecnologia. “Para o rádio que era o ‘patinho feio’, cuja morte foi anunciada como advento da televisão, é como se fosse uma injeção de ânimo na veia.” A convergência das mídias na plataforma internet possibilita ouvir *on-line*, consumir *podcast* e, principalmente, customizar o consumo do produto.

> Nós monitoramos, no site da CBN, de onde vem os novos usuários e, hoje em dia, o Facebook virou um segundo canal de acesso para o site da CBN. Isso seria impensável há um ano, mas hoje as pessoas se interessam, está ali. Talvez até o ambiente no qual elas navegam seja o Facebook, mas ali tem um link, algo interessante, e ela pode degustar.
> É o admirável “mundo novo da internet” no qual todo mundo tem de estar. É claro que ainda há outras questões de viabilização econômica, pois hoje em dia é muito mais aporte de recurso do que ganho, mas de qualquer forma ele amplia enormemente a capacidade de comunicação de cada indivíduo.

A professora Suely Maciel considera que, nas rádios tradicionais, o profissional de radiojornalismo não consegue fazer uma produção diferenciada, mas não se pode desconsiderar o público-alvo.

> Essa é uma questão mal resolvida. Por quanto tempo vamos ficar nesta ideia de comunicação para a massa? Ou as novas mídias não estão justamente nos levando a pensar que o importante é o direcionamento, ou o ato de falar para poucos mas falar de forma precisa? O que é mais importante: atingir o público em quantidade ou com qualidade? É mais importante também levar aquela mensagem que fica na cabeça de milhões como uma lembrança solta, vaga, leva-la a algumas centenas, mas que a partir daquela informação suas vidas serão transformadas?

A variedade de divulgação e a possibilidade de atingir esses públicos diferenciados são fundamentais, porém é necessário que se defina com quem aquele veículo ou programa quer falar e de que forma isso deve ser feito. Para Maciel, as novas mídias afetam a radiorreportagem tanto do ponto de vista da captação das informações quanto da produção, já que, atualmente, o número de *softwares* disponíveis para edição de áudio é enorme.

> Eu mesma tenho quase 40 gigabytes de efeitos sonoros. Atualmente, para fazer uma edição de áudio, você capta o áudio e abre o Google. Na minha época, eu tinha que ir até a discoteca e falar: “Donizete, será que você tem uma música?”.
>
> Então ele pegava um disquinho e passava para o Marcão, dizendo: “Edita para mim?”.
>
> O Marcão editava fita rolo, salvava uma música em uma fita, depois colocava a fala em uma segunda fita e, na terceira fita rolo, editava música e fala e depois queimava o cartucho.

Com os recursos e as facilidades da internet, a produção atual da radiorreportagem também fica facilitada. Tanto para edição de falas quanto para a recepção de sons e trilhas. Quanto à transmissão, a professora Suely explica que, das formas de fazer esse conteúdo chegar ao público, as novas mídias proporcionam essa variedade como um amplo leque de possibilidades. Porém, em relação à internet, o radiojornalismo está um pouco perdido. A produção, uma enorme quantidade de informação e a internet podem levar o jornalista ao

subaproveitamento da notícia. “Pode ter uma grande quantidade de informações? Pode, deve, mas com qualidade. Não dá para jogar tudo em um buraco negro sem fundo e sem planejamento.”

No mundo tecnológico existem diversas pessoas interessadas em trilha, por exemplo. É um público crescente de pessoas com *smartphones* e interessados em assinar a um determinado *podcast* ou ter acesso a algum aplicativo que permite uma produção diferenciada.

> As novas mídias abrem para produtores, professores e pesquisadores diversas possibilidades que, pelo que tenho pesquisado e ouvido, estão sendo aproveitadas por pessoas que não são jornalistas, que não são da área de comunicação. São pessoas comuns que, assim como os nossos alunos, estão cansados desse discurso e saem experimentando e fazendo coisas diferentes. Por exemplo, o que a CBN está me dando de diferente? Nada. Em vez de ela me dar 10 comentaristas, hoje ela me dá 60. Mas é o mesmo comentário, só muda a voz, até o formato é o mesmo. Mudou que agora nós temos acesso à radiorreportagem. Caso eu não consiga ouvir no rádio, poderei encontrar aquele conteúdo no banco de memória no site. Mas o que essa reportagem tem de diferente?

A disponibilização da radiorreportagem na rede possibilita ao ouvinte que ele ouça aquele conteúdo em casa, no momento em que escolher, mas não há um diferencial que o seduza e o leve a consumir o rádio.

Para a jornalista Marcia Detoni, essa questão de como utilizar a internet com um meio que já era altamente interativo ainda não foi bem compreendida pelos profissionais. No caso do jornalismo impresso, é uma possibilidade de contato com o público, mas o rádio, por sua instantaneidade e pela opção de conversas com os ouvintes via telefone, por exemplo, fez com que a internet não tenha trazido tantas novidades.

> Antes você tinha a possibilidade de o ouvinte enviar uma carta e você ler no ar. Hoje isso é possível com os *e-mails*. A diferença é que chega mais rápido, é mais fácil, você não precisa correr e se deslocar para mandar a informação. Mas interatividade de verdade é colocar a voz das pessoas no ar [...]. Então nós temos visto que cada vez menos, no radiojornalismo, são colocadas as vozes das pessoas, mas sim a opinião que ela postou no Twitter

> ou enviou pelo *e-mail*, e cada vez menos o telefone é utilizado nesse sentido. É como se tivesse ficado ultrapassado, mas não acredito nisso, acho que é de extrema importância e pode ser mais bem explorado pelo rádio.

Detoni explica que existem meios de selecionar as pessoas que terão voz, existem diversas maneiras de se colocar o público no ar, seja por uma gravação, seja através da coleta do repórter *in loco* ou nos exemplos citados através da internet.

Porém, o que a internet muda no rádio? Marcia Detoni detalha que as emissoras de rádio mudam dessa categoria para provedoras de conteúdo, oferecendo suas produções em áudio pela internet, vídeos, imagens e notícias.

> Quanto à interatividade, o que mudou foi o suporte, somente a forma com que as pessoas enviam seus comentários e opiniões. Isso foi facilitado, obviamente. O telefone deveria ser mais utilizado não para enviar recados ou pedir músicas, mas para permitir a participação de pessoas comuns no jornalismo e não apenas dar voz a especialistas. A internet transforma a emissora em provedora de conteúdo, amplia a informação fornecida e os meios fornecidos, mas infelizmente não muda a questão da comunicação dialógica, por exemplo, no fazer jornalismo, na produção da radiorreportagem, não vejo mudança.

Para o professor Julio de Paula, o rádio sempre foi o mesmo desde sua concepção e nada substitui o áudio que deve ser sempre muito bem trabalhado.

> Não podemos ignorar que as novas mídias comportam imagens, então, no caso de uma reportagem, não vejo problema em vincular uma foto ao assunto, isso certamente iluminará o áudio. Também não tenho dúvida que um vídeo também possa ajudar a ilustrar. Eu mesmo já fiz diversos trabalhos assim. A migração para os sites traz essas necessidades, mas nada substitui o áudio. Então, muitas vezes, eu coloco uma imagem de um detalhe em plano fechado para despertar o interesse da pessoa e assim ela clica e ouve. Esse pode ser um caminho.

Para ele, não há nenhuma rádio que tenha encontrado a fórmula de como trabalhar com o áudio em tempos de convergência das mídias. Júlio reforça dizendo que desconhece

pesquisas que estejam se dedicando a criar uma nova linguagem para esse rádio dentro das novas mídias.

> Falta investimento das emissoras para que os profissionais possam pensar nessas questões, especialmente das emissoras culturais educativas. Também os pesquisadores das universidades precisam explorar mais em seus laboratórios de pesquisa o percurso dessas questões.

4.4 Linguagem radiofônica

Milton Parron esclarece que, no caso da cobertura do edifício Joelma, não havia tempo para pensar nos elementos da linguagem radiofônica e nem formatos. A tragédia era tão grande que a fala era o único recurso utilizado pelo jornalista. Para ele, o rádio é um veículo fantástico pela velocidade com que informa e permite que qualquer pessoa com qualquer aparelho pequeno possa acessar aquele conteúdo. Além disso, o caráter imaginativo do veículo ajuda a pessoa a ser transferida para o palco dos acontecimentos e o ouvinte "faz desse palco o que bem entender". Ou o ouvinte transforma em um grande circo de tragédia ou de diversão, mas o repórter de rádio precisa dar os ingredientes para que o ouvinte possa transformar sua imaginação.

> Em uma dessas enchentes deixamos a viatura na rua 25 de Março e dali para a frente não podíamos ir, pois havia água até um metro, e para fazer a cobertura fomos de bote com os bombeiros. Eu narrava que estava em um bote, mas não precisava dizer tudo, quanto mais você fala, mais besteiras você diz. Sendo assim, eu procurava dar para o ouvinte o ambiente para que ele o sentisse. Eu pegava o microfone e colocava junto do remo batendo na água, "tcha", e dizia: "Então estamos indo a remo pois não é possível ligar o motor aqui. Vai remando, por favor", pedia ao bombeiro, "tcha, tcha". "Estamos agora na 25 de Março na altura do número tal, loja tal, a caminho do Mercado Municipal."

A ausência da narração em determinados momentos da transmissão e a exploração dos sons ambientes são elementos fundamentais para que o ouvinte seja transportado, por meio da imaginação, à cena relatada pelo repórter de rádio. Esses elementos auxiliam no processo de construção dos fatos na mente do ouvinte, facilitando a captação das imagens para a

compreensão da notícia. Sendo assim, é um processo individual que utiliza os elementos da linguagem radiofônica para a construção imagética.

Outro exemplo citado pelo jornalista Milton Parron diz respeito ao incêndio no Zoológico de São Paulo e a luta dos profissionais para manter os animais calmos. Ele conta que, durante a entrevista com o antigo diretor, Mário Autuori, havia um elefante que não parava. "'Uaaaa', fazia o elefante o tempo todo. Então o doutor Mário disse: 'Escuta, mas o elefante está mais alto do que você'. E eu respondi: 'Não faz mal, deixe-o à vontade'."

> Os ouvintes sabiam que eu estava em um zoológico, eu não precisava falar que o elefante estava incomodado ou que ele queria fugir. Somente ao escutar o elefante os ouvintes puderam tirar suas próprias conclusões sobre o que estava acontecendo ali.

Parron conta que fez coberturas de incêndios e, em alguns, pedia aos bombeiros que ligassem o caminhão e a motobomba (motor que dava pressão na linha de água). "E faz um barulho alto 'bwroooooo', ao mesmo tempo eles ligavam a sirene 'owowowow', eu sempre pedi para que fizessem o maior escândalo e eu narrava ao fundo."

Ele explica que sempre buscou privilegiar o som ambiente, para transmitir ao ouvinte todas as condições para compreender a narração, para que ele compreenda o local onde o jornalista se encontra somente pelo som que está ouvindo.

Fábio Rubira, da Rádio USP, conta que primeiro pensa na pauta, tendo em vista que a maioria de suas coberturas é de reportagens especiais. Seu primeiro passo é fazer uma entrevista pelo telefone, para compreender melhor o tema que será abordado e por conta da dificuldade de ir fisicamente até o local.

Posteriormente, já com este material em mãos, o repórter sai às ruas para trabalhar os elementos sonoros que pode inserir na sua radiorreportagem. "Utilizo aqueles recursos clássicos, o fala povo, uma sonora popular, ou a descrição do local do fato." Sua ordem de trabalho engloba a pauta, depois o trabalho em estúdio e, como terceiro passo, a saída às ruas para costurar e agregar estes recursos.

> No caso de coberturas factuais, como aconteceu quando cobri a queda do avião da TAM no aeroporto de Congonhas, você possui todos os elementos que serão necessários ali, no local do acontecimento. Desde as coletivas do prefeito, governador, autoridades e o próprio ambiente sonoro você capta ali.

> O tumulto, helicópteros, aquela barulheira toda, você utiliza enquanto narra. Mesmo que a transmissão seja feita no dia seguinte você consegue captar elementos para transformar a matéria em um "minidocumentário".

Cada situação é única e quando precisa de mais elaboração, como uma radiorreportagem especial com um tema definido, existem outros recursos agregadores, como as músicas de fundo e outros itens que costuram a fala do repórter às notícias.

O professor Marcelo Cardoso lembra que, quando era editor de reportagem, os repórteres faziam a cobertura de um show inteiro e esse material bruto tinha que ser transformado em várias matérias. Muitas vezes o locutor lia o texto, colocava a sonora e repetia este processo diversas vezes, outros repórteres faziam diferente. Para Cardoso, esse processo não mudou, porém hoje, como já se revelou, existem poucos operadores de áudio fazendo esse trabalho, e a função dos técnicos acaba sendo subaproveitada.

> Esse processo ficou um pouco prejudicado e perdeu um pouco da magia do rádio. Os elementos da linguagem radiofônica que poderiam ser mais utilizados não são. O restante, talvez o processo de pauta e outros permaneçam da mesma forma. Apesar de que, quando entrei no jornalismo, estava começando a função de pauteiro e, atualmente, o profissional de rádio tem diversas atividades que devem ser exercidas ao mesmo tempo, e isso faz com que se perca a qualidade. Tudo gira em torno do sistema capitalista, a mercantilização da notícia, que a professora Cremilda Medina já havia chamado a atenção no livro *Notícia: um produto à venda*. Falta equilíbrio nesse processo e muitas vezes o radiorrepórter sai às ruas sem nada.

A pesquisa *O jornalismo radiofônico e as narrativas vinculadoras: experiências de emissoras paulistas*, do professor Marcelo Cardoso, incluiu a análise de uma série de radiorreportagens feitas por um repórter da Rádio Eldorado. A radiorreportagem se constituiu pela cobertura do percurso do rio Tietê desde sua nascente. Nesse sentido, a utilização de paisagem sonora, descrição, trilhas e entrevistas que foram feitas no estúdio fizeram a diferença. Além disso, muitos ouvintes foram entrevistados, mas, de acordo com Cardoso, esse recurso poderia ter sido "mais bem explorado, deixar a audiência falar, deixar o ouvinte ouvir o próprio ouvinte".

> Tem um trecho em que o repórter de rádio ouve diversos velhinhos em uma cidadezinha no interior, e esses senhores relembram como era o Tietê antigamente. Quando eu coloco esse trecho para os meus alunos ouvirem em sala de aula eles adoram, por conta do sotaque caipira dos entrevistados. "Ah! Aqui antigamente a gente pescava", dizem. E são vozes de pessoas idosas, vozes diferentes com sotaque muito forte da região. Isso para rádio é fantástico.

Marcelo reforça que cansou de narrar notícias da área de polícia, rebelião, reintegração de posse e que, muitas vezes, levou estes sons de tiro, incêndio, gritos, perueiros e o som das pessoas gritando. Esses são os sons do acontecimento, do fato que está sendo transmitido e fazem parte do contexto.

O encurtamento do tempo disponível para as radiorreportagens tem prejudicado a utilização dos recursos da linguagem radiofônica, fazendo que o repórter se concentre na notícia e esqueça que este processo de ambientação é fundamental no rádio. "São Paulo é rica em cenário sonoro. Na USP, por exemplo, tem passarinho, caminhão, carro, vozes no corredor, tem tudo." Porém, não há uma forma de o jornalista entrar em rede nacional com a programação local tendo à sua disposição três minutos. É difícil fazer a ambientação sonora com pouco tempo disponível.

> Com o tempo cada vez mais diminuindo fica difícil o jornalista trabalhar os quatro elementos da linguagem radiofônica: silêncio, palavra (ou voz), música e efeitos sonoros. A Rádio Estadão havia instituído o giro de notícias a cada meia hora, a CBN tem algo similar, a Band News trabalha em cima do slogan que diz que "em 20 minutos tudo pode mudar". Atualmente a Rádio Estadão faz o giro a cada 15 minutos. Muitas vezes eu já ouvi o jornalista entrevistando alguém e finalizando a entrevista rapidamente por conta disso.

Marcelo cita o pensamento do filósofo francês Michel Serres em seu livro *Os cinco sentidos: filosofia dos corpos misturados*, e ressalta as percepções do autor quanto ao ruído, que, na verdade, é o barulho das megalópoles. Este que é ensurdecedor e está fazendo as pessoas perderem a capacidade de atenção, retenção e concentração.

> Visitando Pompeia há alguns anos, um grupo enorme de japoneses todos juntos transformaram a paisagem sonora do ambiente. A cidadezinha é muito quente e estava um calor de mais de 40 graus e eles andavam de um lado para o outro concentrados em prestar atenção no que era dito pelo guia e os seus dedos disparavam diversas fotos. Fotografia, veja aí a paisagem sonora "tic, tic, tic". Serres diria que eles retiveram o quê? Eles fotografaram, consumiram imagens, fotografaram para ver depois... Será que eles contemplaram?

O ruído das megalópoles está mudando na cultura contemporânea. Cardoso cita também o pensamento de Murray Schafer no livro *Ouvido pensante*, sobre a existência, nas sociedades, da cultura do barulho.

> O rádio possui ouvintes que se referenciam com o barulho, o ruído, o desorganizado, esta coisa do corre-corre. Isso faz que o próprio planejamento das emissoras seja afetado, ou seja, acaba não tendo o planejamento adequado e as rádios entram nessa paranoia de botar um monte de notícia ao mesmo tempo, muita música rápida, jornalistas falando rápido, pois, a cada 15 minutos, deve-se dar as manchetes do dia.

O professor Nivaldo Ferraz comenta que o rádio brasileiro não se fixou em uma tradição de exploração das possibilidades sonoras como os outros países da América Latina. "Entendo que os demais países tiveram influência norte-americana na comunicação objetiva e há um certo tempo na história do país demos um pouco às costas para o oceano Atlântico."

Este fator afetou, também, a forma de fazer jornalismo. A tradição europeia, por exemplo, foi deixada de lado, e as grandes emissoras de rede tiveram muita dificuldade em manter uma tradição de documentários, narrativas mais longas em que eram aplicadas ao jornalismo radiofônico. Os Estados Unidos possuem exemplos de produções diferenciadas que vão no sentido contrário do encaminhamento mercadológico.

> Temos experiências nos Estados Unidos nas rádios públicas ou de pessoas autônomas que fizeram experiências fantásticas no começo dos anos 1990 até o início da crise de 2007. Refiro-me especificamente a um trabalho chamado *Sound portrait* que é fantástico. Dois adolescentes da periferia de Chicago durante quatro dias narravam o seu dia. Jovens de 12 ou 13 anos

> ligavam o gravador em casa, conversavam com a mãe e depois diziam o que pensavam da mãe, como ela era. Outro exemplo foi a inauguração do site ligado às forças oficiais dos Estados Unidos, chamado History Records, em que eles trabalham com som da narração das experiências das pessoas, recuperando um pouco as narrativas e histórias orais das pessoas simples que não possuem espaço no rádio. Os participantes vão a um trailer que roda em todas as cidades, eles entram, contam suas histórias e saem de lá com um CD para eles e outro vai para a Biblioteca do Congresso Americano.

Ferraz ressalta que essas pessoas não estão fazendo uma radiorreportagem ou rádio documentário: estão utilizando essa nova tecnologia para fazer algo que não é comum ao rádio, mas que evidencia e humaniza a informação. Para ele é possível que as emissoras tenham que se transformar, não o modelo de rádio hertziano.

> É possível ver iniciativas de narrativas originais no rádio desde os anos 1920 na Alemanha, e depois dos anos 1940 a Inglaterra ocupou as emissoras para esquentar essa questão da narrativa documental no rádio. Eles faziam documentários com a técnica de edição de reportagem e os alemães agregaram depois da retomada do país e fizeram isso até os anos 1990 com muita autoridade.

A comunicação no Brasil é rápida, o espaço existente para se estabelecer propostas é alimentado pelo mundo indevassável da internet e é crescente a busca por suprir a necessidade da comunicação oral pela internet. Para Ferraz, essas novas práticas auxiliam a resgatar a experiência passada por meio das narrativas e possibilita a construção de peças mais longas que aproximam as pessoas. Assim é possível romper as amarras da técnica obrigatória do radiojornalismo, principalmente do *All News*, evidenciando o aproveitamento do som local, da paisagem sonora ambiente.

Essa paisagem pode ser construída remotamente em estúdio, mas pode ser elaborada através da captura de informações pela pesquisa jornalística, abordagem profunda, inserção de trechos interpretativos de rádio novela. Pode-se fazer à moda antiga ou até mesmo lançar mão de recursos sonoros e utilizar a narração de uma fonte para constituir uma narrativa que misture documentário e interpretação dos fatos, afirma Ferraz.

> Sempre que se faz jornalismo converte-se a verdade em algo editado, seja na visão da própria pauta ou na forma de finalizar a narração daquela história. Há um pouco de contaminação do que você é. Então eu não vejo motivo para, no jornalismo, você narrar um fato lançando mão também das possibilidades sonoras que o rádio proporciona, de personagens constituídos apresentando aquela história. A narrativa pode ser mesclada, pode trazer um pouco dessa interpretação dramática, deve manter as outras características, as sonoras, os depoimentos das pessoas que viveram aquilo, enfim, acho que é isso que falta.

O professor José Eugênio de Menezes fala sobre rádio arte e traz um exemplo de um colega chamado Roberto D'Ugo, que trabalhou na Rádio Cultura. Menezes analisou um programa feito por D'Ugo em que eles acompanharam um grupo humano do interior africano chamado pigmeus baka. "Ele entrou na água com o microfone e gravou uma cantoria que eles fazem. Mulheres e crianças batem, batem no corpo e cantam e é chamado de tambor d'água."

Alguém presenteou D'Ugo com um CD dessa prática e, para ele, foi uma preciosidade. "Ele pesquisou, analisou e montou um programa em que permite, através do rádio, que as pessoas tenham acesso a algo que foi gravado remotamente na África." Menezes ressalta o fato de a produção ser muito bem feita e de preservar os elementos da estética radiofônica.

> Ele mistura o corpo e o som das pessoas que estavam no meio da África. O corpo e o som envolvem as pessoas que estão em São Paulo, ouvindo no rádio tradicional, na internet ou também ouvindo assincronicamente, pois o programa já foi ao ar, mas pode ser redescoberto. Essa é a estética radiofônica que pode ser utilizada na radiorreportagem.

Para Menezes, os jornalistas ainda não possuem muita prática nesta imensidão de mídias convergindo em alguns espaços. Há algumas tentativas, como um momento híbrido que misture diversas plataformas, e com isso, o sonoro se constitui por uma voz, pela música ou pela oralidade.

> O sonoro é algo que envolve toda a nossa vida. Nós vivemos imersos em uma sonoridade. Trata-se apenas de um jeito elegante de se trabalhar com isso. Nesse trabalho há uma dimensão de rádio arte, mas também há uma

> dimensão de radiojornalismo. Portanto, é uma criação possível e acessível hoje pela rede, fazendo com que ela não seja uma concorrente do rádio, mas sim um espaço em que a sonoridade se divulga. Um espaço aonde as informações chegam para o estúdio e o uso que será feito dela no sentido de ampliá-la democraticamente para que tenhamos um mundo com muitas vozes ou um ambiente que vai amarrar essas vozes selecionadas. Há três ou quatro produtores que continuarão fazendo a mesma coisa, usando o ambiente que é de rede como se fosse um meio de massa em que se fala para um grande público. Sempre uma mensagem padronizada etc., como já foi feita a crítica pela escola frankfurtiana.

Álvaro Bufarah afirma que, se for feita uma avaliação estética do rádio brasileiro, a situação está ruim, tanto estruturalmente como também em outros aspectos.

> Hoje você tem sonoras no ar que são impossíveis, e se fizermos um comparativo técnico pegando o conteúdo dos anos 1970, feito analogicamente, com gravador de rolo, o jornalista na rua transmitindo por telefone com fio, com a velha Telesp, mesmo assim eram produtos melhores em qualidade do que se tem atualmente.

Para Bufarah isso acontece por vários fatores, como a ausência da participação do repórter na rua, a utilização dos conceitos do rádio documentário de fazer a passagem no local e aproveitar o som ambiente, o que é fundamental para caracterizar o ouvinte quanto aos espaços e as situações. Evidentemente, a partir dessa ótica, ouve-se o ruído de um cachorro latindo, um motoboy gritando e isso dá veracidade à narrativa como se o cidadão estivesse presente. Sendo assim, a produção muito limpa, com áudio trabalhado demais e distante dos acontecimentos narrados reforçam a criação de um ambiente insipiente sem nenhum tipo de ruído, o que não corrobora para dar credibilidade ao veículo. Essa característica do rádio será transmitida ao ouvinte na apuração, no conteúdo e, para isso, é importante que se vá às ruas.

Outra questão importante quanto às possibilidades das equipes de radiorreportagem saírem às ruas diz respeito à questão comercial e o custo para manter jornalistas fora da redação. “Tem rádio que não tem mais motorista. Se o repórter precisa sair, ele dirige, edita, procura pauta, canta, grava.”

A relação entre os elementos da linguagem radiofônica e a manutenção de equipes fora da redação está diretamente relacionada ao fato de a ambientação sonora ser possível

somente com a presença dos repórteres de rádio captando esses elementos, utilizando a descrição e narrando os fatos para o ouvinte.

> Quanto à qualidade, se eu mandar um repórter com mais experiência para uma favela com o objetivo de levantar informações a respeito de uma chacina, eu vou ter dados muito mais realísticos, ambientes, estruturas para compor essa matéria, o que eu não vou conseguir alcançar com um garoto sentado na frente de um computador. O problema é que o repórter ganha mais e vai passar o dia fazendo uma única matéria por horário. É mais barato ter dez estagiários na internet pesquisando e reproduzindo as matérias. A quantidade de notícias de uma rádio *All News* não me resolve, quantidade não é o foco. Ela dá a pseudossensação de estar informado, mas, na realidade, estou sendo atolado de informação que não proporciona conhecimento sobre os fatos.

A professora Lenize Villaça explica que o ruído em uma radiorreportagem deve ser dosado para que não atrapalhe o que se está tentando contextualizar. Ela retoma a questão da paisagem sonora e conta que, ao fazer uma matéria voltada para o trânsito de São Paulo, é possível que se utilize durante dez segundos, por exemplo, os barulhos infernais da cidade para chamar a atenção do ouvinte.

Mas, no momento de um “fala povo” na rua da Consolação e em meio a uma entrevista com alguém, o som de um ônibus municipal mudando a marcha atrapalha a produção da radiorreportagem.

> Nossa! Parece que o ônibus está dentro da sala de aula, isso está errado. E de repente estamos falando do mesmo ruído em duas situações diferentes que deve ser utilizado na proporção certa.

O professor Luiz Fernando Santoro também enxerga o ruído e os sons ambientes como partes fundamentais na composição de uma radiorreportagem.

> Não há dúvida que se o repórter de rádio estiver entrevistando pessoas na avenida Paulista aquilo tem de soar como avenida Paulista, ou no vale do Ribeira, por exemplo. O ambiente sonoro tem que estar evidente. A captura da paisagem sonora é importante para o *off* e para tudo, inclusive como

> “quase sempre” escrevemos o *off*. Depois é recomendado que a gravação de alguns minutos de ruído ambiente seja parte do trabalho de radiorreportagem. Nós não podemos esquecer de gravar um tempinho do ruído local no qual você está gravando, isso é fundamental. Por isso, eu considero como parte integrante da informação.

A jornalista Mariza Tavares conta que é interessante pensar nos sons ambientes pela perspectiva do ouvinte.

> Quando você abstrai, a imagem te diz tudo e você não precisa usar mais nenhuma percepção. Quando você está ouvindo aquilo vai acontecendo na sua cabeça. É como quando você é criança e um adulto lê uma história para você. Algo é desperto, tem uma janelinha no cérebro que é aberta e você começa a tomar parte naquele ambiente. Esse é o gatilho que a radiorreportagem usa.

Além disso, a inflexão e o tom da voz do repórter fazem a diferença. Saber dosar a emoção ao narrar um fato a partir do local do seu acontecimento é impactante, se conseguir transmitir isso com a voz. Ele deve convidar o ouvinte a entrar naquele ambiente e esse elemento é o que traduz a radiorreportagem.

> Na CBN temos um bom exemplo, que é o programa Caminhos Alternativos da Fabíola Cidral e Petria Chaves. Elas fazem radiorreportagens a partir da lógica da vivência. O que é isso? É levar ao máximo esse tipo de experiência de sensação e compartilhá-la com o ouvinte. Se a repórter está andando de bicicleta, o gravador está pendurado e o ouvinte poderá sentir sua respiração. Se ela pedalar mais rápido, estará com o fôlego menor e o ouvinte compartilhará essa sensação. Outro exemplo é se o entrevistado está fazendo uma comida com ingredientes orgânicos e você tem o barulho dos utensílios. O bom do rádio é que você pode fazer outras coisas e consumir aquele conteúdo ao mesmo tempo. Ele não captura toda a sua atenção como a imagem.

A ambientação sonora convida o ouvinte, aos poucos, a participar. E se traduz como um convite às pessoas para participarem, seja por ouvir o barulho do rio e isso o relaxar ou até

para provar a musse com ingredientes orgânicos que foi narrada pelos jornalistas. “O rádio é uma aventura e é impressionante como é denso, como captura as pessoas.”

Já a professora Suely Maciel critica a busca pelo som e fala límpidos captados por um gravador de altíssima qualidade em detrimento do conteúdo.

> Do ponto de vista estético ou da qualidade do som, isso é importante? Claro que é, pois trabalhamos com audição e uma matéria ou uma produção com qualidade sonora ruim causará atrito e desconforto para o ouvinte e ele não vai ouvir. Porém, a qualidade sonora não é sinônimo de exclusão dos sons do mundo. Nesse momento, enquanto estamos conversando, estou ouvindo vozes de crianças, o “chek chek chek” da minha empregada limpando, esse é o som do mundo. Não dá para alguém dizer que isso é ruído, o mundo não acontece em silêncio.

Não se deve confundir a qualidade do som com o aspecto estético da produção, e é possível fazer uma radiorreportagem ruidosa com qualidade sonora perfeita. “Uma coisa não é desculpa para a supressão da outra,” É importante que se explore os sons do mundo, mas com qualidade técnica. Sendo assim, é possível utilizar os *softwares* para limpar o som de um ônibus, por exemplo, mas deve-se manter o som desse ônibus. “Deixar esses elementos de fora simboliza um completo desconhecimento da linguagem radiofônica, desconhecimento dos sons do mundo e da audição.”

Suely Maciel critica que as redações não têm explorado as possibilidades da linguagem radiofônica em suas radiorreportagens. Os diferenciais são postos no momento em que as séries de reportagens recebem uma trilha sonora que muitas vezes não é contextualizadora, surgindo somente como um elemento estético e não informativo.

> Obviamente as duas utilizações são pertinentes para dar o clima da matéria, porém raríssimas vezes a escolha dessa trilha é informativa, e quando ela não informa, passa a ser óbvia, clichê. Quando a discussão gira em torno das drogas, entra a trilha do Planet Hemp ou do Pavilhão 9, e seria importante que se embasasse a pesquisa musical para fazer uma trilha informativa mais rica.

Maciel cita matérias que não possuíram essa linearidade de um modelo obrigatório e, por conta disso, facilitaram a correspondência com o ouvinte. Como no caso da cobertura do

jornalista Milton Parron ao incêndio do edifício Joelma, que, para a pesquisadora, se enquadra em uma radiorreportagem relato-descritiva e cuja narração proporciona ambiência, ajuda a transformar em palavras aquilo que o repórter está vendo, que está sentindo, utilizando os recursos da linguagem verbal junto do som que compõe a transmissão.

Outro exemplo citado por Maciel foi a cobertura de uma emissora da queda do avião da TAM. “Eu me lembro da sirene. Era uma transmissão ao vivo e a matéria conseguiu nos transportar para aquele ambiente.” Essa radiorreportagem, similar à de Milton Parron, levava o caráter do *ao vivo*, e as pessoas falando, o ruído, as vozes e os gritos das pessoas foram fundamentais.

> Eu ouvi alguém gritando “Sai daí, sai daí, sai daí”, sabe? E isso levou o ouvinte para aquele espaço, mas eu tenho certeza que não foi intencional. O repórter deveria estar no meio do caminho, havia barulho de carro, de buzina, de sirene, mas por causa desses elementos eu consigo lembrar.

A professora e ex-correspondente da BBC Marcia Detoni esclarece que a história do rádio no Brasil tem grande influência sobre o rádio que é feito hoje. Existia, até a chegada da televisão, um rádio altamente produzido, com radiojornalismo, documentários, radiorreportagens especiais e um investimento maior em jornalismo, fazendo que o jornalismo fosse além dos boletins noticiosos.

Para Detoni, as rádios atuais fizeram uma opção ou por música ou por informação. A maioria das emissoras trabalha com aquela lei de 100% jornalismo, e, com isso, as radiorreportagens passam a ser somente entradas ao vivo. Os repórteres passam informações coletadas no local onde ele está fazendo uma entrevista ou a cobertura de algum evento, e restaram poucas oportunidades para reportagens especiais. Isso ocorre por conta do alto custo e pela dificuldade em manter o profissional fora da grade de programação para que ele se dedique, por exemplo, a uma investigação por algum tempo.

Por conta disso, são poucas as radiorreportagens especiais no rádio. Alguns jornalistas, fora do horário de trabalho e por paixão pelo rádio, produzem radiorreportagens especiais com muita dificuldade. Então, esse formato enxuto faz as pessoas se habituarem a ouvir um rádio muito simples feito no Brasil, um rádio falado o tempo inteiro e baseado em entrevistas, comentários e também com entradas dos repórteres. Geralmente tem uma fala, uma sonora, outra fala e outra sonora.

> Essa questão de aproveitar os sons para gerar imagens, usar sons ambientes ou música para sensibilizar o ouvinte e transportá-lo para o local da gravação é facilitada quando se faz edições mais elaboradas em que será trabalhada a textura das reportagens. No Brasil isso é muito difícil, pois as pessoas desconhecem esse tipo de formato e os profissionais recebem cada vez menos incentivo durante a formação universitária para explorar este meio.

A professora explica que quando participou como jurada do Prêmio de Jornalismo da CBN, mais de 200 radiorreportagens foram enviadas, porém a maioria era de péssima qualidade e as 50 que foram selecionadas trabalhavam um padrão bem antigo de rádio com uma sonora e uma fala. “A radiorreportagem vencedora trabalhava os sons ambientes. Isso é uma evidência para o mercado e a academia de que é esse formato que os ouvintes gostam.”

Porém, falta a viabilização das emissoras para que isso aconteça. Para Detoni, a inglesa BBC e a norte-americana NPR trabalham mais a sonoridade do que as emissoras brasileiras por diferenciarem a radiorreportagem das demais produções e por oferecerem recursos para o repórter se dedicar exclusivamente a uma radiorreportagem especial, por exemplo.

Conforme abordado nos tópicos anteriores, o professor Julio de Paula acredita na importância da presença do repórter *in loco* e dos elementos da linguagem radiofônica como sendo fundamentais para o relato do jornalista. Em seu trabalho na Rádio Cultura ele afirma que se vale de alguns elementos da rádio arte para fazer o seu trabalho, mas as constantes reduções da equipe e aumento de trabalho dificultam que se pratique essa definição.

> Certa vez acompanhei o ensaio geral de uma ópera e transformamos em uma matéria de 20 minutos. Ouvi todo o elenco, o diretor, o maestro, pude contar a história e mostrar os bastidores e o aquecimento dos cantores. Eu preciso de elementos que não são apenas depoimentos e a voz da pessoa contando a sua experiência. Precisamos de outras coisas que transportem o ouvinte para aquele ambiente.

O professor critica a informação condensada transmitida pelos jornalistas de rádio e exalta a importância de permitir que o ouvinte pense e contribua com a compreensão do assunto através da escuta participativa. O processo de um emissor termina na compreensão do receptor. Sendo assim, após o ouvinte “participar” da matéria absorvendo-a é que ela irá se completar.

> O rádio deve ser um estímulo para o ouvinte e, por conta disso, exige sua participação e interatividade. O repórter de rádio não deve entregar tudo para o ouvinte, mas sim deixar lacunas para ele pensar, e isso não é construído somente com falas e textos. Essas lacunas podem ser compostas por paisagem sonora, música, ruído ou qualquer outro elemento que possa estimular a pessoa que está ouvindo.

4.5 Ensino do radiojornalismo

Este tópico permite discutir o ensino do radiojornalismo nas universidades brasileiras, por meio do depoimento de professores e profissionais da área de comunicação. Desta forma, os entrevistados indicaram possíveis caminhos para o aprendizado e a atuação no mercado de trabalho[7].

O professor Marcelo Cardoso comenta que quanto mais exigente é o ouvinte, mais a programação é influenciada por sua opinião. Considerando a importância das questões referentes à interatividade, Cardoso, ao lecionar a disciplina de Radiojornalismo, conta que em sua explicação aos alunos sobre a questão da web rádio e convergência das mídia ele solicitou que pesquisassem os portais de rádios jornalísticas e que buscassem interagir com as emissoras por meio das ferramentas de comunicação disponibilizadas por elas. Muitos alunos enviaram *e-mails* e não obtiveram resposta.

> Então eu tive um problema pessoal com uma equipe de prefeitura serrando uma árvore por volta de sete horas da manhã cujo barulho não permitia que nenhum morador dormisse. Fiz o que todo cidadão paulistano deveria fazer para uma situação dessas e escrevi para as emissoras de rádio, mas eles não leram meu *e-mail*, mesmo sabendo que essa reivindicação pode ser de outras pessoas também. Meu intuito foi mostrar aos alunos o que é interatividade: não é alguém enviar um *e-mail* para a Band, por exemplo, dizendo que tal programa é legal. Os canais de interatividade não são bem aproveitados. O ouvinte do século XXI deveria influenciar, decidir, pressionar mais em detrimento do ouvinte do século passado.

[7] Apenas os jornalistas Milton Parron e Fábio Rubira não responderam a questão.

Marcelo Cardoso mostra aos alunos os questionamentos acerca da qualidade dessa interatividade de hoje. A tecnologia está evoluindo, existe muito conteúdo e ele proporciona interatividade, “mas interação de verdade é medir o quanto eu influencio você e o quanto você me influencia”, e é isso que deve ser observado nas emissoras atualmente.

O professor Nivaldo Ferraz exalta o entusiasmo do aluno quanto à facilidade de comunicação, produção, técnicas de reportagem e apresentação dos programas. “Isso o impele a buscar investir em rádio, mas ele se desencanta por ser um circuito fechado, complexo e que tem avançado minimamente.”

Outro aspecto se apoia no fato de o aluno que está ingressando na universidade ter nascido em um ambiente digital e possuir muita facilidade de lidar com esse universo. Para Ferraz, quando esse aluno conhece tanto as potencialidades do mundo analógico quanto a atividade do jornalista, ele se surpreende.

Os alunos que gostam de estudar se aprofundam na história, na sociologia, e descobrem um mundo novo que não é somente daquela tecnologia que eles operam quando estagiam em revistas médias para cuidar das redes sociais do veículo. Quando descobrem esse mundo, além da tecnologia da internet que estão acostumados, os alunos ficam empolgados, mas ao mesmo tempo conhecem a restrição e a falta de investimento.

> O investimento no rádio diminui paulatinamente. Continua diminuindo e as oportunidades são menores. Então existe o entusiasmo, mas também as dificuldades. O entusiasmo de se formar, de ver que é bacana, como é legal fazer. É simples e com um pouco de técnica você consegue fazer uma reportagem, mas, ao mesmo tempo, tem pouco espaço para ele desenvolver.

O professor José Eugênio de Menezes evoca o pensamento da professora da Universidade São Judas Tadeu, Carmen Lucia José, para exemplificar sua posição quanto ao jovem e o radiojornalismo. De acordo com o pesquisador, após ouvir diversos professores reclamarem sobre os alunos que não ouvem rádio, a professora resolveu essa questão com uma comparação ao mundo das artes.

Menezes conta que a professora observou que nos desenvolvemos durante vários milênios em termos de pintura, desde as pinturas rupestres até a arte dos séculos XVIII e XIX em que o retrato da realidade era muito fiel.

> Tivemos, por exemplo no Renascimento, obras da Capela Cistina que recriou a realidade de maneira tão fidedigna que fazem jus ao fato de serem chamadas de obra de arte. Porém o homem inventou, ou descobriu, a perspectiva, nasceu a máquina fotográfica e boa parte do significado da pintura se tornou menos significante. Nasceram dezenas de pinturas estéticas com diferentes focos como o surrealismo e o dadaísmo, entre outros.

Com a chegada da fotografia, a captação do real era feita pela câmera. Sendo assim os artistas criaram outras formas de retratar a realidade – através dos traços cubistas ou sob outras influências artísticas. Para Menezes, a comparação é clara. Os jovens não estão ouvindo rádio pois aquilo que está sendo feito não atrai a atenção deles.

> Se criarmos alguma coisa com determinado tipo de estética que chame a atenção do jovem, ele irá guardar isso. Da mesma forma ele escolhe suas músicas, monta, baixa gratuitamente ou pagando, e monta sua *playlist*.

Álvaro Bufarah apresenta, em suas aulas de rádio, que o aluno precisa entender o veículo para trabalhar nele. Assim, seu primeiro passo é mostrar ao aluno que "existe vida inteligente antes da tecnologia chegar ao rádio", e assim, apresentar as riquezas do rádio, mostrar que o veículo possui altos índices de audiência no país e que existem diversas "nuances regionais" importantes.

> Eu brinco com eles em relação à questão histórica, mostro os áudios, apresento questões internacionais e processos nacionais. Nesse turbilhão chegamos ao ponto de começar a construir, mas eu mostro para eles que um minuto e meio de uma matéria é uma efemeridade. Explico que, para construir um minuto e meio de uma matéria editada, que está no ar, ela demorou às vezes um dia inteiro para ser produzida, e contraponho um pouco aquela história do *glamour* do jornalismo. Acredito que na realidade o jornalista é um grande operário dos veículos de informação. Hoje com as redes sociais em voga somente mais um nesse pacote.

Bufarah afirma que, antes de partir para a prática do radiojornalismo, ele situa os alunos historicamente transmitindo, a princípio, a parte teórica que envolve essa vertente do jornalismo. Posteriormente, quando partem para o estúdio, eles terão contato com o texto

escrito para rádio, postura e posicionamento no microfone, entre outros aspectos, e depois avalia esses elementos. A partir daí o professor começa a trabalhar com a pauta, definição do assunto e interesse público, entre outras características comuns às várias vertentes do jornalismo.

> Eles constroem as pautas, eu avalio e faço uma peneira. Em seguida, os grupos começam a gravar e eu não permito que sejam professores da casa e nem pessoas que tenham menos do que especialização nas áreas. Não permito que sejam amigos e nem parentes. Então eles dizem: "Ah! Mas ninguém quer dar entrevista". Mas o cotidiano é assim, os jornalistas correm atrás de fontes o tempo todo e mesmo que a logomarca de uma instituição de grande porte facilite o contato, os jornalistas trabalham em cima disso o tempo todo.

O ponto seguinte de análise de Bufarah diz respeito às gravações. "Eu pego no pé por conta dos formatos, reclamo da qualidade, e então eles começam a editar". Bufarah conta que, nesse ponto, surge uma parte do trabalho a qual os alunos têm uma verdadeira aversão por ser extremamente operacional: a decupagem. Nessa etapa o áudio precisa ser ouvido, separado e as informações da pauta devem ser somadas para que a matéria comece a ser criada.

> Essa é outra situação interessante, pois os alunos pensam que, uma vez gravada a entrevista, a pauta pode ser jogada fora. Porém, toda a pesquisa feita para a pauta dará subsídios para fazer a radiorreportagem. A construção do texto, do *off* e de tudo gira em torno disso.

Depois das gravações, Bufarah conta que tudo é ouvido e os alunos começam a produzir os radiojornais. Ele explica que a radiorreportagem é um elemento do radiojornal e faz que os alunos produzam um tempo fechado de 15 ou 20 minutos, considerando a importância do respeito a esse tempo. A cada trabalho aumenta o nível de dificuldade. Nos primeiros trabalhos os boletins são gravados, depois ao vivo, antes matérias simples, depois matérias editadas, edições de sonora, entradas ao vivo por telefone, entrevistas ao vivo por telefone e, para finalizar, os grupos se organizam e fazem um jornal de duas horas. Cada um tem que passar para o grupo subsequente ao vivo, sem parada.

> Isso os força a ficar no ar e passar de um grupo para o outro mesmo que aconteçam problemas tecnológicos. No caso da Faap, onde eu tenho mais de um estúdio, eu consigo exigir que eles façam essa programação inclusive trocando de estúdio, simulando uma situação de rede, em que eu estou numa praça e passo para um estúdio em outra local, sem que eles se vejam, somente se ouçam. E então, de repente, roda a vinheta, entra a trilha e pronto, é um outro programa em outro lugar.

Outro ponto levantado por Bufarah diz respeito ao ensino do radiojornalismo, não somente quanto à sua prática e relação em sala de aula. Para o professor, é claro que existe um grande hiato entre o que o Ministério da Educação chama de curso de Jornalismo e o que as faculdades fazem com os cursos.

> Não há um consenso. Se você comparar os programas, são coisas absolutamente surreais, mas o mercado também bate o pé querendo um profissional que saiba fazer 100% de todas as atividades da redação. Então você o coloca para trabalhar, paga um salário de fome e acredita que ele resolverá todos os problemas.

Tanto para a radiorreportagem quanto para a reportagem em outras plataformas, outros veículos norte-americanos, europeus e canadenses traduzem o ápice da profissão. No Brasil ser repórter é um processo intermediário para se tornar assessor de imprensa ou para ser editor, ou seja, não se cria um repórter, mas sim um profissional que está repórter naquele instante inviabilizando a criação de um padrão de conteúdo.

> Nos últimos 20 anos, se pegarmos os principais jornais, as principais revistas e as principais emissoras de televisão, observaremos a quantidade de repórteres que entraram, trabalharam e então saíram para exercer outra atividade. Se pensarmos nessa questão no meio radiofônico, a rotatividade é brutal, já que o veículo paga mal. Então o profissional migra para outros veículos, abre agência e faz outras coisas e, em meio a essas questões, como se discutirá uma a construção de uma base fornecida, por exemplo, por grandes escolas como a BBC ou a Pacific nos Estados Unidos?

Diariamente novos profissionais são inseridos no mercado de trabalho e a cada dia essas pessoas se perdem diante desses processos. Se a discussão embasar o conceito da estrutura, que muda rapidamente por questões comerciais, não se pode deixar de lado a ausência de uma estrutura acadêmica resistente colocam variáveis para melhorar a formação. “Além disso, não há interesse público, nem da sociedade e nem do governo, para melhorar esse processo, então vivemos no meio do caminho.”

A professora Lenize Villaça conta que o ensino do radiojornalismo está cada vez mais difícil por conta dessa nova geração não escutar mais rádio. “Eles não sabem nem qual é a linguagem, quem faz rádio, como fazer ou como entrevistar.” Villaça esclarece que no início do ensino da produção de uma radiorreportagem, por exemplo, é como se o alvo fosse uma criança, por conta da ausência de referencial dos alunos.

> Isso quando eles não dizem: “Eu escuto a CBN, a Band News FM ou a SulAmérica Trânsito quando meus pais me trazem aqui para a faculdade, então eu sou obrigado a escutar”. E eu ouço isso de alunos que estão no quarto semestre de jornalismo, não no primeiro. Porém há muitos alunos que percebem as potencialidades do rádio, tentam melhorar a locução e entender os mecanismos de se fazer rádio.

O professor Luiz Fernando Santoro explica que, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, os professores têm conseguido progresso com os alunos. “Não estou dizendo que temos uma situação ideal. Nossa relação com os veículos de comunicação da USP, por exemplo, ainda existe, mas poderia ser um espaço mais frequente com intensa atuação dos alunos.”

O ensino do rádio e do radiojornalismo muitas vezes é deixado para um segundo plano, pois o aluno não tem o hábito de ouvir rádio. Em seus primeiros anos na universidade, o primeiro desafio lançado é que eles ouçam de três a cinco minutos um programa radiojornalístico e escrevam o que estão ouvindo, para que sejam capazes de observar o formato utilizado.

> Em uma sala com 30 alunos apenas uma ou duas pessoas ouvem o rádio *All News* no carro com o pai no período da manhã. E descobrem com quase 18 anos de idade que a informação pelo rádio pode ser interessante. Então começam a descobrir que o rádio é mais ágil em um determinando momento do dia, pois mesmo a internet pede que a informação seja escrita, o que

> demanda um certo tempo. Já o rádio, em alguns momentos, é a grande fonte de informação.

Desse modo, o ensino do rádio passa primeiro pela descoberta do aluno quanto às potencialidades do veículo. Santoro faz esse teste com os alunos já na primeira semana de aula do primeiro ano e depois iniciam exercícios que normalmente são baseados no que viram e ouviram em rádios comerciais consagradas. A partir desse exercício, é exigido que gravem no estúdio e façam uma edição, um acabamento, utilizando algum *software*.

> Já no primeiro programa não é aceito que o áudio esteja irregular. Isso faz com que o aluno tenha que se dedicar. Depois de um mês eles apresentam o primeiro resultado, que é sempre surpreendente, pois é o resultado da descoberta.

Após a fase de descobertas dos aspectos técnicos da informática, do arquivo que será guardado, do *software* de edição e, principalmente, do conteúdo, os alunos descobrem que podem dominar rapidamente a parte técnica e sentem mais dificuldade com o conteúdo. Já no momento seguinte, preparam um programa de 30 minutos para a Rádio USP, um programa elaborado e complexo para, posteriormente, participarem da disciplina de Radiojornalismo, na qual irão produzir notícias, estando mais amadurecidos do ponto de vista jornalístico e, no terceiro ano de curso, vão diretamente para o radiojornal.

> Acredito que o ensino passe necessariamente pela descoberta, mas ainda existe um vácuo entre o primeiro e o terceiro ano aqui na USP. Esse vácuo deveria ser aproveitado por algo que eu chamo de “projeto diagonal” no curso, seja um programa de rádio semanal, seja qualquer outra coisa que os alunos interessados pudessem participar.

Os alunos do primeiro e do último anos estão participando de um projeto diagonal para a IPTV (Internet Protocol Television). A ideia de misturar alunos que entendem mais de televisão com outros que estão aprendendo a experimentar é interessante. Outro projeto, conhecido como “Redigir”, admite pessoas de qualquer estágio no departamento, não é vinculado a disciplina alguma e é uma iniciativa dos alunos em que alguns recebem, inclusive, uma bolsa para trabalhar.

Para Santoro, a rádio deveria ter algum projeto nessa mesma linha. Talvez mais temático trabalhando com jornalismo científico, divulgação científica ou literatura, por exemplo. Essa prática se uniria à descoberta do aluno quanto às potencialidades do veículo, a exigência de um bom acabamento, sonora, conhecimento de *softwares* e a produção desse primeiro programa com 30 minutos de duração.

A jornalista Mariza Tavares explica que há uma tendência de a televisão ser a primeira opção para os estudantes universitários por ser um "mundo dourado". Porém, quando o jovem jornalista decide vivenciar o rádio se encanta com as possibilidades que o veículo proporciona. "Trabalhei 20 anos no impresso e este é o meu primeiro período radiofônico. Se eu soubesse que era assim teria migrado antes, adoro a rapidez da execução e a possibilidade da execução dos projetos."

A professora Suely Maciel conta que os alunos chegam à universidade sem saber, inclusive, o que é o jornalismo.

> Se colocarmos em uma escala eles sabem, mais ou menos, o que é o jornalismo televisivo, ou melhor, jornalismo feito na televisão ou para ela, ou impresso e internet, o rádio eles não têm noção, pois não ouvem.
>
> Então nós ouvimos dos alunos que o rádio é chato e partimos para o ensino com a prerrogativa do desconhecimento total que possuem dos veículos, das mídias sonoras que. Consequentemente, envolve o desconhecimento da incorporação ou da capacidade de manipulação das linguagens para as mídias sonoras, ou seja, som, efeito, música e a palavra.
>
> Isso simboliza uma dificuldade de apreensão da nossa realidade que é feita de texturas, sons, imagens, afinal nós temos cinco sentidos. Na universidade, essas limitações devem ser consideradas já que o estudante, se não tem sensibilidade para ouvir o mundo, não terá para ouvir as produções de mídia sonora, quiçá o jornalismo.

Para Maciel, o ensino do radiojornalismo tem que começar desmontando esses desconhecimentos, a falta de familiaridade e ensinar o aluno a ouvir, perceber e sentir o mundo. "Quando fazemos este árduo percurso é como se tivesse inventado a pólvora, o aluno diz: 'Nossa! É mesmo?'."

Depois que essas ideias são desconstruídas, Suely dá sequência ao curso de radiojornalismo. Para ela o ensino se depara com duas coisas. A primeira é quanto à formatação do profissional para o mercado de trabalho, o qual é engessado, com as mesmas

pessoas e que não produz nada de novo. E a segunda é dar a opção ao aluno para que ele possa extrapolar essa formatação clichê, comum e generalista.

> Da mesma forma que o mercado é feito daquilo que foi aprendido na universidade, o aluno também não pode fechar os olhos para aquilo que está no mercado de trabalho. O ensino do jornalismo de rádio tem de saber dosar esses dois aspectos: ensinar o padrão do mercado mas, ao mesmo tempo, permitir ao aluno criar e perceber que há outras possibilidades. E mais do que isso é deixá-lo experimentar, a universidade é o palco para esta experimentação, o mercado de trabalho é o local em que ele colocará em prática seus formatos diferenciados. A escola tem um papel primordial, principalmente agora com as novas mídias.

A professora Márcia Detoni explica que trabalhar a textura das radiorreportagens na universidade é muito difícil no Brasil, pois as pessoas acabam não conhecendo esse tipo de formato, ou seja, alunos não ouvem. Além disso, os cursos de jornalismo têm dado cada vez menos destaque para o rádio.

> No Mackenzie, ano passado, os alunos tinham dois semestres de rádio, hoje temos somente um e este período é pequeno para abranger todos os gêneros do rádio. Nós percebemos que há pouca ênfase no ensino para as possibilidades sonoras do rádio. Assim, é mais comum encontrar reportagens mais objetivas, frias e padronizadas e, quando há algo interessante, percebe-se que essas radiorreportagens agradam demais o público e ganham prêmios.

Em contrapartida, Detoni conta que o maior problema para o professor é quando o aluno não ouve rádio. Para ela transformar seus hábitos, fazendo que eles considerem ouvir rádio, é o primeiro desafio. Em seguida é importante que ele se sensibilize com o formato para que possa perceber que é um bom lugar para encaminhar sua profissão.

A falta de perspectiva de uma grande carreira no rádio é uma das maiores dificuldades. Porém, ao chegar ao final do curso, os alunos começam a perceber a importância do veículo, começam a fazer estágio, vão para a redação ouvindo rádio no carro, no ônibus, para chegar à redação informados e, nesse momento, desenvolvem uma relação com o veículo. “Demora um pouco para eles perceberem que rádio é legal, mas como é um veículo que não tem bons salários, isso os desestimula.” Outra questão diz respeito à formação dos

professores, que não são preparados para um rádio mais dinâmico em termos de reportagens especiais.

> Trabalhamos mais do que o mercado de trabalho está pedindo, o rádio jornal, aquela entrada de um minuto ou dois, o debate... Mas, por exemplo, o rádio documentário, que é um formato diferente da radiorreportagem, poderia ser mais trabalhado por ter uma vocação mais artística e ser o local onde o ouvinte pode encontrar mais a emoção, onde ele pode fugir do relato informativo e trabalhar histórias que vão conscientizar, gerar reflexão e transformar.

Para Márcia Detoni, estes formatos deveriam ser mais bem trabalhados na disciplina. Ela enxerga o rádio como o grande veículo do momento no Brasil. Em função da riqueza das produções nas rádios comunitárias, mais de 20 mil possuem um espaço no país, embora somente 7 mil sejam legalizadas. “A população tem um desejo muito grande de falar, de se comunicar, e ela encontra no rádio uma possibilidade de expressão em vista dos baixos índices de alfabetização no Brasil.” Estes fatores levam as mídias orais ou a televisão a se consagrarem como importantes opções de informação.

> O que falta é a capacitação do novo jornalista, mas também cursos de extensão e a habilitação dos que trabalham em rádios comunitárias para que eles não repitam o modelo comercial e percebam a capacidade que o rádio tem de mobilização e a exploração dos diferentes formatos do veículo. O ensino não deveria se limitar aos futuros jornalistas, mas também a todas as pessoas que estão trabalhando em rádio de uma forma geral.

Para Julio de Paula há uma tendência de os alunos reproduzirem os padrões habituais do mercado, principalmente com relação ao tempo. “No rádio não é possível fazer uma radiorreportagem com o tempo de um a três minutos. É pouco para contar uma história.”

Ele reforça que é importante dar espaço para o ouvinte absorver e pensar a informação, e isso não acontecerá se as universidades continuarem ensinando os alunos seguir um perfil preestabelecido sem deixar sua criatividade agir. “Mesmo as emissoras culturais, que não deveriam ter essa preocupação com o relógio, são influenciadas pelos hábitos do rádio comercial.”

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após levantamento conceitual, o objetivo foi buscar uma definição contemporânea do conceito de radiorreportagem e como ela se desenvolve atualmente. As discussões dos resultados foram permeadas pelo cruzamento das informações levantadas durante a pesquisa em conjunto com as definições dos autores de livros, pesquisadores, professores e profissionais da área.

Quando utilizamos o termo *radiorreportagem* para designar um produto em áudio feito para um veículo sonoro, no caso o rádio, a primeira questão que se levantava dizia respeito ao motivo que levaria o ouvinte a se interessar e a buscar a radiorreportagem. Considerando os resultados qualitativos das entrevistas foi possível observar que a sensorialidade, característica do rádio amplamente citada pela pesquisadora Gisela Swetlana Ortriwano, é o elemento fundamental de conexão entre o ouvinte e a cena reportada pelo repórter – estando ele fazendo a narração do local do acontecimento ou não.

A potencialidade criativa do veículo é vista pelos pesquisadores e profissionais da área como sendo utilizada mantendo o olho do repórter nas ruas, no factual e, principalmente que o jornalista tenha testemunhado a ação, ou seus desdobramentos, fazendo que a sua narração busque se aproximar da imparcialidade e que se aproxime o máximo possível da realidade.

Em contrapartida, os entrevistados citaram a importância da proximidade do repórter e suas impressões pessoais em detrimento do seu afastamento do palco da ação. Nesse contexto , a imersão do repórter nos acontecimentos, e o seu bom preparo intelectual, auxiliam o repórter no relato da notícia. Assim o ouvinte se aproxima e se transforma também em testemunhas dos fatos citados na radiorreportagem.

O mergulho desse ouvinte e sua capacidade de recriar as imagens mentais a partir da narração do repórter despertam seu interesse e o aprofundamento em determinados assuntos, bem como os repórteres, ou contadores de histórias, precisam se valer dos mais ricos elementos da linguagem radiofônica para suprir essa necessidade.

Sendo assim, destaca-se a importância do repórter no local do acontecimento para que possa narrar algo que realmente tenha vivenciado. A narração deve vir de algo presenciado e não somente de algo lido e estudado. Já o papel do repórter não pode ser eliminado desse processo jornalístico. Os únicos fatores que se recontam são as opiniões e vozes dos entrevistados, testemunhas e demais pessoas que participaram de outros momentos do acontecimento. Tais fatores derrubam a utilização do telefone nas redações e evidenciam a

falta de recursos financeiros das emissoras para investirem em repórteres que saiam às ruas, além do comodismo e das facilidades da internet, que não podem e não devem substituir o papel do jornalista e sua fundamental presença na ação.

Outra questão que se discute e que esbarra nas dificuldades de se fazer radiorreportagens diz respeito ao tempo. É possível observar que o espaço destinado à publicidade esbarra com a ilusória necessidade das emissoras de informar o ouvinte sobre todas as coisas. O rádio oferece o aprofundamento através de radiorreportagens especiais, séries e outros elementos que completam as informações sobre um determinado assunto. Essa característica que une quantidade à velocidade pertence à internet, porém, nesse caso, o leitor age como editor dos seus interesses e gostos, buscando o que lhe interessa e podendo escolher quais links abrir ou fechar.

O radiojornalismo precisa se posicionar como o veículo que possibilita o aprofundamento dos assuntos mais importantes por meio da produção de radiorreportagens. Evidencia-se que é fundamental que ele se diferencie e invista na sua particularidade. Essa necessidade ilusória do *All News* esbarra em outra característica do rádio que tem sido deixada de lado. O rádio é o veículo mais veloz para noticiar os acontecimentos factuais, a fala é mais rápida que a produção de um texto, por exemplo, e o excesso de informação pode prejudicar a retenção.

E para que ele continue caminhando no seu espaço e destinando suas produções ao ouvinte, os elementos da linguagem radiofônica – música, palavra, ruídos (e efeitos) – são fundamentais para a ambientação sonora do ouvinte, que está distante fisicamente do local daquele evento. Sem esquecer o processo de edição e finalização da radiorreportagem com a utilização de arquivos e da radiodramaturgia, além de *softwares* que auxiliem nos cortes e na montagem da matéria.

A evolução dos aparatos técnicos é crescente ao mesmo passo que o espírito do repórter se esvai. O repórter que utiliza os recursos tecnológicos pode se afastar da cena, e seu relato não deve ser colocado em segundo plano por conta da manipulação de aparelhos.

A busca pela qualidade e pela velocidade, sempre presentes no veículo, auxiliam o crescimento intelectual dos repórteres, que precisam estar bem informados e se sentirem capazes para falar sobre os mais diversos assuntos com uma boa dicção.

Fitas cassetes, fichas telefônicas, Motorolas, garrinhas de jacaré, fios, gravadores, microfones, unidades fixas, unidades móveis e todos os equipamentos do mundo analógico evoluíram para o mundo digital: *e-mails*, internet, *notebooks*, *tablets* e *smartphones* entre outros. Porém, é importante que se mantenha a qualidade. Aparatos bem aproveitados na

coleta das informações não necessariamente refletirão em textos bem escritos. O analógico possibilitava a criação, e é fundamental que essa chama criativa, combustível do repórter de rádio, se mantenha acesa.

Diferenciando-se do rádio hertziano, o mundo da internet destrói as barreiras territoriais entre os países e resolve questões técnicas quanto à sintonização. Atrai o público jovem, ao integrar as redes sociais e facilita um tipo de interação com o ouvinte. Porém, a potencialidade do rádio como via de mão dupla e a busca por um sistema no qual se permite ao ouvinte o ato de ouvir, mas não de falar (questão amplamente discutida por pesquisadores e estudiosos do tema) são elementos que traduziriam a verdadeira interatividade.

Observou-se nas entrevistas a possibilidade de o entendimento da radiorreportagem não como um gênero, mas sim como uma plataforma que, por si só, leva o aprofundamento da notícia ao ouvinte ou internauta.

Abre-se assim o questionamento para o tema da convergência das mídias, em que o material é produzido por seu veículo original e, posteriormente, é absorvido por outras mídias, sobretudo pela internet. Esse aspecto diferencial de um material produzido com o intuito de convergir em diversas mídias faz com que ele se descaracterize e se transforme em outro tipo de produção.

O áudio de uma radiorreportagem disponível na internet pode apresentar links que levem os internautas ao vídeo da notícia ou a uma galeria de imagens, mas esses elementos somente complementarão um processo que deve ser finalizado quando o ouvinte terminar de escutar o áudio. Sendo assim, imagens, vídeos e diversos elementos que convergem na plataforma digital podem ser complementares para a compreensão e absorção da notícia. O fato deve ser compreendido por completo com o áudio, e os outros elementos devem se tratar de outras formas de ilustrar algo que já foi absorvido. A escuta participativa acontece quando o ouvinte absorve o conteúdo relatado e, além das interações por meio de sua opinião nos canais das rádios, a interação do ouvinte também se dá quando ele compreende a radiorreportagem, como se o processo somente fosse finalizado e cumprisse o seu papel após essa absorção.

Os entrevistados destacaram as produções, como as vinhetas, sendo importantes elementos da identidade das emissoras, a incógnita da transmissão digital no Brasil, e os sistemas que podem dispersar o ouvinte/internauta. Além disso, um questionamento levantado diz respeito ao novo modelo de negócios que deve ser pensado para o novo tipo de radiojornalismo que está surgindo.

Soma-se a esses questionamentos a questão da compreensão brasileira acerca do jornalismo multimídia que, em outros países, apresenta a integração entre as diferentes equipes/mídias de uma mesma emissora, como o rádio, a internet e a televisão, trabalhando em parceria para cobrir um acontecimento, ao passo que os repórteres de rádio brasileiros cobrem sozinhos um evento factual e têm de produzir, finalizar e transmitir os conteúdos para todas as plataformas midiáticas.

A linguagem radiofônica e a descrição dos fatos somados a entrevistas, ruídos, trilhas e inflexão da voz do repórter são essenciais para o "transporte" do ouvinte à cena relatada. A compreensão do conceito de *soundscape* ou paisagem sonora evidencia a necessidade da ambientação e da disponibilidade de tempo. Observa-se também que a influência norte-americana de comunicação objetiva nos incentivou a deixar de lado as narrativas mais longas.

Já nos bancos das universidades, os jovens ingressam no curso de Jornalismo sem o hábito de ouvir rádio. Com isso, o primeiro desafio do professor é iniciar o aluno naquele ambiente desconhecido, que é um período de descoberta. A ideia de trabalhar em rádio passa a permear a cabeça do aluno quando ele conhece o veículo, porém esse processo se esvai ao passo que ele vai para o mercado de trabalho e observa os baixos salários e a falta de perspectivas para a carreira.

As universidades têm investido pouco e dado pequeno destaque à disciplina de radiojornalismo, e neste período de experimentação do jovem, de aprendizado das possibilidades do rádio. Porém, estas ficam limitadas ao conhecimento e às necessidades mercadológicas que precisam ser transmitidas para que os alunos se enquadrem no mundo profissional. Assim, o ambiente no qual a criatividade deveria ser desperta passa a reproduzir a lógica do mercado externo, refletindo o que será exigido.

Observa-se que a forma de fazer o rádio precisa evoluir, para que as emissoras e equipes explorem melhor suas potencialidades sem descaracterizar o veículo. As universidades precisam investir em projetos diagonais e momentos de experimentações, fato inexplorado (e, muitas vezes, vetado) pelo mercado. São fatores que poderão auxiliar o jovem repórter a encontrar seu estilo de produção de radiorreportagem sem fugir das regras e se render cegamente ao que é imposto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Cristina Rosa de. **As armadilhas dos TCCs**: práticas reprodutoras ou práxis transformadoras no ensino de jornalismo? 2012. 110 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2012.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo. **Manual de radiojornalismo**: produção, ética e internet. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BARBOSA, André Filho. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

BAUMWORCEL, Ana. Armand Balsebre e a teoria expressiva do rádio**.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2005, Rio de Janeiro. **Anais**... São Paulo: Intercom, 2005, p. 1-11. Disponível em: < http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0837-1.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2013.

BESPALHOK, Flávia Lúcia Bazan. **A prática da reportagem radiofônica na emissora Continental do Rio de Janeiro**. 2006. 338 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Paulista Julio de Mesquita Filho (Unesp), Bauru, 2006.

CARDOSO, Marcelo. **O jornalismo radiofônico e as narrativas vinculadoras**: experiências de emissoras paulistanas. 2010. 150 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.facasper.com.br/rep_arquivos/2010/04/23/1272045391.pdf>. Acesso em 18 jul. 2013.

DEL BIANCO, Nélia Rodrigues; MOREIRA, Sônia Virgínia (Orgs.). **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo: Intercom; Rio de Janeiro: Uerj, 2001.

FELICE, Mauro. **Jornalismo de rádio**. Brasília: Thesaurus, 1981.

FRANCISCO, José Carlos. **O gênero entrevista no Radiojornalismo** – CBN x Eldorado: da escrita para a fala. 2006. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

GANZ, Pierre. **A reportagem em rádio e televisão**. Lisboa: Inquérito, 1999.

HAUSSEN, Doris. Rádio brasileiro: uma história de cultura, política e integração. In: BARBOSA FILHO, André; PIOVESAN, Ângelo; BENETON, Rosana (Orgs.). **Rádio**: sintonia do futuro. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 51-62.

JOSÉ, Carmen Lúcia; SERGL, Marcos Júlio. Murray Schafer e a paisagem sonora. In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci (Orgs). **Teorias do rádio**: textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2008.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2004.

LANGIE, Cíntia. A participação afetiva no cinema. Porto Alegre, **Revista eletrônica Famecos/PUC**, 2005. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/860/647>. Acesso em: 13 jul. 2013.

LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Trinta e Quatro Letras, 1993.

LIMA, Zita de Andrade. **Princípios e técnica de radiojornalismo**. Brasília: Instituto de Ciência da Informação, 1970.

LOPEZ, Debora Cristina. Estratégias para o radiojornalismo na internet: um estudo da evolução e das mudanças recentes no site da rádio CBN. In: **VIII Encontro Nacional de História da Mídia**, 2011, Guarapuava, p.1-15. Disponível em: <http://paginas.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011-1/artigos>. Acesso em: 13 jul. 2013.

LUCHT, Janine Marques Passini. **Gêneros radiojornalísticos**: análise da Rádio Eldorado de São Paulo. Disponível em: <http://www.metodista.br/poscom/cientifico/publicacoes/discentes/art/copy3_of_artigo-0067>. Acesso em: 13 jul. 2013.

MACIEL, Suely. **A interatividade no diálogo de viva-voz na comunicação radiofônica**. 2009. 248 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MEDITSCH, Eduardo. **Teorias do rádio**: textos e contextos. v. I. Florianópolis: Insular, 2005.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MENESES, João Paulo. **Tudo o que se passa na TSF**: para um livro de estilo. Porto: Jornal de Notícias, 2003.

MENEZES, José Eugenio de Oliveira. **Rádio e cidade**: vínculos sonoros. São Paulo: Annablume, 2007.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. Radiojornalismo no Brasil: Fragmentos da história. **Revista da USP**, São Paulo, n. 56, p. 66-85, dezembro-fevereiro 2002-2003. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/56/10-gisela.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2013.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. Rádio: interatividade entre rosas e espinhos. **Revista Novos Olhares**, São Paulo, n. 2, a. 1, p. 13-30, 1998.

PARRON, Milton. O radiorrepórter. **Revista USP-Coordenadoria de Comunicação Social**, São Paulo, n. 1, mar.-mai 1989.

PORCHAT, Maria Elisa. **Manual de Radiojornalismo Jovem Pan**. São Paulo: Ática, 1993.

PORTELA, Pedro. **Rádio na internet em Portugal**: a abertura à participação num meio em mudança. Ribeirão: Edições Húmus, 2011.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.

PRATA, Nair. **Webradio**: novos gêneros, novas formas de interação. Florianópolis: Insular, 2009.

VIGIL, José Ignacio López. **Manual urgente para radialistas apaixonados**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

SCHAFER, Murray. Rádio radical. In: BENTES, Ivana; ZAREMBA, Lílian (Orgs). **Rádio nova**: constelações da radiofonia contemporânea. Rio de Janeiro: UFRJ-ECO-Publique, 1997.

WITIUK, Luiz. **Um olhar sobre o radiojornalismo em Curitiba**. 2007. 166 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em: <http://tede.utp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=203>. Acesso em 13 jul. 2013.